

# PESQUISAS

---

Historia, nr. 13

Ano de 1960

---

ARNALDO BRUXEL, S. J.

*O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO  
URUGUAI*

*I. Parte*

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul

imprimiu para

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS**  
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 353 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

# PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

## Conselho de Redação

Balduino Rambo, S. J. — Diretor técnico e científico  
Aloysio Sehnem, S. J. — Secretário de Redação  
Inácio Schmitz, S. J. — Coordenador

-----

**PESQUISAS** publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em tôdas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

\*

**PESQUISAS** veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

\*

**PESQUISAS** publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redatorial staff.

-----

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

\*

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

\*

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

-----

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

\*

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

\*

We ask for exchange with publications of similar character.

# PESQUISAS

---

Historia, nr. 13

Ano de 1960

---

ARNALDO BRUXEL, S. J.

*O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO  
URUGUAI*

*I. Parte*

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul

imprimiu para

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS**  
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

# O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI

## I. Parte

Arnaldo Bruxel, S. J.

### PRÓLOGO

Existem vários trabalhos sôbre o gado rioplatense em geral, e sôbre o gado da antiga Banda Oriental e antigo Rio Grande do Sul em especial. São todos êles de grande valor, sobretudo na sua qualidade de pioneiros.

O presente estudo intenta menos dar dados novos, embora êstes talvez também não lhe faltem. Quer tentar antes uma sistematização da matéria, ajudar a pôr uma base comum na pesquisa, a fim de que se possam preencher mais fâcilmente as lacunas, que a ciência ainda deixa abertas.

Parece-nos razoável dividir tudo em duas grandes secções. Na primeira se examina o influxo dos homens na implantação do gado. Na segunda se trata do influxo do gado na fixação dos homens na antiga Banda Oriental, que compreendia a atual República do Uruguai e o atual Estado Brasileiro do Rio Grande do Sul. Pois que, como veremos, o homem nesta parte do mundo, durante séculos seguia em grande parte na pègada do boi. Mas acentuamos expressamente «em grande parte», porque não comungamos na idéia exagerada dos que pensam que tudo dependia do gado. Havia muitos outros motivos nas ações dos homens, que tiveram que ver com a antiga Banda Oriental.

Acentuamos também que a natureza dêste trabalho é dupla. O primeiro aspeto é investigar com textos, em grande parte inéditos, do Archivo General de la Nación em Buenos Aires, onde nos ocupamos de os investigar durante al-

guns meses de 1957 e 1958, até que por motivos de força maior, tivemos que desistir, por enquanto, daquela tarefa. Outra parte de textos, e são sobretudo os que ocorrem na primeira parte, acham-se na Coleção de Angelis, em parte inéditos, pelo menos para muitas das pessoas atingidas por esta Revista, em parte foram aproveitados por Aurélio Pôrto na sua História das Missões Orientais, (cuja segunda edição se publicou em 1954 na Livraria Selbach de Pôrto Alegre). Ninguém que se tenha ocupado profundamente com esta edição na sua parte referente ao gado negará que em geral os documentos não estão suficientemente explorados e sistematizados.

Daí surge o segundo aspeto dêste trabalho, que é tentar a confecção de um sistema geral de todo êste assunto, inserindo em seu devido lugar os quesitos e perguntas, que se possam levantar. Não todos, mas muitos dos que em primeira plana se apresentam ao investigador. Ninguém nega os méritos dos grandes trabalhos pioneiros que são os de Coni, Caviglia, Aurélio Pôrto e outros. Em relação ao nada que havia antes dêles são grandes trabalhos. Em relação ao que se pode e deve fazer depois dêles, carecem de algumas perfeições, sobretudo no que respeita à racionalização do assunto. Principalmente Coni e Caviglia são primeiros passos, decisivos e grandes, é verdade, mas sempre primeiros passos, mais coletâneas de fichas preciosas de referências, encadeadas segundo uma linha sinuosa de cronologia e geografia ou outros critérios de ordenação de assuntos. Aurélio Pôrto já racionalizou muito mais os assuntos, e acrescentou muitos dados novos tirados da coleção de Angelis da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Mas o seu trabalho, atenta a etapa em que se acha, ainda se ressentem um pouco da falta de sistema.

Enfim temos já muitos acervos preciosos de minérios, que podem e devem ser catados, selecionados, elaborados, até que se obtenha o metal puro que procuramos. Mas para que possa progredir a pesquisa, para que autores em colaboração possam confirmar ou negar-se mutuamente as teses, conforme os argumentos que acharem, é preciso que os quesitos sejam bem definidos cronológica, geográfica e tematicamente.

Não nutrimos a pretensão de pensar que nosso esforço escapa da pecha das deficiências relativas. Com respeito ao que precede, quer ser e poderá ser um passo para diante. Com respeito a muitos problemas de fundo e forma, com referência a muitos quesitos, que apesar de todos os esforços, ainda permanecem sem resposta, incorre necessariamente em

muitos defeitos. Outros com mais formação técnica nas mil e uma questões, com mais tempo e mais recursos de arquivos e bibliotecas, quiçá se animem a preencher os claros, que assinalaremos ou esqueceremos de assinalar no decurso deste trabalho.

Tomamos a liberdade de pedir ajuda, e oferecer a que possamos prestar a quem quer que seja, que se interesse pelo assunto.



## CAPÍTULO PRIMEIRO

### APTIDÃO E ACESSIBILIDADE DA BANDA ORIENTAL PARA A PECUARIA

#### ***PREAMBULO***

1. *Justificação dêste capítulo.* Em 1955 publicamos um esboço sôbre a origem, aptidão e acessibilidade natural dos campos riograndenses. Justificava-se aquêle estudo pelo fato de a história do Rio Grande do Sul, depender em parte, não de todo, nem sequer em máxima parte, da história do seu gado vacum, que nas primeiras décadas do século XVI foi introduzido na Banda Oriental do Uruguai e se alçou e encheu tôdas as campanhas e contribuiu muito para as causalidades históricas posteriores. Vem êste trabalho na Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre, 1955, N. 5, pg. 101-121.

A história do homem dependia em parte da do boi. A do boi por sua vez dependia do ambiente que encontrou, das pastagens naturais que estavam à sua disposição. Estas por sua vez dependiam da história geológica desta parte do sul do Brasil. Justificava-se, pois, um estudo rudimentar que fôsse, sôbre a gênese, localização e acessibilidade natural e artificial dos campos da antiga Banda Oriental.

2. *Divisão dêste capítulo.* Por alto dividimos êste capítulo em três partes principais. Tratamos primeiramente da gênese em geral das regiões naturais do Rio Grande do Sul, tomando-as mais em conjunto. Em segundo lugar da gênese, aptidão e acessibilidade natural de cada uma das cinco regiões naturais em particular. Em terceiro lugar da aptidão e sobretudo acessibilidade *artificial* das mesmas cinco regiões naturais, finalizando com as principais conclu-



sões, que fornece êste capítulo para conjeturas históricas, que podem ser necessárias, onde nos faltam os dados documentais.

Para facilitar o estudo, acrescentamos a divisão por-menorizada. Note-se que os números marginais que depois vão estar na margem esquerda das páginas, nestes esquemas de divisão, se põem em parêntesis no fim de cada membro divisório, para não estorvar a visão clara do conspetto.

Preâmbulo.

Justificação dêste capítulo (1)  
Divisão dêste capítulo (2)

Explicação.

A gênese em conjunto das cinco regiões naturais.

A constelação das fôrças que as modelaram (3)  
O predomínio dos matos ou campos nas diversas regiões (4)

**A aptidão e acessibilidade natural das cinco grandes regiões...**

A Faixa Litorânea  
Aptidão (5), Acessibilidade (6), Pormenores... (7)

A Serra do Sudeste  
Aptidão (8), Acessibilidade (9), Pormenores... (10)

A Campanha do Sudoeste  
Aptidão (11), Acessibilidade (12), Pormenores... (13)

A Depressão Central  
Aptidão (14), Acessibilidade (15), Pormenores... (16)

O Planalto  
Aptidão (17), Acessibilidade (18), Pormenores... (19)

**A aptidão e acessibilidade artificial na antiga Banda Oriental.**

Definição de aptidão e acessibilidade artificial  
Aptidão artificial (20)  
Acessibilidade artificial (21)

**Traços gerais da aptidão e acessibilidade artificial.**

Da aptidão artificial (22)

Da acessibilidade artificial (23)  
Da acessibilidade artificial (23)

Por vias marítimas (29 bis)

Por vias terrestres (24)  
para portugueses (24 bis)  
para espanhóis (25)  
para índios e Padres (26)

#### Conclusões

quanto à aptidão e difusão espontânea do gado (27)  
quanto à aptidão e difusão artificial do gado (28)

## EXPLANAÇÃO.

### A GÊNESE EM CONJUNTO DAS CINCO REGIÕES NATURAIS

3. *A constelação das fôrças que as modelaram.* — Os geólogos apontam cinco grandes regiões naturais no Rio Grande do Sul, das quais naturalmente participam as regiões da atual República Oriental do Uruguai, que não são nada mais que o prolongamento e finalização daquelas com que estão em contato. Historiadores e economistas podem dividir a terra de maneira diferente, e sobretudo de maneira mais abundante. Tudo de acôrdo com as modificações devidas em parte à intervenção posterior do homem. Mas o gado, em sua difusão espontânea e natural, teve que ater-se exclusivamente às condições geográficas naturais. E estas se caracterizam mais ou menos nas cinco regiões naturais indicadas, que são a Faixa Litorânea, a Serra do Sudeste, a Campanha do Sudoeste, a Depressão Central e o Planalto.

Quais as últimas razões desta divisão? Quais as fôrças que a modelaram? Concretizando as opiniões dos entendidos de maneira simples e concreta, devemos admitir — esquemáticamente — que havia primeiro um grande plaino na região sudeste do Estado. Dêste plaino emergia uma plataforma de granito, na região onde ainda hoje avultam seus restos na Serra do Sudeste. Depósitos marinhos e glaciais ao pé desta Serra, nos levam a supôr que, em diversos tempos, desceriam geleiras para os mares, que circundavam o altiplano de granito. Em tempos posteriores haveria ao pé desta Serra intensa vegetação, como atestam as camadas de carvão e xisto betuminoso, que serpeiam ao re-

dor da base de granito. Mais tarde ainda deveriam ter sobrevivido climas causticantes. Atestam-no as camadas de arenito que recobrem as camadas anteriores de relictos glaciais e carboníferos. Enquanto o sol esfarelava o granito primitivo, o vento que soprava naquelas alturas, espalhava as areias para os plainos dos contornos. As camadas de areia alcançaram em certos lugares espessuras de cem e tantos metros, como mostram os morros de arenito, que restaram das camadas primitivas, depois que a erosão as demoliu. Têm êste caráter os morros que se vêm ao redor de algumas cidades como São Leopoldo, Montenegro etc. São torrões gigantescos, que as chuvas e outros agentes ainda não conseguiram arrasar, e que ficaram no altiplano, agora escavado, que era outrora a Depressão Central.

Demolida, pois, em parte a plataforma de granito, e espalhadas as areias em espessas camadas, deve ter sobrevivido um grande cataclisma, cujas causas e localização ainda não se acham perfeitamente explicadas. Mas a convulsão que provavelmente se deu na costa atlântica, deve ter fragmentado intensamente a crosta terrestre, até alcançar os magmas da profundidade. A massa liquefeita começou a jorrar em imensas golfadas de lava, que escorriam sôbre as camadas de areia. A orientação geral dos declives para sudoeste parece sugerir que os magmas escorriam preferentemente nesta direção. A nítida divisão da subida da Serra nos degraus que se notam em muitos lugares, parece sugerir também que êste fenômeno esteja vinculado ao próprio curso da lava. Talvez se fizesse em ondas sucessivas, das quais as últimas, por qualquer motivo inerente à massa ou à quantidade se solidificassem a meio caminho.

Teríamos, pois, no primitivo Rio Grande do Sul dois telhados pluviais. O primeiro estaria na Serra do Sudeste, e se dirigiria para leste. Ainda hoje em dia seus grandes rios todos têm esta direção. O segundo declive seria para sudoeste, abrangeria em um primeiro tempo quase todo o resto do Estado, fora do declive leste da Serra do Sudeste. Atestam-no ainda hoje os rios, mesmo os que desaguam na grande calha do Jacuí e com êle se dirigem para leste. Parece que primitivamente tôda a bacia do Jacuí estaria dirigida para sudoeste, indo desaguar no Uruguai. Isto se deduz da direção de todos os rios que o formam, pois todos na sua parte superior têm nitidamente a direção sudoeste, como os rios da bacia do Ibicuí. Qual a causa dêstes rios depois darem uma flexão de mais de cem graus para leste, é um enigma ainda não bem decifrado.

Se acrescentarmos agora às fôrças que construíram as camadas anteriormente indicadas, as fôrças que as começaram a demolir outra vez, então teremos a constelação das fôrças que modelaram a primitiva Banda Oriental, e a deixaram na forma em que hoje se acha. Não podemos entrar em detalhes sôbre estas fôrças, que são sobretudo o clima, os ventos, as chuvas...

4. *O predomínio de matos e campos nas diversas regiões*, como consequência da ação das fôrças modeladoras anteriormente descritas.

Só podemos apresentar um quadro esquemático, geral, sem entrar em pormenores. Os rios da Serra do Sudeste vão continuar a desmantelar esta Serra, levando os detritos ao mar ou antes à Lagoa Mirim e dos Patos, que se vão formando precisamente por estas areias e pelos detritos que o mar não aceita formando a longa linha de areia que separa as lagoas do mar. O Jacui e seus afluentes continuam a escavar ainda mais a Depressão Central e a encosta da Serra, que é a futura Depressão Central. Com os materiais de demolição ajudam os rios da Serra do Sudeste a construir sempre mais a Faixa Litorânea. Os outros rios, do Planalto e da Campanha do Sudoeste, continuam a erodir cada vez mais as respectivas regiões, aprofundando vales e aterrando cada vez mais as planícies do Brasil, Uruguai e Argentina, que confinam com o Uruguai.

A vegetação, que, segundo as mais recentes conclusões dos geo-botânicos deve ter entrado pela porta de Torres e pela bacia do Paraná, procura invadir tudo, caminhando ao longo dos rios, onde há mais umidade e solos mais férteis. Em muitos lugares, dizem, que foi questão de solo não ter avançado mais. Em outros lugares é questão de tempo ainda não ter avançado mais. Fica por elucidar a famosa questão que se comenta no Rio Grande do Sul, a saber se as sub-regiões de capim, com o andar dos milênios, seriam capazes de acumular pouco a pouco tanto humus, que gradativamente teriam fertilidade suficiente para plantas maiores, e, com isto, modificando também automaticamente o regime das águas pluviais. Parece que por clima tôda a Banda Oriental poderia ser mata virgem. O que conserva grande parte da área em forma de campos, seria o solo e a umidade. Também não está perfeitamente elucidado o papel que poderia exercer o índio sôbre o desmatamento e conseguinte origem dos campos. E' verdade que segundo todos os autores, contemporâneos à catequese dos séculos 16 e 17,

cada família de guaranís, roçava um novo pedaço de mato cada cinco ou seis anos, deixando em abandono a roça antiga. E' possível que criadores modernos, que convertem a roça antiga em plantação de forrageiras e pastagens artificiais, e soltam então o gado, impedem com isto o renascimento do mato. Mas entre os índios antigos não havia gado, e entre os índios das catequeses jesuíticas não o havia em grande quantidade perto das áreas residenciais e de plantação, porque as estâncias em geral distavam centenas de klms das sedes dos Povos. Desta maneira é de supor que ou a roça antiga voltava a ser mato ou entrava no turno de cultura após dez ou quinze anos de descanso. Assim julgamos que de fato o sistema de intenso desmatamento dos índios não influiu sensivelmente na origem de áreas campestres, e estas se devem quase exclusivamente à falta de água e fertilidade no solo.

Portanto por via de regra geral podemos dizer que predominam os matos onde há mais umidade no ar e mais fertilidade no solo, e predominam os campos onde o solo não tem muita fertilidade, nem muita umidade e precipitação atmosférica.

Assim a Faixa Litorânea é constituída de areia quase pura. Além disso pouca umidade. Predomina o campo e às vezes nem há umidade e fertilidade suficientes para isto.

A Serra do Sudeste, como Serra, tem certa altitude e como decomposição de granito, tem certa fertilidade na argila dos feldspatos e outros ingredientes. Tem campos nos altos e matos nos vales, nos cones de dejeção dos rios.

A Depressão Central no meio labora em arenito, formando areia pela decomposição das rochas. Portanto esterilidade. Conseqüentemente predomínio dos campos, a não ser nas partes em que se encosta em regiões mais férteis.

A Campanha do Sudoeste teve antigamente uma capa eruptiva que dava terras férteis, como a teve também a Depressão Central. Mas hoje já trabalha a erosão em arenitos. Daí predomínio de campos.

O Planalto, ainda tem os agentes da erosão trabalhando nas eruptivas recentes. Acresce o esfriamento das umidades, obrigadas a subir, ao embaterem de encontro à encosta da Serra. Portanto fertilidade e chuvas. Daí predomínio dos matos, a não ser nos grandes divisores de águas, onde a decomposição ainda não é tão profunda, a água é menos e em todo caso faltou tempo para o avanço do mato.

## APTIDÃO E ACESSIBILIDADE NATURAL DAS REGIÕES EM PARTICULAR

### *A Faixa Litorânea.*

5. *Aptidão.* Por Faixa Litorânea se entende a terra entre Torres e Chui, entre o Oceano e uma estreita faixa a oeste das grandes Lagoas. Teria seus 34.000 Kms quadrados de superfície. É formada de areias, rios e lagoas. As areias são trazidas em grande parte da Depressão Central e do interior da Serra do Sudeste, acrescida de algum húmus e limo que os milênios criaram sobre as dunas. Em muitos lugares não têm sequer fertilidade suficiente para formar a tênue camada de capim. É claro que em outra parte, sobretudo a oeste das Lagoas, aparece solo mais fértil que comporta até matas, ainda que não muito espessas. Passa insensivelmente para o Planalto, para a Depressão Central e para a Serra do Sudeste com que está em contato. À pobreza do solo acresce o sol causticante e o vento torturante. O predomínio é do campo. Mas esta aptidão é, como sempre, relativa. Há trechos que nem dão para campo, outros que deram para mais do que para campo. A melhor porção de campo está a leste da atual cidade de Pôrto Alegre, que com o nome de Campos de Viamão, recebeu as primeiras estâncias portuguesas da Banda Oriental.

6. *A acessibilidade da Faixa Litorânea para a expansão* natural do gado, depende do ponto de vista em que nos colocamos ou colocássemos o gado. Por parte do mar nem se fala. Até para a acessibilidade artificial é bastante difícil. Na parte de Torres estão os rios da fronteira que provavelmente impediriam a passagem espontânea do gado, que vivesse alçado nas terras de Santa Catarina. Talvez mais pelas cabeceiras passasse o gado, no caso de enxergar na outra margem o pasto que lhe faltasse na margem esquerda, catarinense. Mas quando se daria tal caso? Aos rios da fronteira seguem as matas espessas dos Aparados da Serra e da Encosta da Serra, que, em todo o caso até às margens dos grandes rios Taquari e outros, embargariam a descida do Planalto, se por acaso lá se achasse o gado. Da Depressão Central, da Serra do Sudeste e da Campanha do Sul, a Faixa Litorânea está separada pelos rios Taquari, Jacui-Guaiba, pelas lagoas dos Patos e Mirim, e pela Barra da Lagoa dos Patos em Rio Grande. Portanto, barreiras hi-

drográficas. Mas também barreiras vegetais, pois que a oeste das Lagoas sempre há pastos melhores do que a leste delas, não havendo, pois, motivo para o gado espontaneamente transferir-se para a Faixa Litorânea, ainda que não houvesse as barreiras hidrográficas.

A história mostra que de fato nunca houve gado na Faixa Litorânea marítima, a não ser depois que os portugueses o meteram artificialmente, tirando-o das Vacarias e estâncias dos índios, e assegurando-o na imensa trincheira natural que para eles era a faixa entre as lagoas e o mar.

Até haver provas em contrário, não acreditamos que o gado sequer se aproximasse e tocasse nas margens ocidentais das grandes Lagoas, por haver melhores condições para oeste.

7. *Pormenores sobre a vegetação da Faixa Litorânea* se acham em Balduino Rambo: *Fisionomia do Rio Grande do Sul*, no capítulo em que trata desta Região. (Primeira Edição em P. Alegre, 1942, pgs. 12-21 e 25-40). Enumeram-se os tipos que preizam às dunas vegetadas, e que não interessam à pecuária; os tipos de dunas vegetadas, as zonas dos olhos de água, as zonas de cobertura graminácea extremamente rala, as zonas brejosas dos lagos internos, as zonas de contato com as outras regiões. Em resumo podemos dizer que, com exceção dos campos de Viamão, a Faixa litorânea a leste das Lagoas é quase infra-apta para a pecuária, ao passo que mais para oeste tem mais elementos para a criação.

### *A Serra do Sudeste.*

8. *Aptidão.* A extensão desta região está mais ou menos dada com a bacia de seus rios internos Piratini e Camaquã. É vagamente triangular e teria seus 44.000 Kms quadrados de superfície. Seu granito decomposto fornece duas classes de solos principais, segundo predomine o elemento arenoso ou argiloso. O argiloso, ainda que de per si seja de boa qualidade, foi depauperado pela intensa ação do clima. Pode-se dizer em resumo que o solo argiloso depauperado ou então o arenoso fazem predominar o campo na Serra do Sudeste. Mas nos cones de dejeção dos rios e arroios há aluviões mais férteis e umidade mais abundante, favorecendo a formação de matos. O domínio do campo levou os primeiros agricultores portugueses, que por lá pe-

netraram, a converter-se de lavradores em criadores, tanto mais que encontravam o gado nas vizinhas vacarias e estâncias missioneiras, e a criação era muito mais lucrativa que a lavoura naqueles tempos, sem comunicações para o resto do Brasil.

9. *A acessibilidade natural da Serra do Sudeste* para a expansão espontânea do gado. A Serra do Sudeste está bastante bem marcada ao norte com os taludes marginais ou seja a rampa de acesso da Depressão Central para dentro da Serra. No lado sul e oeste temos verdadeiras serras, que formam divisores de águas. No leste, temos desde a margem das Lagoas uma subida mais suave, pelos vales dos rios. Mas em contrapartida haverá as terras alagadas e matas palustres da baixada. Ao que parece a acessibilidade da Serra do Sudeste para a expansão natural do gado não era grande. Tôdas as rampas em geral se revestem de vegetações mais robustas, menos aptas para a alimentação das rezes. Portanto o gado que se encontrasse ao pé da Serra do Sudeste teria sempre a escolha entre as ridentes baixadas da Depressão Central, cheias de calor, pasto e água, e as rampas encapoeiradas da Serra, talvez faltas de pasto e de aguadas, além do trabalho da subida. Julgamos pois que a Serra do Sudeste era relativamente inacessível para a entrada natural do gado nas circunstâncias concretas que acabamos de apontar. Se as regiões confinantes fôsem desertos, então sim que subiriam, vencendo as barreiras orográficas e vegetais. Não faz objeção a estância de São Lourenço que ia desde a margem sul do Jacuí até a margem norte do Camaquã. Pois que neste caso se tratava de entrada artificial, operada pelos vaqueiros daquele povo por volta de 1700.

Não nos constam os graus de salinidade da Serra do Sudeste. Mas por via de regra há menos sal nos planaltos do que nas baixadas. Seria outro motivo para o gado preferir ficar na baixada da Depressão Central e nas Campanhas do Sudoeste, que se estendiam sem limite até Maldonado e Montevideu.

10. *Pormenores...* Encontram-se pormenores em Rambo, livro citado página 59-61. A vegetação da Serra do Sudeste conta com campos limpos, campos sujos (de pastos mais altos quase imprestáveis para o gado), vassourais, matilhas arbustivas, matos altos, capões ou matas circulares, matas virgens, capoeiras e palmares. A agricultura hoje em dia usa apenas as terras de aluvião e matas mais altas. Mas a pecuária usa quase todo o território, de modo que em 1935



a Serra do Sudeste criava 17,67% do gado riograndense. Donde se conclui o predomínio do campo sobre o mato. Os autores não indicam a proporção exata entre as áreas de matos e campos na Serra do Sudeste.

### *A Campanha do Sudoeste*

11. *Aptidão.* A Campanha do Sudoeste, fitogeograficamente continuada na República Oriental do Uruguai, é limitada no Rio Grande do Sul, no norte, pelo talude da Serra Geral, a leste pelo divisor das águas entre Oceano e Rio Uruguai, e pelas abas da Serra do Sudeste, continuando-se, como dissemos, Uruguai a dentro... Indicam-se uns 50.000 Kms quadrados de superfície. Deve ter formado antigamente um altiplano arenítico, capeado por uma camada de eruptivas recentes, como no Planalto, embora de menos altitude.

A maior parte de sua superfície já foi despida da camada eruptiva, matriz de solos férteis. A erosão já trabalha no arenito da base. Mesmo esta já foi quase totalmente demolida, ficando apenas uns restos a avultar na Campanha. Mesmo o arcabouço arenítico das coxilhas desmorona mais e mais pela erosão interna. A tendência é nivelar tudo aos brejos marginais do Uruguai.

O solo arenítico, relativamente estéril, juntamente com a falta de água que também é relativa, refrearam extraordinariamente o impulso expansionista do mato, que vinha do norte. A campanha do Sudoeste ficou assim a região campestre e pecuária por excelência. Acentuamos que este é seu caráter natural e geral, pois há trechos que fazem exceção e a técnica moderna pode de alguma maneira corrigir a natureza.

12. *Na acessibilidade natural da Campanha do Sudoeste,* devemos distinguir os pontos de partida, em que poderia ter estado o gado. Três casos principais se nos apresentam. Se o gado estivesse na margem ocidental do Uruguai, ordinariamente não teria possibilidade de entrar na Banda Oriental, nem na Campanha do Sudoeste. Se estivesse na depressão Central teria grandes dificuldades, embora não impossibilidades de entrar. Os afluentes setentrionais do Ibicui chegam até as serranias; os afluentes meridionais tocam nas cabeceiras do Rio Negro formando um grande rincão fechado entre Ibicui e Rio Negro. E' claro que o gado em última instância, e em caso de necessidade, fu-

raria entre as cabeceiras ou em váus, que porventura haja nos respectivos afluentes. Mas nas circunstâncias concretas não o faria porque teria pastos e aguadas abundantes da parte oriental da Campanha do Sudoeste, ao redor da Serra do Sudoeste, praticamente de Santa Maria para Bagé e Maldonado. Portanto ordinariamente o gado não penetraria na Campanha do Sudoeste fechada pelos rios Ibicui e Rio Negro. Historicamente se confirma êste fato porque as Vacarias do Ibicui e do Rio Negro tiveram que ser formadas artificialmente, uma vez que o gado que de fato esteve solto na Vacaria do Mar, não entrou nelas, mas continuou para o sul até Maldonado e Montevideú.

Por outro lado se o gado estivesse no rincão formado pelos rios Ibicui e Negro, não sairia tão facilmente, barrado que estaria pelas barreiras hidrográficas que ali se encontram. Tudo isto está esplêndidamente confirmado pelas fronteiras das estâncias posteriores, cujos limites sempre foram constituídos por estas barreiras, que o gado ordinariamente não transpõe, sem ser empurrado pelos homens. Os sub-rincões da Campanha do Sudoeste se tornam acessíveis entre si por vaus que haja nos rios ou pela volta que o gado dá nas cabeceiras. Veremos mais tarde que a invencibilidade de uma barreira determinada é quase sempre relativa. Depende das fôrças naturais que empurram o gado para sair duma região ou o atraem para entrar em outra. Assim o gado, em casos extraordinários, entraria nos rincões fechados da Campanha do Sudoeste e dêles também sairia para a Depressão Central e outras regiões contíguas.

13. *Pormenores...* Balduino Rambo em «A Fiosonomia do Rio Grande do Sul», ao tratar da Campanha do Sudoeste traz muitos pormenores, embora tratando o assunto sob outros pontos de vista. Aponta, mais para o norte grandes trechos de mata virgem; no resto da Campanha os capões, as matas de galeria ao longo dos rios, as matas lacustres, a vegetação dos tabuleiros, os vassourais, os parques espinilho e os campos que formam a maior parte da Campanha. E de tal maneira sobrepuja o campo que segundo afirma Rambo na obra citada (página 422) haverá poucas regiões no Brasil que sejam mais aptas para a pecuária em grande escala do que a Campanha do Sudoeste. Em 1935 quase a metade dos bovinos do Estado se criavam na Campanha ou seja de uns 10.000.000 de cabeças, que era o total, umas 4.600.000 cabeças. Dos equinos se criava na Campanha um têtço, dos ovinos cinco oitavos.

### *A Depressão Central.*

14. *Aptidão.* Não tem uma delimitação perfeitamente definida. Terá uns 30.000 Kms quadrados de superfície. Essencialmente é um longo quadrilátero encerrado entre a Serra do Sudeste e a Encosta do Planalto, e entre a Faixa Litorânea e a Campanha do Sudoeste. São as terras baixas de ambos os lados do Jacui.

Deve ter sido antigamente um altiplano, em que sobre a base profunda de granito, assentavam as camadas de arenito, capeadas de eruptiva recente. Esta estrutura antiga pode ser verificada ainda hoje nos morros, que se acham nas proximidades de São Leopoldo e Montenegro. Estes morros são torrões da antiga plataforma que ainda não foram arrasados pela erosão. Em muitos deles ainda se acham restos da capa efusiva nos topos.

A erosão na Depressão Central já trabalha há muitos milênios nas camadas de arenito. Por isso por via de regra seu solo é de areia, misturada com alguns detritos que vem de mais longe. Nos pontos de contato com as outras regiões, sobretudo com a encosta do planalto, há aluviões de terras fertilíssimas. Por isso nestas regiões se desenvolve a mata virgem. Mas em todo o resto a vegetação por via de regra é campestre, fora da beira dos rios em que costuma ser de mato de galeria e palustre.

Há menos matos e mais campos na margem meridional do Jacui. Apesar disso na primeira fase reduccional, havia sedes de povos e incipientes estâncias exclusivamente na margem setentrional. Mas isto provém do fato de que os povos guaranis eram agricultores, e por isso mesmo preferiam a margem setentrional por causa dos matos de que precisavam para os seus roçados. Na segunda fase das reduções de 1680 em diante havia só estâncias na Depressão Central, na margem norte a estância de São Luiz e na margem sul a de São Lourenço.

Resumindo: na Depressão Central predomina o campo por causa de relativa pobreza do solo.

15. *A acessibilidade da Depressão Central* deve ser considerada teoréticamente de três grandes rincões: uma ao norte do Jacui, outra ao sul e outra entre os galhos de seus dois últimos grandes afluentes. O rincão na margem norte estava fechado pelo Jacui e pelos rios que sobem para norte internando-se na encosta da Serra e na mata virgem que ali se acha. Era um recinto do qual o gado não sairia nem entraria tão facilmente, por causa da **bar-**

reira vegetal e hidrográfica, além da orográfica que era a Serra Geral. O rincão do sul estava barrado pela Serra do Sudeste, no leste pelo Vacacai, que entretanto deixava entrada e saída fácil por entre as cabeceiras do Vacacai e Camaquã. De fato uma ponta de gado que em 1637 ou 38 esteve solta na margem sul do Jacui saiu por esta porta, ajudando a formar a famosa Vacaria do Mar, que se encaminhava para sul em direção a Bagé. O rincão entre os últimos galhos formadores do Jacui estava fechado ao norte pela Serrania, a leste e oeste pelos afluentes dos Rios Jacui e Ibicui. Para sul tinha carreira livre em direção a Bagé e Maldonado. Foi de fato nesta direção que correu o gado formando o plantel principal da Vacaria do Mar. Os mapas das posteriores estâncias, que houve em tôdas estas regiões, confirmam exatamente esta teoria, porque seus limites sempre são formados por estas barreiras hidrográficas e orográficas naturais.

Com referência a outras regiões naturais, a Depressão Central seria acessível com relativa facilidade da parte da Serra do Sudeste e da parte da Campanha do Sudoeste. Seria inacessível da parte da Faixa Litorânea enquanto esta está entre o mar e as grandes Lagoas. Da parte do Planalto estaria praticamente inacessível, porque os campos da Vacaria não tinham saída natural alguma; os campos mais para oeste dificilmente encontrariam uma abra de campos na aba da Serra para se arriscarem a descer os gados, se se encontrassem em cima da Serra. Talvez mesmo só dando volta pelas cabeceiras do Ijuí e Piratini, procurando destes rincões atingir a Campanha do Sudoeste e a Depressão Central. Mas pormenores sôbre entradas e saídas naturais para o gado e para o Planalto veremos ao tratarmos desta região natural do Estado.

16. *Pormenores da Depressão Central.* Mais pormenores se encontrarão em Rambo: *A Fisionomia...* pg. 132-143, em que se descrevem detalhadamente as vegetações campestres, palustres e silváticas; e em páginas 150-162, em que se descrevem as paisagens da Depressão Central.

## **O Planalto.**

17. *A aptidão.* O Planalto tem mais ou menos a forma de meia lua, com o arco formado pelos Aparados da Serra e o rio Pelotas-Uruguai. O diâmetro ou corda passaria pela Serra Geral desde São Borja a Torres aproxima-

damente. Constitui quase a metade do Estado ou seja uns 150.000 Klms quadrados. Os solos são originários da decomposição de eruptivas recentes entre as quais se destaca o meláfiro amigdalino. Portanto solos férteis, onde a decomposição já aprofundou bastante. A este fator edáfico alia-se o fator chuva. As camadas de umidade do ar, embatem contra a encosta da Serra, levantam-se e, com isto, esfriam-se, precipitando-se em chuvas abundantes. Por isso predomina o mato em duas grandes cordas das quais uma se estende desde Torres até quase o Uruguai, ao longo da encosta da Serra, e outra, na parte oposta do Planalto, ao longo do Uruguai-Pelotas. Destas duas linhas o mato avança Planalto a dentro, ao longo dos vales, com espessuras que em certos lugares chegam a cem e mais Klms de extensão; nas cabeceiras do Taquari e do Jacui chegam a tocar os matos que sobem do Uruguai. Talvez se possa dizer que com mais uns dez ou quinze mil anos o mato ocuparia toda a área do Planalto, já que as condições de clima e solo o permitem perfeitamente. Estes fatores ocasionaram a aptidão ou falta de aptidão do Planalto para a pecuária em grande escala. As duas grandes faixas de mato, a sul e a norte do planalto, excluem a pecuária e são extremamente favoráveis a uma intensíssima agricultura à moda européia. Mas o divisor de águas entre as duas faixas deixou uma grande área ainda não ocupada pelo mato. A área é algo sinuosa e com estrangulamentos segundo avançam mais ou menos as cabeceiras dos rios de ambos os lados, levando consigo o mato em seus vales férteis carregados de água. A começar pelo leste e segundo o mapa fitogeográfico publicado por Rambo em sua *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, temos em primeiro lugar campos isolados a leste de Lagoa Vermelha. São os antigos campos da «Vacaria». Depois em redor de Passo Fundo e daí para oeste temos muitas e grandes manchas de campo, que se dirigem em sentido geral para sudoeste, sempre entre os divisores das águas do Jacui e do Ijuí. Na altura de Cruz Alta se encontram com alguns campos que vêm subindo a Campanha do Sudoeste. Isto em linhas gerais quanto a campos e matos da Planalto.

18. *Na acessibilidade do Planalto* para a expansão natural do gado temos que distinguir as diversas regiões. Os campos da Vacaria, que apontamos já no número precedente, por via de regra, deviam de estar absolutamente inacessíveis à expansão inteiramente natural do gado, porque estavam inteiramente fechados de todos os lados com bar-

reiras naturais. No sul a mata virgem da Encosta da Serra. No leste os Aparados da Serra com despenhadeiros abruptos de cêrca de mil metros de altura, revestidos também de mata virgem. No norte o rio Pelotas e as matas virgens do Uruguai. No oeste uma faixa de mato que subia de alguns formadores do Taquari e se encontrava com o mato que subia da contravertente. Esta imensa cêrca natural foi precisamente o que em 1712 levou os índios e padres a intentar lá a formação duma Vacaria artificial. Puseram 80.00 vacas com a intenção de abandoná-las a si mesmas, e, quando tivessem atingido um milhão de cabeças, ir tirar cada ano cêrca de 300.000 cabeças. Mas para atingir os campos que êles chamaram e ainda hoje se chamam da Vacaria, tiveram que abrir uma picada de uns 30 Klms de extensão através do mato.

Pode-se dizer em geral que todos os outros campos do Planalto têm mais ou menos ligação entre si por meio dos divisores de águas ainda não atingidos pelo avanço do mato. E supondo possível enfiar-se o gado por entre as cabeceiras dos rios, também diremos que havia ligação entre os campos do oeste do Planalto e as áreas campestres da Campanha do Sudoeste que ficavam na margem setentrional do Ibicui. Cremos entretanto que o gado naturalmente não tinha passagem para os campos que ficavam ao sul do dito Rio e para a Depressão Central, porque os formadores setentrionais do Ibicui se enfiam nas serranias a oeste da atual cidade de Santa Maria. Isto se confirma pelo fato histórico que as tropas de gado que mais tarde se levavam das estâncias dos povos situadas ao sul do Jacui e Ibicui, subiam por picadas penosas abertas na Serrania a noroeste de Santa Maria. Mas não será impossível que em anos de secas extraordinárias os rios que barravam a passagem para sul, secassem a tal ponto que dessem passagem nos váus mesmo, para gado inteiramente entregue a si mesmo.

Em resumo pode-se dizer que o Planalto todo e a parte da Campanha do Sudoeste que ficava acima do Ibicui era inacessível à expansão natural do gado, que partisse das outras regiões naturais da Banda Oriental ou de fora dela. E quanto à acessibilidade das áreas campestres do próprio Planalto, havia inacessibilidade natural entre os campos de leste e os do oeste do Planalto.

19. *Pormenores.* Quanto a pormenores de campos e matos no Planalto diz Rambo em sua «A Fisionomia do Rio Grande do Sul», página 216, que é tarefa difícil senão impossível delimitar as porções campestres ou silvestres do

Planalto, porque se acham disseminados por tôda a parte, ora prevalecendo em absoluto, ora recortando-se em reentrâncias mutuamente. De páginas 248 a 306 se descrevem entretanto muitas paisagens do Planalto em que aparecem bastantes pormenores, embora sob outro ponto de vista. Nos mapas modernos dos municípios não aparecem mais os matos, porque a zona já foi intensamente desmatada.

## A APTIDÃO E ACESSIBILIDADE ARTIFICIAL NA ANTIGA BANDA ORIENTAL

### *Definição da aptidão e acessibilidade artificial*

20. *Definição da aptidão artificial para a criação de gado.* Chamamos aptidão artificial duma região para a criação de gado a transformação, operada pelo homem, da terra e de suas condições, de modo que a que antes era inepta ou menos apta, agora se torna apta ou mais apta. A transformação naturalmente pode ser positiva ou negativa. Negativa, se erradica condições que antes impediam a criação de gado, como por exemplo o desmatamento que cria um campo, a drenagem que seca um banhado, de tal forma que a diminuição da água mata os pasticais imprestáveis e favorece as gramíneas, que se contentam com menos água. Pode também ser positiva pela introdução de forragens boas ou melhores do que as que havia antes.

Creemos que, por via de regra, não houve nada disso na antiga pecuária em tôda a América do Sul, pelo menos não nas regiões da bacia do Prata e sul do Brasil. Primeiro porque não havia os meios para isto e segundo porque não havia nenhuma necessidade, uma vez que abundava o campo de qualidade relativamente boa. As estâncias de São Miguel e Japeju tinham mais de 30.000 Klms quadrados cada uma. As menores de outros povos não baixavam muito de três a quatro mil Klms quadrados. Como falar então, no tempo do trabalho exclusivamente braçal, em transformar áreas de ineptas para aptas?!

Exemplos frisantes da adaptação moderna são as pastagens artificiais, que se criam em todos os Estados do Brasil e do Rio da Prata. Na Argentina os infinitos «molinos» ou bombas de catavento que puxam a água do subsolo para a superfície, tornando possível a criação de gado em centenas de milhares de Klms quadrados de campos que antes

não tinham suficientes aguadas à superfície para uma lotação condensada de gado.

21. *Definição de acessibilidade artificial.* Definimos por exemplos. A Faixa Litorânea era naturalmente inacessível para o gado das Missões. Mas os portugueses arrebanharam gado na campanha ao sul da Lagoa Mirim e o obrigaram a passar a barra da Lagoa dos Patos em Rio Grande. Desta maneira a Faixa Litorânea torna-se ou era acessível ao gado artificialmente. Os padres e índios fundaram a Vacaria dos Pinhais na hodierna Vacaria. Para isto abriram uma picada de uns 30 Klms através dos matos castelhano e português a oeste de Passo Fundo. Isto foi em 1712. Em 1727 os lagunistas descobriram aquele gado ou ao menos neste ano começaram a interessar-se praticamente por êle, abrindo por sua vez picadas ou na encosta da Serra ou na encosta dos Aparados ou por sôbre o Rio Pelotas desde o planalto Catarinense, para o Planalto Riograndense. Em ambos os casos os campos da Vacaria dos Pinhais eram naturalmente inacessíveis para o gado, mas não artificialmente. Outro exemplo é da fundação da pecuária. O gado tinha que vir do lado ocidental do Uruguai, passando por êste rio, empurrado à fôrça pelos padres e índios tropeiros. De modo semelhante em dezenas de outros casos nos passos dos rios da mesma Banda Oriental. Os rios eram uma barreira hidrográfica que foi artificialmente removida pelo influxo do homem, que obrigava o gado a passar a vau ou a nado. — Em caminhos muito transitados construiriam também pontes para transpôr mais fãcilmente as canhadas de abruptas barrancas. Cristóvão Pereira de Abreu, na estrada gadeira que reformou, desde Araranguá até São Paulo, teve que construir mais de 300 pontes. Coisa semelhante fariam os índios nos caminhos do gado para os Povos. Nas longas picadas de matos sem pasto competente para o gado seria preciso atropelar a marcha dêste para chegar com tempo a áreas campestres.

Portanto entendemos por acessibilidade artificial principalmente a *remoção de certas barreiras*, a *aceleração da marcha*, o *acrescentamento de impulsos* para atravessar uma barreira que aliás o gado não atravessaria.

22. *Traços gerais da aptidão e acessibilidade artificial na antiga Banda Oriental.*

Cremos que nos primeiros séculos da pecuária no Rio da Prata e na Banda Oriental nunca se fêz nada *para aumentar a aptidão natural* da terra para a criação de gado,



nem da parte dos índios e padres, nem da parte dos espanhóis e dos portugueses que lhes sucederam. Nos documentos nunca aflora menção alguma da derrubada de matos e capoeiras para a finalidade de criar melhores pastagens. Não se ouve nada de drenagens de águas, de irrigação, de represas e açudes, nem do estabelecimento de pastagens artificiais, nem sequer, pelo menos nas missões, a administração de sal de cozinha ao gado, uma vez que mesmo para os homens só havia sal nas grandes festas das reduções. A única aptidão artificial consistiria na queima anual dos campos, que os índios conheceriam do gosto de veados e outros animais pela terra vegetação que se levanta depois das queimadas, pelo exemplo dos espanhóis, pela insistência dos mesmos padres, que traziam o costume das estâncias de seus colégios.

23. *Outra coisa era a acessibilidade artificial.* Devemos distinguir a acessibilidade artificial que havia para o gado desde o lado de fora para dentro da Banda Oriental e a que havia entre as diversas regiões da mesma Banda Oriental entre si. Também distinguir entre as acessibilidades possíveis que havia e as que de fato foram efetuadas. Tomemos primeiro as acessibilidades artificiais de fora para dentro, e entre estas, em primeiro lugar, as que eram possíveis, ainda que nem sempre de fato efetuadas.

23 bis. *Acessibilidade artificial por vias marítimas.* Onde era possível lançar gado na Banda Oriental por via marítima?

Lançar nos portos de Santa Catarina e fazer marchar e entrar pela porta de Torres não entra neste caso. O porto do Rio Grande permitiria, ainda que com extrema dificuldade, a entrada de navios com gado. Não pela dificuldade da barra em si mesma, mas porque a barra estava em praia tão rasa, que dificilmente os navios acertavam o canal. Mesmo em 1737, na fundação do Rio Grande por Silva Pais, a barra ainda recebia a qualificação de diabólica por causa da sua invisibilidade, apesar de já se acharem caminhando por lá os lagunistas a mais de 40 anos. Já no estuário do Prata havia os portos de Maldonado, de Montevideu e de Colônia, e talvez uma que outra enseada mais pronunciada, e ainda a última parte do Rio Uruguai. Todo o resto da costa atlântica é tão raso e perigoso, que se pode dizer que não havia acessibilidade por via marítima. De fato, porém, nenhuma destas possibilidades marítimas foi aproveitada. E não foi aproveitada por portugueses por-

que obstava a resistência política da Espanha. Não foi aproveitada por Espanha, porque lhe sobrava gado, e terra para gado, perto de suas cidades.

24. *Acessibilidades artificiais por via terrestre.* Teoricamente poderiam ter introduzido gado por via terrestre muitas nações, mas praticamente só entram em questão os portugueses, os espanhóis, os índios com os padres.

24 bis. *Acessibilidade artificial terrestre para os portugueses.* Havia evidentemente tantas possibilidades quantas havia de entrarem os portugueses na Banda Oriental por via terrestre. Primeiramente poderiam de qualquer maneira chegar com gado aos portos de Santa Catarina e lançar o gado por via terrestre pela porta de Torres. Depois poderiam descer sobre o planalto paulista, paranaense e catarinense até Lages mais ou menos. Daí poderiam descer (como mais tarde subiram) para Araranguá e entrar por Torres. Ou poderiam entrar através do Rio Pelotas no Planalto Riograndense e daí por picadas descer ou os Aparados da Serra, ou pelos vales dos rios dos Sinos, Taquari, Pardo, Jacuí, chegando assim à Depressão Central, donde teriam caminho aberto para toda a Banda Oriental. Ou desde o Planalto seguir pela divisa das águas até a altura de Cruz Alta, donde teriam acesso (artificial, se entende!) para a Campanha do Sudoeste e para toda a Banda Oriental. Ou ainda no planalto Paranaense encaminhar-se para o Paraná, descer na sua margem direita ou esquerda até uma altura conveniente de alcançar o Uruguai, que transposto lhes daria acesso artificial, para o gado que levassem a toda a Banda Oriental. Portanto três vias de entrada terrestre possíveis para os portugueses: uma a leste, outra a norte, outra a oeste da Banda Oriental. — Acrescentemos logo que por todas estas vias entraram alguma vez bandeirantes ou portugueses, mas nunca trouxeram gado algum consigo. E para que trazer gado, se os bandeirantes nunca se interessaram em ficar na Banda Oriental e quanto a gado, o tinham de sobra em São Paulo mesmo? É um erro histórico grave chamar de bandeirantes os paulistas que fundaram Laguna e Colônia e ajudaram a fundar Rio Grande. Pode ser que algum dia os bandeirantes antigos se teriam resolvido a ser fundadores e trazer gado para a Banda Oriental, se não fossem tão duramente escarmentados em Mbororé e se não se tivessem desviado os seus interesses para as regiões de minas e garimpos diamantíferos. Os bandeirantes, em geral, nem sequer levavam cavalos, porque

sua intenção era atravessar os matos à cata de índios. E para esta finalidade os cavalos só teriam estorvado por não poderem seguir os donos nas estreitas picadas das matas cerradas.

Parece que a pecuária de Laguna começou com gado trazido por via marítima desde São Vicente em São Paulo. Mas bem cedo perceberam os lagunistas que nas campanhas do sul marchavam dezenas e mesmo centenas de milhares de cabeças de gado vacum. Para que, pois, levar gado lagunista para a Banda Oriental? Talvez levassem gado menor como porcos, cabras e ovelhas, ainda que nem isto consta, quanto saibamos.

25. *Acessibilidade artificial para os espanhóis.* Por mar a mesma que a dos portugueses e de qualquer outra nacionalidade. Por terra, se vingassem os estabelecimentos dêles na atual costa sul do Brasil, teriam praticamente as mesmas entradas terrestres possíveis que os portugueses. Mas o caso é que não vingaram. Restam as acessibilidades artificiais terrestres desde as cidades que de fato fundaram no Rio da Prata. De Buenos Aires poderiam levar gado por água ou também por terra, atravessando as ilhas do delta ou varando Entrerrios mais para o norte. De Santa Fé podiam passar à banda oriental do Paraná e daí para o Uruguai. De Corrientes passar até o Uruguai. De Assunção passar o Paraná em Itapua (Encarnación) ou Candelária e marchar até o Uruguai. De todos êstes lugares, uma vez que estivessem na Banda Oriental, teriam acesso artificial ou natural a tôda ela.

26. *A Acessibilidade artificial para índios e padres* era a mesma que para os espanhóis. Embora havendo índios guaraní na Banda Oriental, não havia gado ali.

Os espanhóis não introduziram gado com fruto permanente na Banda Oriental. Ver-se-á mais tarde que é bastante certo que o gado que Hernandárias levou de Buenos Aires em barcos para a Banda Oriental não teve arraigamento permanente. De fato os índios levaram gado vacum e cavalos desde Corrientes e Santa Fé e gado menor, sobretudo ovelhas desde Santa Fé e Buenos Aires.

## CONCLUSÕES.

27. *Conclusões sôbre a aptidão e acessibilidade natu-*

*ral*... Não tomando em conta a diferença que há na aptidão das áreas campestres do Estado, uma vez que há campos de primeira, de segunda e de terceira qualidade, e atendendo apenas à predominância ou não dos campos sobre os matos, temos a palavra de Rambo em «A Fisionomia do Rio Grande do Sul», P. Alegre 1942, pg. 319: «Arredondando os números podemos dizer que cerca de dois quintos são mato, três quintos são campos. Ou seja em números absolutos 131.986 Klms quadrados são de campos, 98.327 são de mato, o resto não são nem matos, nem campos propriamente ditos, mas formações intermediárias, como cerrados, vegetação litorânea, campos inundáveis, e outras áreas, que entretanto podem de alguma maneira ser adnumerados às duas categorias anteriores principais».

Quanto ao resto da Banda Oriental... «Todo o Uruguai (Rep. Oriental do Uruguai) é revestido de campos; de vegetação florestal só existem capões, galerias, e mata de pequenas proporções nos lugares mais férteis e abrigados entre os morros. Tudo isto devido à pobreza do solo, ao clima, à pouca chuva e fortes ventos do sul». (Rambo, *ibidem*, pg. 330).

Quanto à *acessibilidade natural da Banda Oriental* para a penetração espontânea do gado temos que, se o gado estiver fora da Banda Oriental, ela fica naturalmente inacessível por causa das barreiras naturais que a cercam.

Quanto à *acessibilidade interna* temos várias partes que são naturalmente inacessíveis desde as outras partes. Mas esta inacessibilidade interna tem graduação diferente. Assim a Faixa Litorânea e os campos da Vacaria eram totalmente inacessíveis à expansão inteiramente natural do gado. Os campos que ficam ao norte do Ibicui e acima do planalto na sua parte média e ocidental são muito inacessíveis, ainda que menos do que as duas partes anteriormente citadas. No resto de toda a Banda Oriental há rincões que formavam mais tarde estâncias, sinal de que as barreiras, que as separavam, eram ordinariamente impassíveis para o gado, sobretudo se nas poucas portas que havia se colocavam os índios posteiros. Tais rincões eram sobretudo o território ao norte do Jacui, o de dentro da Serra do Sudeste, o rincão formado pelos rios Ijuí e Ibicui, Ibicui e Rio Negro, Rio Negro e Santa Lucia. Mas note-se que todos estes rincões eram só relativamente inacessíveis. O que é o mesmo que dizer que eram relativamente acessíveis. Havia apenas mais dificuldade nestas partes do que na região que corria da atual Santa Maria para o sul, em direção a Bagé e Maldonado. Aí não havia barreira alguma

e esta era a razão porque aí se formou a famosa Vacaria do Mar, de que falaremos mais tarde.

28. *Conclusões sôbre aptidão e acessibilidade artificial.* O único influxo humano sôbre aptidão ou maior aptidão dos campos que se conhece na história, talvez seja a queima anual dos campos.

Quanto à acessibilidade artificial dos campos naturais, podemos mencionar, sobretudo, a abertura de picadas na barreira de matos, que vedassem o acesso a alguma região campestre aproveitável para a criação, de modo que o gado passasse por si mesmo ou tocado por vaqueiros humanos. Além disso em geral a violenta condução das tropas através de barreiras hidrográficas ou orográficas, que por si mesmo o gado não passaria.

Exemplos clássicos são os caminhos, as picadas, os passos dos rios que veremos mais tarde ao tratarmos de Vacaria, e estâncias.

## CAPÍTULO SEGUNDO

### IMPULSO E REPULSA NA DIFUSÃO ESPONTÂNEA DO GADO BOVINO

#### INTRODUÇÃO.

29. *Distinção fundamental.* Não se pode inculcar bastante a grande diferença que há entre a difusão inteiramente espontânea do gado e a expansão levada a efeito pela mão humana. Esta difusão forçada corresponde à acessibilidade artificial de que falamos anteriormente, e que consiste essencialmente na remoção de barreiras, na abreviação de etapas, na adição de impulsos ou repulsas aos impulsos e repulsas naturais do gado. Na difusão inteiramente espontânea o gado fica entregue a si mesmo, sem influxo algum do homem, nem no gado nem nas condições do solo para onde vai o gado. Cremos que hoje já não existe tal expansão inteiramente espontânea de qualquer espécie de gado maior e menor na América Latina. Mas nos

tempos da Conquista havia no Rio da Prata muitas e grandes Vacarias, em que se processava a difusão espontânea. Assim em Buenos Aires havia a dos cavalos desde 1541 mais ou menos e a das vacas desde 1580 em diante. Nas cidades de Santa Fé e Corrientes as havia de vacas e cavalos, da data da sua fundação em diante, sobretudo na margem esquerda do Paraná. Em Assunção talvez menos por haver menos campo desimpedido à disposição. Na Banda Oriental houve a Vacaria do Mar de 1640 em diante até entrado já o século seguinte. Quase tôdas as outras cidades argentinas do meio e do oeste tinham as suas Vacarias em grau menor ou maior, onde o gado se difundia espontaneamente.

A difusão forçada, em geral, precede cronològicamente à difusão espontânea. Pois os povoadores levavam o gado de suas cidades de origem, e estabeleciam-no em estâncias, que se achavam fechadas por alguma vedação natural: rios, arroios, matos, banhados... Mas o gado ou por encher os rincões das estâncias, ou por não encontrar mais condições de vida, como por exemplo por ocasião das grandes sêcas ou por outras causas, saia dos rincões da estância para os terrenos baldios em contôrno. Não havendo gente para recolhê-lo de novo (como aconteceu em Buenos Aires, em que duma feita morreu a maior parte dos escravos, numa peste que deu na cidade e no campo), o gado se afasta cada vez mais, escapa inteiramente da vista e do contrôle dos homens, se torna alçado, silvestre, «chimarrão». E eis que está formada a Vacaria, eis o gado inteiramente entregue às leis da difusão espontânea. Então obedece exclusivamente aos seus instintos e às condições da natureza ambiente.

Na difusão artificial sempre se impõe de alguma maneira a vontade do homem. Entram também as leis da difusão natural, mas não exclusivamente, porque o homem supera as barreiras por meio de picadas, de pontes, de rampas de acesso, de atropelamento das etapas, de modo que o gado atravessasse indene algumas barreiras, que, entregue a seus instintos, não conseguiria passar.

Antes de continuar êste estudo devemos portanto alinhar alguns dos fatores que impelem ou repelem, algumas das barreiras que se costumam opôr nestas regiões à propagação espontânea do gado. Falece-nos tempo, espaço e competência para apresentar um esquema completo e perfeito, nem sequer do que se dá por estas partes. Nem podemos evitar inteiramente a interpenetração das definições que se nos oferecem. A salinidade pode ser demais e pode ser de menos. No primeiro caso é repulsa ativa e no segundo

caso é repulsa negativa ou carencial. E mesmo em graduação suficiente pode haver um mais e um menos, fazendo declinar pouco a pouco o gado do bom para o ótimo. Vamos pois chamar a salinidade um fator positivo que atrai ou um fator negativo que repele ou vamos dar-lhe o nome de barreira, pois que no limiar de uma zona de demasiada ou insuficiente salinidade existe, sem dúvida, alguma, uma barreira, que obsta ao avanço do gado? — Assim se dá com outros fatores. — Por isto não se espere neste capítulo uma codificação completa e perfeita, nem sequer dos fatores que se costumam dar na Banda Oriental. Queremos apenas alinhar os conceitos fundamentais, já que tanto se tem que mencioná-los na continuação dêste trabalho.

**30. Divisão dêste capítulo.** — Temos que considerar as fôrças que atraem, as fôrças que repelem, as barreiras que se opõem à marcha do gado, a proporção que deve haver entre fôrças e barreiras, para estas poderem ser vencidas. Por fim teríamos que aplicar os conceitos na Banda Oriental.

**1. Fôrças positivas que atraem o gado para alguma parte.**

- |                             |                           |
|-----------------------------|---------------------------|
| 1. A comida (31)            | 5. A «querência» (35)     |
| 2. A bebida (32)            | 6. Os abrigos (36)        |
| 3. O instinto sexual (33)   | 7. O clima (37)           |
| 4. O instinto gregário (34) | 8. A salinidade (38) etc. |

**2. Fôrças negativas que afastam o gado de algum lugar.**

Conceito geral sôbre a relatividade de muitos fatôres negativos. (39)  
Fatôres negativos em concreto.

Primeira classe: ausência absoluta ou relativa dos fatôres que atraem. (40)

Segunda classe: presença de fatôres que ativamente repelem. (41)

Animais maiores e menores

Homens (índios), que em nada cultivam o gado mas apenas se comportam como feras inteligentes para com êle.

Fenômenos da natureza inanimada, causados por agentes meteóricos (chuvas, ventos, tempestades), hidrográficos (enchentes...), climáticos (frios ou calores que ajam sôbre o gado diretamente, não mediante a comida e bebida tão sômente).

**3. Barreiras que se opõem à prossecução da marcha espontânea do gado.**

Conceito geral de barreira para o gado. (42)

Barreiras negativas que se identificam com as fôrças que repelem  
Barreiras positivas, que «ativamente interceptam a marcha»...

Distinção entre barreira absoluta e barreira relativa  
Barreiras em concreto.

- |                                 |                                  |
|---------------------------------|----------------------------------|
| 1. Barreiras hidrográficas (43) | 2. Barreiras vegetais (44)       |
| 3. Barreiras orográficas (45)   | 4. Barreiras químicas (46)       |
| 5. Barreiras climáticas (47)    | 6. Barreiras «sociais» (48)      |
|                                 | 7. Barreiras «raciais» (49) etc. |

#### 4. Proporção entre barreiras e fatores para que a barreira seja vencida.

Dependência absoluta e relativa (50)

Proporção em concreto: confecção de escalas... (51)

#### 5. Aplicação de tudo à Banda Oriental (52)

1. Aplicação parcial em casos ocorrentes neste trabalho...
2. Aplicação total, que ainda carece de muitos elementos de preparação.

## EXPLANAÇÃO.

### FÔRÇAS POSITIVAS QUE ATRAEM O GADO PARA ALGUMA PARTE.

31. *O pasto ou a comida.* — Tratamos apenas das pastagens naturais (ou tornadas naturais por sua difusão natural, se por acaso alguma forrageira, não autóctone, escapar do contróle do homem). Não queremos entrar em pormenores, mas apenas apresentar alguns tópicos que sirvam para coordenar uma discussão sôbre o assunto da difusão espontânea do gado. Haverá lugares na América do Sul em que falta o pasto totalmente. Na Banda Oriental não há tais trechos inteiramente privados de pasto, a não ser pequenas partidas na praia do mar. Mesmo a magra faixa de areias entre a Lagoa dos Patos e a costa do mar contém tantas pastagens naturais, que em 1730 havia bastantes estâncias lagunistas por lá. Como lugar de pasto nenhum podia-se considerar também a densa mata virgem que cobre a encosta da Serra e as margens do Uruguai superior. Mas neste caso a ausência já começa a ser relativa. Fora destes dois casos extremos, e de uma que outra mancha menor, o caso da pastagem na Banda Oriental é sempre relativo, isto é, há casos de pouco, de suficiente, de abundante pasto para o gado. Também há os casos em que a insuficiência ou abundância é apenas temporária, causada por fatores eventuais, como sêcas, gafanhotos, geadas etc., não influindo permanentemente na qualidade e quantidade do pasto. As causas permanentes estão no solo e no clima. Deve haver cer-



ta carência de fertilidade e umidade para impedir o surgimento de vegetações mais abundantes e deixar apenas o revestimento gramináceo.

Por via de regra todos os campos da Banda Oriental são relativamente bons. No seu aspeto geral se pode dizer que, se classificarmos os campos do Planalto como de terceira qualidade, teremos os da Campanha do Oeste de segunda, e os da fronteira com a República do Uruguai como de primeira classe. Assim Souza Docca e outros. Os campos da Depressão Central e de algumas partes boas da Faixa Litorânea oscilam no meio. Mas notemos que em tôdas as regiões há manchas ótimas, boas e menos boas.

Daí concluimos que o fator comida é aproveitável, mas não muito para conjeturar sôbre a marcha da difusão espontânea do gado na antiga Banda Oriental. Tanto mais que em tôda a parte temos a complicação com outros fatores atraentes e repelentes, e com as barreiras maiores ou menores, que se lhe possam opôr.

Creemos que a interpretação conjetural da história do gado segundo o critério da melhor ou pior pastagem, só permite umas linhas gerais. O gado fugirá das regiões empananadas, com suas gramíneas duras e altas, para o topo das cochilhas, onde os campos em geral são mais limpos. Em sentido geral fugiria, se fàcilmente pudesse, do Planalto para a Campanha do Sudoeste e desta para a região de Bagé e Maldonado, porque em linhas gerais melhoram os pastos nestas direções.

De resto, cremos que o pasto causaria apenas uma certa nucleação de gado dentro da referida região, formando manchas de população bovina mais densa, entremeada de lotações mais rarefeitas. Mas não causaria o abandono total duma região em benefício de outra, a não ser que intervenham outros fatores atraentes ou repelentes.

De fato a História do gado aponta a marcha para sul sôbre a divisa das águas do Atlântico e as do Uruguai, portanto exatamente no sentido do melhoramento do pasto. Mas aqui influiu grandemente a ausência de barreiras nesta direção. Também não consta se a migração do gado se fêz em forma de enchente, que fica no lugar onde está e vai enchendo sempre mais novos lugares, ou se se fêz em forma de nuvem que abandona um lugar e vai parar em outro.

32. *A bebida.* Em geral onde há pasto também há água. Mas nem sempre. No pampa argentino há pastos por centenas de Klms de extensão, e pode ser que no verão haja dezenas e dezenas de Klms de campo sem uma gôta de água

à superfície. Modernamente se vê uma floresta de cata-ventos desde Buenos Aires até Córdoba. Em redor de cada um se aglomera o gado para beber da água que o «molino» puxa do subsolo, onde se encontra em abundância. Em tôda a Banda Oriental, e mais no Rio Grande do Sul do que na República do Uruguai, o campo está dobrado em coxilhas, favorecendo o aparecimento da água à superfície. Em muitos lugares a água, que, para deixar a terra em campo, é demasiada, forma pastizais e mesmo matas cerradas. Pode ser que alguma sêca extraordinária obrigue o gado a emigrar para mais longe à procura de água potável. Mas passada a sêca voltará, se de resto há boas condições.

Creemos que o fator aguada por si só nunca conseguiria fazer que o gado na Banda Oriental abandonasse totalmente uma região, mesmo porque sem água nunca teria entrado nela. Em tôda a parte há aguadas mais ou menos abundantes, mas nunca faltam de todo. Creemos que a conexão entre pastagens e aguadas pode causar, como dissemos acima da pastagem, uma certa nucleação do gado em manchas bem lotadas, misturadas com manchas vazias ou menos bem lotadas. Mas também é concebível, que na direção, em que melhoram pastos e aguadas se produza uma correnteza migratória mais forte, devido à maior procriação e sobrevivência e devido à mais forte atuação do instinto gregário etc.

Devemos antecipar aqui que uma circunstância muito importante da bebida é a sua salinidade, tanto na qualidade como na quantidade. Em tôda a Banda Oriental não constam extremos de deficiência ou demasia. Haverá apenas diferenças regionais, de transição quase insensível. Na costa do mar pode haver certa demasia. Dizem os autores que em geral a salinidade está mais abaixo do bom e ótimo no Planalto, que na baixada da Campanha do Sudoeste, da Depressão Central e da Faixa Litorânea, e que a salinidade na faixa da fronteira com o Uruguai está mais perto do ótimo do que nas regiões que lhe são contíguas para o norte.

O sal é absorvido no pasto e na água. A justa proporção do sal, quanto a quantidade e qualidade, tem efeito benéfico no aumento e conservação de indivíduos, e poderá por si mesmo também atrair o gado por causa do gosto. Desta maneira poderia determinar em conexão com a água uma certa direção e canalização na marcha do gado no decurso de várias gerações. Na Banda Oriental não existem casos extremos de aguadas cuja salinidade a tornasse in-

servível para o gado, como pode acontecer nas regiões dos grandes lagos salgados da Argentina.

Nas aguadas deve-se considerar também o fator distância e acessibilidade. Por causa da natureza dobrada em coxilhas da Banda Oriental, geralmente os bons pastos e as aguadas não distam muito uns dos outros. Já agora a acessibilidade das aguadas pode ser dificultada pelas matas de galeria ou pela altura das barrancas, sobretudo em tempo de grandes secas, quando se estancam os arroios, em que se abeberavam os animais. Lembrámo-nos, que em 1757 ou 8 os soldados espanhóis que ocupavam São Borja, tiveram que abrir picadas ao Uruguai, para que o gado das estâncias vizinhas não sucumbisse com a falta de água. (Arch. Gen. de la Nación, Buenos Aires, Sección Compañía).

33. *O instinto sexual.* Será que êste instinto pode influir na marcha geral do gado? Na vida livre das Vacarias não era possível a existência de um lote de rês de um só sexo. Só em casos raríssimos se pode imaginar que um animal se desgarrasse da tropa, arrebatado por uma enchente para a margem oposta do rio, e que no tempo do cio procurasse abandonar o lugar ou por seus mugidos atraísse um outro animal para o seu lado. Assim se poderia iniciar o povoamento duma região que sem o instinto animal não seria tão facilmente atingida. Cremos que o instinto sexual influi muito mais como componente que é do instinto gregário. O instinto gregário será inato, mas começa a atualizar-se e intensificar-se com a convivência forçada de vacas e terneiros, de machos e fêmeas, ou seja em outras palavras com o instituto sexual, nas suas diversas manifestações.

Cremos que esta classe de instintos não cria propriamente novas direções na marcha da difusão, mas ajuda a conservar unida a massa. Não obstante deve-se dizer que, quando pouco a pouco se estabelece uma ponta de gado em um novo rincão, criando uma nova querência, os instintos sexual e gregário impedirão a dispersão da nova casa de boi que é a nova querência. Êstes instintos podem tanto ajudar a prender num lugar como ajudar a sair dêle, segundo o maior ou menor pêso que houver no antigo ou tiver passado para o novo.

34. *O instinto gregário.* — Cremos que o instinto gregário é um grande fator tanto na retenção como na emigração do gado. Parece que se ordena para a conservação do indivíduo e da espécie. Da espécie porque em uma grande

manada há sempre maior abundância e prontidão do sexo oposto, quando chega a hora do acasalamento, evitando-se assim o demasiado parentesco dos animais. Também se obtém maior proteção para os indivíduos e para as crias porque cem ou mil olhos e ouvidos percebem mais do que dois ou quatro. Também a defesa está centuplicada contra as grandes feras, sobretudo em benefício das crias, porque um tigre que se atrevesse a atacar uma manada dificilmente se livraria dos chifres e das patadas. Só as rêzes isoladas e desgarradas estão ao alcance das grandes feras. Fazem exceção os ovinos e caprinos, que não se defendem, mas fogem, tendo, entretanto, multiplicada proteção na multiplicada vigilância.

Além disso a contínua atenção dos animais a seus companheiros, ajuda a encaminhá-los a pastos e aguadas melhores, que uns podem ter descoberto no seu avanço para o desconhecido. O instinto gregário faz voltar crias e mesmo rêzes adultas desgarradas por enchentes, incêndios de campos, trovoadas, disparos devidos ao aparecimento subitâneo de feras. O instinto gregário ajuda a vencer barreiras que o gado aliás não venceria tão galhardamente.

O instinto gregário *unifica e reforça a direção de marcha apontada* por pastos e aguadas melhores. Não deve ser desprezado nas conjeturas sôbre a marcha provável das vacas na antiga Vacaria do Mar.

35. *O apêgo à «querência».* Querência chamamos o lugar que o gado conhece e ama, por ter ali nascido, crescido, dormido, estado ao abrigo do sol e da chuva e do frio nas noites de inverno, ter encontrado boas condições de pasto e aguada nos contornos, ter-se talvez acasalado, tôdas as lembranças afetivas que pode ter uma vaca ou um terneiro... Querência é a casa paterna do boi, ainda que não passe dum capão ou da beira de um mato.

E' conhecido o apêgo que bois e cavalos têm para com a sua querência, que não abandonam tão facilmente, se não há motivos muito fortes para fazê-lo. Devem estar em jôgo grandes impulsos ou grandes repulsas. Lotação excessiva com falta de pasto para todos, sêcas extraordinárias, pestes, a presença de uma fera grande. — Na busca de novas pastagens a distância para voltar fica cada vez maior, os caminhantes se acostumam mais e mais a novos lugares, novos pastos, novas aguadas, novos abrigos contra a intempérie, e eis! que se cria uma nova querência. A Vacaria deu mais um passo para a frente. Se a nova querência sobrepuja em muito a antiga, é provável que mais e mais com-

panheiros a abandonem para estabelecer-se na nova. Na Banda Oriental, há tanta área campestre e tão abundantes aguadas que quase nunca se dará êste caso, sendo por isto provável que a propagação se faça à moda de enchente e não na forma de nuvem que se desloca totalmente. As duas querências se encherão pouco a pouco até estarem novamente superlotadas, e o processo começa de novo para dois novos lugares. Quanto mais limpa e uniforme fôr a área campestre e menos atravancada de barreiras, tanto mais densa será a rêde de núcleos estendidos na direção da marcha.

A geografia nos ensina que a divisa das águas entre Atlântico e Uruguai, entre os formadores do Jacui, do Ibicui, do Jaguarão e Rio Negro, é de tôdas as regiões da Banda Oriental a mais limpa e a menos impedida de barreiras. E tendo-se dado o caso que precisamente na parte mais setentrional desta faixa se soltaram os gados que iriam formar a antiga Vacaria do Mar, não é de estranhar que tanto a conjectura como os dados históricos assinalem esta rota para a marcha do gado vacuum na referida Vacaria do Mar.

36. *A procura de «abrigos».* — O apêgo à querência se baseia nos instintos gregário, sexual, na procura de pastos e aguadas, e também de abrigos contra as contrariedades que o gado encontra em sua vida de liberdade. A querência costuma ser um capão ou a porta duma mata. Ai o gado encontra sombra nas horas de sol causticante, encontra uma espécie de telhado contra a chuva, um escudo contra os granizos que castigam sem piedade, um anteparo contra os ventos gelados, um esconderijo contra as moscas, as aves de rapina, que sob a ramada não podem voejar. Umhas querências estão no alto para fugir das neblinas. Outras se acham nas dobras duma coxilha, aonde não chegam os ventos frios do inverno.

Creemos que o gado sempre preferirá uma direção de marcha em que encontra, além de bons pastos e boas aguadas, muitos pequenos capões que lhe ofereçam os abrigos que precisa. No pampa argentino há trechos intermináveis de estepe rasa sem matos ou capões naturais. Na Banda Oriental riograndense e uruguaia (nesta menos) as áreas campestres estão sempre pontilhadas de matinhas circulares que chamamos capões, e de que há milhares e milhares disseminados por tôda a parte, geralmente ao redor duma fonte que brota do seio da coxilha. Mas é evidente que há regiões onde há mais e onde há menos capões, ainda que é raro o lugar onde faltem completamente. Daí podermos

dizer, que a maior ou menor abundância de abrigos vegetais para o gado, teria influido alguma coisa na marcha do gado, mas não decisivamente, visto não haver casos com extremos de carência ou abundância.

37. *O clima.* Já se viu o clima em outros fatores. Influi direta e indiretamente. Indiretamente através da decomposição do solo, através das chuvas e demais umidades do ar, com reflexo destas na vegetação e nas aguadas. Se fôr de menos chuva faz morrer até o capim, se fôr demais sufoca o capim com vegetações mais altas e inservíveis para a alimentação ordinária dos animais.

Assim o clima tem grande influência indireta sobre as condições do ambiente e com isto sobre a marcha da difusão espontânea do gado.

Mas o clima também influi diretamente, ao menos como frio. A queima dos pastos pela geada é ação indireta e costuma ser passageira. Mas o próprio sentido do tato do gado pode sentir-se mal com grandes frios e procurar alcançar regiões de mais amenidade. Ainda que neste particular haja grande diferença entre as diversas raças de gado *vacum* não tomamos isto em conta, porque naquele tempo só havia uma única raça crioula. E como esta só se achava solta na baixada da Depressão Central e Campanha do Sudoeste, onde as diferenças de frios e calores são insignificantes para a sensibilidade do gado crioulo, cremos que o frio ou calor diretamente influiu muito pouco ou quase nada na marcha ou direção da marcha do gado *vacum* da antiga Banda Oriental. Não ocorrem máximas ou mínimas insuportáveis. Nem sequer graduações muito acima ou muito abaixo do ótimo para a raça crioula.

Entretanto a ação direta do clima nos pode ajudar em algumas conjeturas. Assim em vista dela não é provável que o gado tenha subido da baixada para as alturas do planalto, e nem para as partes mais altas da Serra do Sudeste. E se nestas partes tivesse sido solto, provavelmente teria descido para as baixadas, abandonando as alturas mais frias. Pode haver também diferença notável para a sensibilidade térmica do gado entre as regiões geralmente amenas na proximidade do mar e os rígidos invernos do interior, inclinando o gado a aproximar-se da costa do mar, sobretudo se concorrem também outras vantagens. A constatação está de acôrdo com a direção que tomou a Vacaria do Mar.

38. *A salinidade.* Já mencionamos os principais aspectos dêste fator quando tratamos das aguadas. Vimos que

o sal é ingerido pela água e pelo pasto. Tanto o de menos como o demais é prejudicial. Mas entre o ótimo e a ausência total há uma escala enorme. Também entre a média ótima e a demasia insuportável, que geralmente só estará na aguada, pois que os vegetais não podem ultrapassar certa salinidade em seu suco celular, sob pena de parar a ação da osmose...

O costume universal do sul do Brasil de adicionar sal de cozinha à alimentação do gado *vacum*, é sinal evidente que em toda a parte a salinidade está abaixo da média ótima, que requer a saúde perfeita dos animais. Consta que a dose de salinidade melhora em direção à fronteira da República do Uruguai. Talvez seja esta uma das causas da marcha do gado para aquela direção, além da ausência de barreiras. Cremos que o mecanismo da salinidade influi sobre a marcha do gado, não como um aliciamento individual, mas uma média melhor de procriação e sobrevivência, daí uma pressão maior no sentido da marcha, operando-se assim uma marcha geral no sentido da melhor salinidade.

Não sabemos se esgotamos o rol dos fatores positivos que podem propelir ou atrair o gado em certa direção. Também pode ser que nos que resenhamos se tenha esquecido algum aspeto importante. O nosso intento era alinhar o que mais facilmente pode ocorrer na Banda Oriental.

### FÔRÇAS NEGATIVAS QUE AFASTAM O GADO DE ALGUMA PARTE.

39. Devemos dar primeiro uma *idéia sôbre a quase-identidade* entre fatores negativos e positivos, e também sôbre a sua relatividade. Já falamos dêste ponto no número 29. Acrescentemos mais alguns exemplos sôbre a quase-identidade. Uma pastagem péssima é boa e mesmo ótima em relação ao nada. Com êste ponto de referência é, pois, positiva. Mas em relação a uma pastagem boa ou ótima, evidentemente é fôrça negativa que repele e faz sair o gado dela. — O mesmo vale com respeito à bebida, à querência, aos abrigos... A querência enquanto retém é fôrça negativa para a marcha, enquanto favorece a procriação e superlotação, é positiva para a difusão. Tudo depende do ponto de vista. Faz-se mister olhar primeiro os têrmos de comparação, e os pontos de referência.

Devemos dividir lógicamente os fatores em duas classes distintas, sendo a primeira a dos fatores negativos carenciais e a segunda dos fatores negativos presenciais.

40. *Fatôres negativos carenciais.* São os fatôres positivos, quando em situação de ausentes ou relativamente deficientes. O pasto ausente de todo ou em menor quantidade do que num lugar vizinho, é um fator carencial. Não afirmamos que todos os fatôres positivos podem ser carenciais. Vemos que neste ponto tudo é relativo. Um bom pasto é positivo com relação a menos ou nenhum pasto. Mas pode ser negativo com relação a pasto melhor ou em maior quantidade. O gado com o correr do tempo certamente se dirigirá no sentido do pasto melhor ou mais abundante.

41. *Fatôres negativos presenciais.* Não são a falta de alguma coisa, mas ao contrário a presença de algo que positivamente influi no gado para o repelir. Mas repetimos que aqui se trata exclusivamente de seres que repelem o gado na sua difusão espontânea e natural. O homem enquanto *conscientemente* influi na difusão do gado ou impede a sua entrada em alguma parte, não pertence a esta classe de fatôres. Só entra nesta categoria, se se comporta para com o gado apenas como mero caçador, igual às outras feras, que negativamente podem conservar o gado longe de certos lugares.

Uma primeira classe de fatôres negativos presenciais seriam os animais ferozes da região. Assim um ou dois casais de tigres podem fazer emigrar uma manada de bois ou cavalos, não talvez para fora duma região mas pelo menos para fora de certa localidade. Os tigres tinham seu hábitat nas selvas virgens e de galeria dos rios. Era uma das razões porque o gado evitava a proximidade dos rios com mato de galeria. Caviglia menciona os «tábanos» ou motucas, como capazes de afugentar o gado da costa do Uruguai para leste em direção ao mar. Dirão os entendidos se a razão procede. Será que a devastação causada pelos gafanhotos é capaz de afugentar o gado para outra região? Cremos que não, porque o pasto devorado pelos insetos renasce, como renasce depois das queimadas.

Além dos irracionais, podemos arrolar também o homem (índio) enquanto se comporta como fera que caça, sem intenção alguma sôbre a propagação do gado. Caviglia pensa que os charruas teriam afugentado o gado de Hermandárias da boca do Rio Negro para leste. Será que os charruas só estavam na costa do Uruguai e não também terra adentro, de modo que uns espantassem para leste, outros para oeste?

Por fim poderíamos talvez enumerar alguns fenômenos da natureza. Tempestades extraordinárias que espantas-



sem o gado para longe? Incêndios de campos causados por raios, por caçadas de índios? O padre Soares que fez as primeiras medições na barra do Rio Grande em 1737 pensa que a luz do sol concentrada por cristais de quartzo cristalino, que casualmente se achasse à superfície do campo seria capaz de causar incêndios no pasto resequido. O método de caça chamado «cacho» consistia em cercar uma grande porção de campo, talvez meter ainda fogo e abater os animais de caça que procurassem escapar do cerco. A queima voluntária dos campos para beneficiá-los pertence já ao influxo *artificial* na criação e difusão do gado. Afugenta na hora do fogo, mas faz voltar, quando brota a grama nova. Enchentes, nevadas, frios extraordinários, em certa maneira também são fatores negativos presenciais, ainda que sob outros pontos de vista se relacionam com os fatores positivos ou sua negação, os fatores carenciais, pois falta a justa medida.

#### BARREIRAS OU OBSTÁCULOS QUE IMPEDEM A ENTRADA DO GADO EM ALGUMA PARTE

42. Primeiro teremos que dar alguns *conceitos gerais*. Barreira é um obstáculo que impede a passagem de uma parte para a outra. Há barreiras negativas e barreiras positivas. A falta de água ou de água suficiente é um fator negativo carencial, ao mesmo tempo que uma barreira negativa, pois que barra a entrada do gado para aquela região. É repulsa e barreira ao mesmo tempo. Um rio profundo entre dois campos de pastos igualmente bons pode ser chamado uma barreira positiva para o campo em que o gado ainda não se acha. Um mato espesso de considerável largura, uma montanha de grande atividade são barreiras positivas. Podíamos chamar as barreiras de barreiras carenciais e barreiras presenciais.

Também devemos mencionar a relatividade do caráter da barreira. O gado, se tem escolha entre um pasto péssimo e um pasto bom comportar-se-á diante do pasto péssimo como diante de uma barreira. Mas se tem escolha entre um pasto bom e um pasto ótimo tratará o pasto bom como uma barreira carencial. Mesmo as barreiras presenciais raramente são absolutas. Em tempo de água suficiente, uma certa espessura de mato, pode ser uma barreira presencial intransponível. Mas em tempo de secas extraordinárias o gado varará os matos mais espessos se presente atrás dele a água que procura para não morrer de fome e de sede.

Tudo depende da psicologia do animal, e da fôrça dos fatores que repelem ou atraem, dos motivos que tem para atravessar as barreiras. E' de extraordinária importância ter sempre diante dos olhos a relatividade de fatores e barreiras, para não cometer os maiores dislates nas conjeturas históricas sôbre a difusão espontânea do gado.

### *Agora as barreiras em concreto.*

43. *As barreiras hidrográficas.* Chamamos assim tôdas as águas correntes ou paradas capazes de amedrontar o gado, segundo a sua espécie. São os rios maiores e menores, os arroios enquanto têm elementos que causam pavor ao gado. São as lagoas, os banhados com fundo firme ou movediço, de mais ou menos cobertura de pastiçal. Tôdas as águas enfim que ameaçam afogar o gado ou que não lhe dêem a experiência de sua transponibilidade. Acrescem outras circunstâncias: a presença de altas e abruptas barrancas, as cercaduras de matos de galeria com a sua falta de pastos, a presença de tigres, cobras gigantes, jacarés, piranhas nas águas. Nos rios da Banda Oriental os jacarés são de pequeno porte, tornando-se perigosos apenas para animais pequenos; as piranhas não existem na bacia do Uruguai. Poder-se-ia perguntar que fôrça devem ter os fatores impelentes ou repelentes para obrigar uma manada de vacas ou cavalos a passar uma determinada barreira hidrográfica. A experiência dos nossos criadores nô-lo diria imediatamente. Poder-se-ia elaborar assim uma certa escala em cada uma das barreiras hidrográficas, escala também nos motivos de impulso ou repulsa. Desta maneira poderíamos com mais probabilidade acertar os pormenores da marcha da vacaria chimarrona quando para isto nos faltam os documentos coevos da história.

Um certo conhecimento experimental e documental entretanto nos pode mostrar ao menos que grau de barreira certamente não se passa pelo gado e que outro grau na extremidade contrária da escala certamente o gado passaria com tal e tal motivo.

Teremos que recorrer muitas vêzes a estas noções no decorrer dêste trabalho, sobretudo nos capítulos referentes a Vacarias, e a Estâncias. A título de curiosidade antecipamos apenas que as cêrcas das estâncias eram, exclusivamente, vedação natural por barreiras naturais, com exceção de um que outro lugar em que se colocavam os posteiros. Sendo, porém, as descrições das antigas estâncias missioneiras algo imprecisas e igualmente os vários mapas sô-

bre a mesma matéria, podemos não obstante determinar de alguma maneira os limites das estâncias, aplicando o princípio geral das barreiras naturais, que na grande maioria dos casos eram hidrográficas.

44. *Barreiras vegetais.* As barreiras vegetais negativas ou carenciais teòricamente podem ser muitas, pois pode haver carência absoluta de pasto e carência relativa. O gado sem motivo não passa dum campo limpo e bom para um campo «sujo» ou seja de pastizal em vez de pastagens. Em tôda a Banda Oriental não há desertos ou áreas de carência absoluta de pasto, a não ser a faixa imediatamente encostada ao mar. Todo o resto tem carência apenas relativa. Do campo limpo, que só tem pasto bom, até a mata virgem tropical, há uma escala infinita de variedades, em que um é bom comparado com o ruim, mas o ruim ainda é bom comparado com o pior. O que num lugar é repulsa, no outro é impulso e atração.

Barreira vegetal positiva pròpriamente dita é um mato de tal espessura e largura que o gado não o atravesse, não só pela falta de pasto adequado, mas também pelo emaranhado das plantas e pela presença de feras, motucas, espinhos, e mesmo pela simples resistênci mecânica. O gado se abriga na borda da mata, mas não o atravessa, se tem suficiente largura e espessura e se não há motivos extraordinariamente fortes para fazê-lo, como a morte pela sêde e coisas semelhantes.

Os graus de intransponibilidade dum mato dependem dos vegetais que nele se encontram, da sua idade, e sobretudo da sua largura, ou seja do tempo que o gado ficaria privado de pasto conveniente na travessia. Também dependerá essencialmente das espécies de gado. Os porcos, por seus antepassados, pela conformação do seu corpo, pela sua coragem em enfrentar animais bravios, pela sua qualidade de onívoros, fàcilmente se embrenham e vivem no mato. Mas já os bois e cavalos e mais ainda as ovelhas necessitam de motivos fortíssimos para se meterem a fundo num mato. As cabras talvez só se infiltrem nas bordas.

Mas neste estudo histórico só se trata de bois e cavalos na Vacaria do Mar e de ovelhas nas estâncias.

45. *Barreiras Orográficas.* São elevações de solo que se interpõem entre duas áreas aptas para a criação. Podem ser de aclave e de declive. A distinção é de alguma importância, porque cremos que alguns animais mais fàcilmente descem do que sobem. Que falem os entendidos! Mas, de modo

universal, uma encosta com paredes abruptas é vedação mais ou menos absoluta para bois e cavalos, menos para ovelhas e quase nenhuma para cabras.

E' evidente também que o grau de invencibilidade desta barreira dependerá dos graus de inclinação, da natureza do solo, do seu revestimento vegetal, de suas aguadas, da extensão do percurso, da perceptibilidade do pasto na outra extremidade, do caráter específico e mesmo individual do gado...

Estas noções são de extrema importância para quem quiser suprir com conjeturas científicas, as bases documentais que faltam para elucidar muitos pontos da antiga pecuária da Banda Oriental. O modo de proceder é legítimo, porque realmente estava ausente a intervenção do homem que é livre. Agiam unicamente as leis da natureza e do caráter dos animais que hoje são as mesmas que naquele tempo.

Também são de importância relativa para a determinação dos limites mais exatos das estâncias posteriores, para determinar as rotas que levaram as tropas de gado que iam e vinham na Banda Oriental, ainda que menos nelas porque já intervinha a vontade do homem.

46. *Barreiras químicas...* Por barreira química entendemos a impregnação excessiva ou deficiente do solo com os sais, que precisa ou refuga o gado. Os sais passam do solo ao pasto e às aguadas. Já vimos que uma salinidade que se aproxima do ótimo, que deseja o gado, é uma força que atrai; se o gado que está em terras de certa salinidade se encontra com uma região que tem demais ou de menos sal, ter-se-á encontrado com uma força que o repele. Neste caso nem podemos falar também em barreira química.

Em tôda a Banda Oriental não conhecemos nenhum lugar de excessiva salinidade, a não ser pequenos trechos na costa do mar. Também não os há de salinidade extraordinariamente deficiente. O que há é uma diminuição de sal do sul para norte, sendo que, segundo dados técnicos, a salinidade menor, por regra geral, se acha no Planalto. Em todo o resto a salinidade está ainda tão distante do ótimo desejável que os criadores adicionam sal à comida ou à água do gado *vacum*, para chegar ao ótimo que requer a saúde do gado e boa qualidade da carne.

Caviglia aduz o fator salinidade para explicar porque o gado que Hernandárias largou mais ou menos na boca do Rio Negro, teria emigrado totalmente de lá para leste, de encontro à Coxilha Grande onde, segundo êle, se encontraria

com a manada missioneira que descia do Norte. Neste caso o grau menor de boa salinidade das terras que o gado ia abandonando, teria obrado como barreira química negativa para não deixar voltar o gado, a não ser que um motivo mais forte o fizesse retroceder. Também nós achamos que o fator salinidade agiria como impulso para acentuar a marcha do gado para sul, mas não sabemos se a diferença de salinidade, natural na direção de norte para sul, é tanta que obrigue o gado a deslocar-se em forma de nuvem e não em forma de enchente, que enche outros e mais outros lugares, mas não abandona o lugar que anteriormente ocupava.

Não é descabida a pergunta se o desaparecimento da Vacaria dos Pinhais se deve unicamente às depredações dos Lagunistas e Paulistas ou também ao progressivo empobrecimento sanitário do gado, devido à deficiente salinidade do Planalto, fazendo com que alguns outros fatores menos favoráveis como as geadas, o frio em geral, as secas, agissem com mais virulência sobre a resistência depauperada do gado, que estava inteiramente abandonado a si mesmo.

47. *Barreira climática.* — O clima influi como se sabe diretamente sobre os pastos e as aguadas por meio das precipitações atmosféricas. Precipitações deficientes produzem desertos ou semidesertos com pouco pasto e pouca aguada. Precipitações demasiadas produzem campos sujos, capoeiras, matos, reduzindo ou extinguindo as áreas de pastagem do gado ou criando barreiras que interceptam a passagem duma área para a outra, e dando abrigo a toda a classe de feras daninhas. Demasiada água também cria barreiras hidrográficas, e pela erosão também barreiras orográficas (vales profundos e canhadas). Tudo isto é ação indireta sobre o gado.

Aqui devemos considerar o influxo direto sobre a sensibilidade térmica dos animais. As demasias acima ou abaixo do normal fazer sair duma região (fôrça que repele) ou impedem de entrar (fôrça que repele e barreira climática!) A termicidade normal é um fator que atrai.

Creemos que em toda a Banda Oriental não há, nem havia calores ou frios insuportáveis para o gado. Seu influxo oscila mais no sentido do menos bom para o bom e do bom para o melhor e o ótimo. Se a diferença é notavelmente acima ou abaixo do ótimo que o gado deseja, e se há possibilidade de emigrar, e não há motivos mais fortes para ficar, o gado, com mais ou menos infalibilidade, procurará emigrar para onde está melhor tèrmicamente.

Por isto achamos que o gado que foi solto na altura do Jacui e Ibicui, mesmo que pudesse, nunca teria subido para o planalto, sem que o forçasse uma forte necessidade de pasto ou outra fôrça de impulso ou repulsa. Pelo mesmo motivo, se estivesse em cima e pudesse descer, teria descido. O mesmo vale, em grau muito menor, da Serra do Sudeste, pelo menos nas partes mais altas, onde ao menos no inverno haveria sensíveis diferenças entre o que lá havia e o que o gado apetecia como média ótima. — Haverá também alguma diferença entre os climas mais amenos da costa do mar e os do longínquo interior, que estão afastados do influxo regulador, que perto do mar produzem os ventos contrários do dia e da noite.

Com respeito ao influxo direto do clima pensamos que não teria sido notável nos indivíduos. A ação se faria mais em conjunto e paulatinamente, avançando os abrigos, as querências, mais e mais no sentido do agrado térmico maior, tanto mais que para êste sentido inclinava também a melhor sanilidade, a menor destruição hibernal do pasto, a menor freqüência de barreiras orográficas...

48. *Barreiras «sociais»?* Pomos a palavra em aspas e com sinal de interrogação, porque não nos consta, por bibliografia ou por experiência no campo, se há insociabilidade entre dois ramos da mesma raça crioula, que se bifurcassem, ao redor duma grande mata virgem, e depois se reencontrassem... Nem nos consta que duas raças diferentes de gado vacum se hostilizem quando se encontram repentinamente no mesmo campo. Podia-se perguntar também se uma manada de bois e uma de cavalos mostram insociabilidade. Considere-se, entretanto, que o gado supermanso dos nossos dias talvez não se comporte de maneira perfeitamente igual à que teria o gado inteiramente asselvajado da Vacaria.

Em caso afirmativo, teríamos uma barreira social. Mas até provas em contrário, cremos que tal não se dá. — E quanto ao passado temos que em todo o Rio da Prata e sul do Brasil não havia mais que uma só e única raça crioula, cujos caracteres raciais e procedência detalharemos mais adiante.

49. *Barreiras «raciais»?* Englobamos com êste nome a pergunta, se há entre as várias barreiras que mencionamos, algumas que o são para uma raça de gado vacum e não para outra. Que grau de calor e umidade suportam e requerem por exemplo as vacas de raça holandesa? Que é

que suportam ou mesmo requerem as raças crioulas, e as novas raças que agora se criam em tôda a América Latina, as diversas raças de gado zebú, e tôdas as outras? Como se comportariam êstes animais diante dos diversos obstáculos e barreiras, impulsos e repulsas?

Entretanto devemos assinalar que a pergunta no caso vertente é meramente acadêmica, porque nos primeiros séculos, em todo o caso, não havia na Banda Oriental, mais que uma e única raça crioula, da qual dizem os autores, que não só suportava galhardamente tôda a classe de fatores adversos, mas chegou mesmo a melhorar consideravelmente pela vida selvagem que levava, eliminando defeitos adquiridos, e aperfeiçoando qualidades inatas, que pela domesticidade haviam sido mais ou menos obliteradas.

## RELAÇÃO ENTRE FATÔRES E BARREIRAS

50. *Relação em geral.* Para proceder com acêrto maior nas conjeturas históricas, devia-se estabelecer escala nos impulsos e repulsas (o que só pode ser feito por conhecimentos experimentais) e depois verificar, também experimentalmente, que grau de atração ou repulsa é necessária para vencer uma barreira determinada.

Quase todos os fatores podem agir como impulso ou repulsa. Depende dos pontos de referência. O bom é positivo ao lado do menos bom, mas é negativo ao lado do melhor. E' mais questão de diferença relativa do que de graduação absoluta. Também se deveria sempre considerar o jôgo complicado dos diversos fatores positivos e negativos, tirando a média das coordenadas. Considerar as diversas susceptibilidades das diferentes espécies de gado. Em algo diferirá o boi e o cavalo, e em muito o gado maior e menor.

51. *Relação concreta entre impulsos e repulsas, barreiras de tôda a espécie. . .*

Só um conhecedor profundo da natureza dos fatores positivos e negativos e de suas combinações, conhecedor profundo também das diversas sensibilidades do gado, poderia estabelecer a relação concreta entre impulsos barreiras e psicologia de cada espécie de gado, com a circunstância do completo asselvajamento do gado da antiga Vacaria do Mar. Não nos atrevemos nem de longe a tal empreza, porque nos falecem sobretudo os conhecimentos práticos da matéria.

## APLICAÇÃO DE TUDO À ANTIGA BANDA ORIENTAL

52. *Distinguimos* uma aplicação total e parcial. *A total* só seria possível com um conhecimento total das condições geográficas, não só da atual «Banda Oriental» (Rio Grande do Sul, e República do Uruguai) mas também da antiga. Pois com o desmatamento e subsequente alteração do regime de chuvas e secas, e as influências destas sobre a vegetação, já pode ter havido diferenças bem notáveis, sobretudo nas barreiras hidrográficas. Além disso seria preciso que estivessem feitas as escalas de que se fala nos números 50 e 51.

Entretanto, se não podemos fazer uma aplicação total no sentido geográfico e temático, podemos fazê-la *parcial* em ambos os sentidos. A dificuldade está mais na linha média, onde há mais ou menos equilíbrio entre impulsos e resistências. Nos casos mais extremados poderemos certamente dizer que tal e tal barreira, com tal e tal impulso poderá ou não ser vencida por tal ou tal espécie de gado. Podemos saber que quantidade de água deve haver para vedar a passagem de vacas e qual a que impede o passo às ovelhas. O mesmo com matos, com encostas abruptas...

Estes conhecimentos, embora fragmentários, são entretanto seguros para decidir muitas questões da antiga pecuária da Banda Oriental, em que nos sentimos abandonados pela documentação escrita.

## CAPÍTULO TERCEIRO

## INTRODUÇÃO DO GADO VACUM NO PARAGUAI

*P r e â m b u l o.*

53. Estudamos até agora a aptidão e acessibilidade e algumas leis da difusão espontânea do gado vacum e cavalhar. Agora veremos donde veio o gado doméstico europeu, que se espalhou no Rio da Prata, e que veio a parar também na Banda Oriental.

Antecipando por alto a divisão de todo este assunto, diremos que o casco inicial de todo o gado do Rio da Prata



veio de São Vicente, da Costa do Brasil, e do Peru, da costa do Pacífico. O ponto de convergência foi em Assunção do Paraguai. Daí o gado se espalhou em sentido norte-sul, ao longo do Paraná-Paraguai, em Corrientes, Santa Fé e Buenos Aires. E em sentido leste-oeste ou viceversa, mas com pouco resultado como veremos, a não ser na transplantação para a Banda Oriental, que de fato representa um galho lateral bastante grande.

Por isto as partes principais dêste capítulo necessariamente tem que ser primeiramente ver, de relance, a introdução do gado no Brasil e no Peru, depois a introdução, desde estes dois pontos, no Paraguai, e finalmente a disseminação em sentido meridional e latitudinal. Deixamos, porém, a introdução do gado vacum na Banda Oriental (que pertence à disseminação latitudinal) para um capítulo à parte, por haver nesta matéria muitas perguntas sem solução por enquanto, e por ser êste o assunto por excelência dêste trabalho. E mesmo, quanto à introdução do gado na Banda Oriental, dividiremos ainda mais o assunto, tratando em capítulos à parte primeiro a questão da autoria da introdução do gado na Banda Oriental, e depois a introdução especificada do gado vacum, do cavalari e do gado menor.

#### 54. Divisão pormenorizada do capítulo

##### A. Introdução do gado vacum no Brasil e no Peru.

###### I. Introdução no Brasil em geral e em S. Vicente em particular.

Motivos e decisão de introduzir o gado em São Vicente (55)

Execução da decisão tomada (56)

Disseminação em São Paulo

Em geral (57)

Nas terras dos irmãos Góis em particular (58)

Apêndice sobre a côr da pelagem (59)

###### II. Introdução do gado vacum no Peru

Cavalos com os primeiros conquistadores (60)

Gado vacum e outras espécies de gado mais tarde (61)

##### B. Introdução do gado paulista e peruano no Paraguai.

###### Do gado paulista

Antecedentes da extração furtiva do gado paulista.

Espanhóis na costa do Brasil

Fugidos de Assunção (62)

Naufragados na costa do Brasil (63)

Gestões inúteis dos espanhóis para voltar e voltar com gado a Assunção do Paraguai (64)

Plano de fuga com extração furtiva de gado vacum (65)  
 Combinação com os irmãos Góis que eram donos do gado (66)

A fuga da caravana com gado paulista contrabandeado.

Componentes humanos da caravana (67)  
 Gado vacum que levaram (68)  
 Partida e perseguição pelas autoridades (69)  
 Salvação da caravana pelo Padre Nóbrega (70)  
 Duração e trajetória da viagem (71)  
 Chegada a Assunção (72)

Reparos críticos a esta versão da História

O silêncio dos contemporâneos que deviam falar (73)  
 Dúvidas e conjeturas sôbre o número dos animais que levaram

Exposição da dúvida (74)  
 Argumentos da dúvida

Argumentos de autoridade (75)  
 Argumentos de conjetura histórica (76)

Resumo da conjetura (76 bis)  
 Argumentos da conjetura a posteriori: em documentos

Quanto ao número de cabeças atingível (77)  
 Quanto ao número de cabeças atingido

Irala e Núfrio de Chavez (78)  
 Cabildo de Buenos Aires etc. (79)

Argumentos de conjetura a priori: possibilidade e conveniência de levar mais gado (80)

Do gado peruano.

Aclarações (81)  
 Os introdutores

Felipe de Cáceres

Compromissos do Adelantado Juan Ortiz de Zárate. (82)  
 Execução dos compromissos por Felipe de Cáceres (83)  
 Quantidade de gado que traria Felipe de Cáceres (84)

Juan de Garay

Compromissos do Adelantado Juan Ortiz de Zárate (85)  
 Cumprimento deles por Juan de Garay

Tese que o afirma (86)  
 Tese que o nega (87)

Juan de Garay como grande disseminador de gado (88)

Outros introdutores de gado, pela via direta do Tucuman ou indireta do Chile (89)

## INTRODUÇÃO DO GADO NO BRASIL E NO PERU NO BRASIL.

55. *Motivos e decisão de introduzir o gado vacum no Brasil em geral e em São Vicente, na costa de São Paulo, em particular.*

Em 1532 estava o donatário da Capitania de São Vicente, Dom Martim Afonso de Souza, na costa de São Paulo, atendendo aos assuntos da terra que lhe fôra confiada. Chegou-lhe então uma carta del Rey com a notícia de que resolvera dividir o Brasil em Capitanias hereditárias, e que a êle, Dom Martim, coubera a de São Vicente. Era uma notícia alviçareira. A hereditariedade certamente daria asas às fundações em muitos lugares.

Dom Martim passou logo a fundar São Vicente, no lugar em que primeiro esteve assentada. Mas, segundo Frei Gaspar da Madre de Deus, o mar levou tôdas as obras públicas e Dom Martim teve que estabelecer a sua sede em outra parte.

Durante estas ocupações tôdas Dom Martim encontrou-se na praia com João Ramalho, que havia já uns vinte anos que andava no planalto e fundara Santo André da Borda do Campo. Ramalho convidou-o a ir com êle visitar as terras do planalto. Escalaram a serra com sua gente. Dom Martim reparou que os extensos campos de Piratininga deviam ser muito aptos para a criação de gado vacum, e também de cavalar e ovelhum.

Esta constatação teve graves conseqüências. Seduzido pelas esplêndidas possibilidades, resolveu-se Dom Martim a trazer gado vacum para a sua capitania. Para buscá-lo voltou ao Reino em 1533, levando certamente as mais cálidas recomendações da parte dos fidalgos seus companheiros, que logo se deixaram ficar na terra de São Vicente. (1)

56. *Execução da medida assentada.* — Deixando tudo regulado e nomeando o padre Gonçalo Monteiro para prover ofícios em sua ausência, e conceder sesmarias na donataria, zarpou Dom Martim Afonso de Souza para o Reino e aportou em Lisboa em Maio de 1533. Mas na Capital portuguesa encontrou-se com a surpresa de ter sido nomeado Capitão Mór para a India. Cargo de honra e confiança, que entretanto o desviava dos cuidados por sua incipiente Capitania. Preparou-se para partir a seu destino em 1534, apro-

veitando o ano de espera para cuidar de sua capitania. Enviou-lhe, segundo Varnhagen, (2) casais, plantas, sementes, cana de açúcar... Neste ano deve ter ido também o primeiro gado *vacum* para São Vicente. Há, entretanto, ainda muitos pontos obscuros que precisam de esclarecimentos ulteriores, e que escapam do escopo dêste trabalho. Pode haver dúvidas sôbre algumas circunstâncias secundárias, mas não quanto à essência do fato. O gado foi levado por êste tempo para a Bahia e para São Vicente. Não discrepam sôbre isto os modernos historiadores.

Quanto à data e autoria desta primeira remessa para São Vicente, procuram provar alguns, que foi durante o ano de espera de Dom Martim em Lisboa, portanto entre 1533 e 1534. Há quem atribua a providência à mulher de Dom Martim Afonso de Souza, que era Dona Ana de Pimentel. Vai esta suposição baseada na procuração que lhe passou Dom Martim uma semana antes da partida para a Índia. (3) Mas é possível que Dom Martim pessoalmente ainda tenha encaminhado esta providência, de tanta importância para os engenhos e consumo de carne na sua capitania, e nas outras que não dispunham de tão bons campos de criação.

Quanto ao lugar de onde se extraiu o gado, que foi para São Vicente, repetimos a afirmação de Aurélio Pôrto, que cita Gandavo, e dizemos que seriam as ilhas do Cabo Verde, já que Gandavo atesta que era destas ilhas que se proviam de cavalos, éguas e gado *vacum* as armadas que demandavam o ocidente. (4)

Discute-se a primazia da introdução do gado entre Bahia e São Vicente. Embora seja de pouca importância para êste estudo, seguimos a opinião de Simão de Vasconcelos e de Frei Gaspar da Madre de Deus que também se atém a êle, e dizemos com êles, que foi São Vicente a primeira a produzir açúcar e dar às outras capitanias mudas desta planta e também vacas para a criação. (5) Mas se as feitorias do norte foram fundadas antes de São Vicente, é bem possível que lá também tenha havido gado mais cedo que em São Vicente, pelo menos em criação de escala tão pequena, que não pudesse provêr com gado as outras capitanias.

Há que mencionar ainda a questão do roteiro que tenha seguido o gado *vacum* para chegar a São Vicente. Não há clareza, quer demos a primazia a São Vicente, quer à Bahia. Teorêticamente é possível que se tenha embarcado o gado em Cabo Verde e se tenha levado diretamente para São Vicente. Mas também é possível que o gado tenha sido adquirido na Bahia, ou que tenha sido depositado para São Vicente na Bahia, a fim de que se restabelecesse da longa

e penosa viagem e multiplicasse de alguma maneira. Em todo o caso o roteiro foi Cabo Verde-São Vicente, com ou sem parada na Bahia.

### 57. *Disseminação em São Paulo em geral.*

A julgar pelo número e qualidade dos fidalgos afazendados em São Paulo, e em São Vicente, em especial, podemos fazer idéia da ânsia com que esperariam as naus com as primeiras vacas e cavalos. Julga-se que esta introdução se tenha dado ao redor de 1534. Já a êste tempo muitos fidalgos haviam recebido terras em São Paulo, doadas pelo próprio donatário ou por seu lugartenente, o padre Gonçalves Monteiro, segundo o testemunho de Pero Lopes de Souza. (6)

Conjeturamos com razão que todos estes fidalgos adquiriram pouco a pouco os sementais que precisavam do gado trazido em 1534, e que se fôra multiplicando cuidadosamente em seus primeiros currais. Não vem aqui ao caso particularizar com Aurélio Pôrto muitos nomes em concreto. Não nos deteremos tão pouco na pecuária do Colégio de Piratininga começada em 1553 com os gados que lhe doou um antigo grande caçador de índios, Pero Corrêa, o qual se convertera e se fizera irmão leigo da Companhia de Jesus chegando a morrer mártir em nome da catequese entre os índios. Nem interessa aqui a estatística da pecuária de São Paulo, que já em 1564 mandava pagar os dízimos pelo gado, conforme a lei. Não interessam as marcas de gado, as nominatas dos criadores, os preços que alcançavam os bovinos em São Paulo naquelas remotas eras. Tudo isto pode ver-se em Aurélio Pôrto e nas obras que cita. (7)

Aqui nos interessa de tudo isto apenas a conclusão que de tudo isto se pode tirar legitimamente. Parece que nas primeiras décadas o gado já se havia multiplicado bastante em São Paulo, conclusão que também se tira a priori da bondade dos campos e do gênio prático daqueles colonizadores, que entreveriam a grande vantagem do gado no abastecimento de carne e no trabalho da lavoura.

58. *Agora o gado nas terras dos irmãos Góis em particular.* Êstes nos interessam mais pela estreita ligação que vão ter com a extração furtiva do gado vacum para Assunção do Paraguai. Para apresentar a genealogia dos famosos irmãos Cipião e Vicente de Góis diremos brevemente, que seu tio, Pero de Góis havia recebido uma sesmaria junto ao Enguaguaçu, (8) onde fundou o engenho da Madre de Deus. Deve ter povoado os seus campos com gado como todos os

outros. Algum tempo depois foi designado pelo Rei para tomar conta da Capitania de São Tomé. Deixou, pois, seus campos aos cuidados de seu irmão Luiz de Góis. (9) Êste teve dois filhos Vicente e Cipião de Góis, que foram da parte paulista e portuguesa os que decisivamente tomaram parte no contrabando das primeiras vacas para Assunção do Paraguai. Êste se deu em 1555, como veremos mais abaixo. Os pais dos dois irmãos mais tarde se retiraram para junto de seu irmão e cunhado Pero de Góis. Não nos consta com certeza se se retiraram por causa da ação dos filhos ou se os filhos a praticaram em consequência da retirada de seus pais.

59. *A côr da pelagem do gado de São Vicente*, ainda que não tenha sido uma só, contudo vê-se pela lista dos preços, que era freqüente a pelagem escura, vermelha ou fôska, e que os bois desta pelagem alcançavam em geral os melhores preços. (10) Esta preferência acusa na raça fôska qualidades excepcionais, seja na facilidade da criação, seja no tamanho dos animais e qualidade da carne que fornecem, ou qualquer outra qualidade superior. Dizemos que a constatação desta pelagem e da preferência que se lhe dava, tem certa importância, no estudo da pecuária da antiga Banda Oriental, porque é exatamente esta pelagem que mais freqüentemente assinalam os que viram o gado da antiga Vacaria do Mar. Tudo isto explica perfeitamente, como entraremos logo a ver, porque o gado vicentino, ao que parece, teve maior quinhão no sangue do gado paraguaio e com isto no gado de Corrientes e Santa Fé, que por sua vez forneceram os sementais para a Banda Oriental. E mesmo que se admita a prosperidade do gado lançado por Hernandarias desde Buenos Aires, em nada se mudaria a situação porque também êste descende exclusivamente do gado de Assunção do Paraguai.

Mas antecipamos também que a constatação da pelagem fôska não tem valor algum para provar a procedência missioneira do gado da antiga Banda Oriental, porque também o gado que Hernandarias teria lançado era descendente do mesmo plantel e também o que, por parte dos portugueses, alguns afirmam ter lançado o General Salvador Correia de Sá e Benavides. Se se lançasse realmente, se lançaria com gado tirado das capitanias do sul, ou seja São Paulo, sendo portanto também da mesma ascendência.

Temos com isto o gado vacuum introduzido no Brasil em geral e em São Vicente em particular. Vamos à introdução no Peru.

## NO PERU.

60. Embora aqui mais nos interesse agora o gado *vacum*, contudo parece útil avançar uma observação sobre os *cavalos de guerra*, que vale também para o Rio da Prata.

Vemos que é uso constante dos conquistadores espanhóis andarem quase sempre providos desta arma tão eficaz, dos cavalos, contra os índios que não a conheciam. Sem o seu corcel de guerra, as pesadas couraças dos cavaleiros serviam mais de estôrvo que de auxílio, como aconteceu na primeira fundação de Buenos Aires, em que os índios comarcãos derribavam os cavalos com as suas boleadeiras e acabavam com os cavaleiros a paulada, antes que estes tivessem tempo de mover-se dentro de suas couraças pesadas.

Creemos que grande parte dos cavalos de guerra não eram castrados. Também as éguas serviriam para eventuais transportes. Um casal equino solto num rincão se multiplicava depressa, aumentando o número de animais tão necessários. Por isso pensamos que onde era possível os conquistadores do Peru levariam os seus cavalos e começariam a criação logo que as coisas estivessem suficientemente assentadas, pelo menos em alguma remota ilha ou rincão mais protegido contra o ataque dos autóctones.

Os outros gados por sua morosidade nunca poderiam acompanhar a marcha das companhias conquistadoras, sobretudo não nas partes montanhosas, que, além do mais, ainda careceriam muitas vêzes do pasto necessário. Mesmo Dom Pedro de Mendoza em 1535 e o segundo Adelantado Cabeça de Vaca, apesar de saberem que o Rio da Prata era uma região campestre, muito apta para a criação, não trouxeram gado algum fora de seus cavalos, a não ser talvez algum gado suíno, que era fácil de transportar por mar, por ser um animal onívoro e de pequeno porte. Provar-se-á mais tarde que os suínos entraram já com Dom Pedro de Mendoza em 1535 no Rio de la Plata. A meta dos conquistadores era penetrar, conquistar, alcançar as famosas minas de prata e ouro, de que todo o mundo falava. Depois com os povoadores pròpriamente ditos viriam as outras espécies de gado doméstico. Tanto mais é de admirar que os portugueses tão cêdo levassem gado *vacum* para as suas colônias ocidentais no Brasil.

61. *Introdução do gado vacum no Peru.*

Não interessam aqui os pormenores, nem pròpriamente datas exatas e dados geográficos e pessoais, pois que a

introdução do gado no Peru é apenas uma nota complementar para o estudo de que se ocupa êste trabalho. À falta de melhor literatura sôbre êste ponto, resenhamos uns poucos de dados da Enciclopédia Espasa Calpe, que julgamos ao menos medianamente bem informado. Na palavra Peru diz que em 1544 as primeiras cabras se vendiam à razão de 100 a 200 ducados cada uma. Depois que a região montanhosa favorecera extraordinariamente a multiplicação, chegou a ser tão comum, que ninguém mais fazia caso delas. Caçavam-se apenas para aproveitar os chifres.

Dos bois diz que em 1550 se víram as primeiras juntas de bois lavrando a terra perto de Cuzco. Os índios, que acorriam aos milhares, se admiravam e escandalizavam dos espanhóis que eram tão preguiçosos que mandavam os bois fazer o trabalho que êles mesmos deviam fazer. Devem, pois, ter entrado por êste tempo as primeiras vacas, cuidadosamente guardadas por seus donos. Depois passaram a ser vendidas à razão de 180 ducados cada uma. Se ducado corresponde mais ou menos a um peso, teremos que nos bons tempos nas reduções por um peso se compravam duas ou três vacas.

Diz Espasa Calpe, que em 1557 se vendeu um asno por 480 ducados e outro por 840. Seria pela raridade. O primeiro gato foi vendido por 600 pesos. Um tal de Reynaga introduziu um par de camelos que vendeu por 8.400 ducados.

Conforme estes dados o gado vacum deve ter entrado no Peru por volta de 1550, pelo menos na parte interna da terra.

O gado ter-se-á, evidentemente, propagado, embora não na escala prodigiosa como no Rio da Prata, o que já se deduz do fato que durante séculos se levava gado do Tucuman para o Peru, sobretudo as tropas de mulas para trabalhar nas minas de prata; mas também rézes para o sustento dos índios mineiros.

Comparando os dados vemos que há a diferença de uma dúzia de anos entre a introdução do gado vacum no Peru e no Brasil. Também há um lapso de 12-13 anos entre a vinda do gado vicentino e a do gado peruano, para o Paraguai, o que insinua a predominância posterior do sangue vicentino.

## INTRODUÇÃO DO GADO PAULISTA NO PARAGUAI.

Os antecedentes, motivos e ocasiões da extração furtiva



do gado vacum da costa de São Paulo, encontramos-os na presença dos espanhóis em São Vicente. Lembremo-nos que era antes da união das duas coroas em 1580 com o desastre português de Alcacer-Quebir. Os estrangeiros eram de duas procedências: ou fugidos de Assunção por ocasião das turbulências que depuseram a Alvar Núñez Cabeça de Vaca, ou naufragados na costa sul do Brasil.

62. Tomemos primeiro *os fugitivos*. O fundador da primeira Buenos Aires se retirara finalmente para Espanha, morrendo na viagem de volta. Mandara gente Paraná acima, a qual fundou Assunção do Paraguai em 1537. Nomeou-se novo Adelantado na pessoa de Alvar Núñez Cabeça de Vaca. Mas antes que êste chegasse ao Paraguai, morreu Ayolas, o substituto de Mendoza e tomara conta da fundação Domingo Martínez de Irala. Tão insignes qualidades de chefe demonstrou Irala, que, quando chegou finalmente Cabeça de Vaca, por terra desde a ilha de Santa Catarina, e se mostrou, ao que parece, menos compreensivo para com os velhos conquistadores, estes se revoltaram, depuseram-no e o embarcaram de volta para Espanha, continuando Irala com o comando. Nesta ocasião, pois, alguns partidários de Cabeça de Vaca tiveram que fugir por terra para São Paulo e se achavam em São Vicente, quando chegaram os outros, que eram naufragos. A julgar pelo que diz Vicente Sierra em sua História da Argentina, ao tratar da fundação de povoações espanholas na região do Guairá (Onteviros, Villa Rica etc.), cremos que era bastante frequente acharem-se paraguaios em São Paulo e viceversa. De modo que não seriam somente refugiados políticos, os que se achavam em São Paulo, na ocasião, em que lá foram parar os naufragos da expedição de Sanábria. (11)

63. Além dos fugitivos, *os naufragos*. — O rei nomeara, em substituição a Cabeça de Vaca a Juan de Sanabria. Êste meteu todos os seus bens na empresa, mas faleceu antes da partida. Entrou, como era justo e legal, em seu lugar seu filho Don Diego de Sanabria. — Pela capitulação de Sanabria se vê que sua expedição era preferentemente povoadora como se vê em Sierra, Historia de la Argentina. (12)

Don Diego de Sanabria conseguiu armar dois bergantins e a nave de São Miguel, em que iriam as pessoas mais influentes da expedição, levando como cabeça uma das mulheres mais extraordinárias, que conheceu a história das fundações de Espanha, Dona Mência de Calderón, mulher

do falecido Juan de Sanabria. — Partiram de San Lúcar em 10 de abril de 1550. Ia também o célebre arcabuzeiro Hans Staden, que escreveria memórias sôbre as peripécias desta viagem. Don Diego queria ir mais tarde, mas na realidade nunca chegou ao lugar de sua emprêsa.

Depois do Cabo Verde as embarcações foram dispersadas. Uma voltou à Espanha, outra conseguiu ir até Santa Catarina, onde se pôs a esperar pelas companheiras, abrigada nas baías que formam aquela Ilha. A nau de São Miguel singrou por muito tempo pelas costas da África. Alí caiu nas mãos de corsários franceses, que a saquearam e maltrataram, mas, com grande admiração de Hans Staden, respeitaram as mulheres, o que, segundo Staden, era muito para um francês naquelas condições. Depois de quatro meses de errar por todos os mares, a São Miguel aportou finalmente à Ilha de Santa Catarina, onde se encontrou com o bergantim que a esperava. Encontraram também alguns espanhóis de Assunção, que haviam persuadido aos índios da região, a plantarem muita mandioca, para aprovisionar com farinha as naus de Espanha.

Quiseram prosseguir viagem. Mas, de repente, a nau de São Miguel se desfez e se afundou no mar. Tiveram que ficar por enquanto onde estavam. Despacharam por terra uma expedição a Assunção, pois sabiam que naquele lugar já havia estaleiros navais para a construção de embarcações capazes de afrontar o mar. Cabeça de Vaca fôra numa nau construída em Assunção.

Com a demora resolveram embarcar-se no bergantim que ainda lhes restava. Desceram pela costa catarinense, e naufragaram na altura da atual Laguna, perdendo tudo menos a gente.

Dividiu-se então mais uma vez a gente. Uma parte foi por terra ao Paraguai e chegou com morte de algumas dezenas de pessoas. A outra parte ficou em Laguna, construiu um pequeno povoado, e um pequeno navio para continuar na derrota. Mas logo que entraram em alto mar, viram que tão pequena embarcação não suportaria os mares que estavam ainda pela frente. Resolveram virar para norte e procurar alguma povoação portuguesa. Naufragaram na altura de Itanhaem, perdendo tudo menos a gente. Prosseguiram a pé até chegarem a São Vicente. Uns tencionavam seguir até Assunção. Mas a intrépida Dona Mência de Calderón lembrou-se da obrigação, que assumira seu marido e seu filho, de fundar uma povoação na costa do Atlântico. A mulher forte teve maneira de voltar para o sul com alguns de sua gente e fundou povoação no pôrto que hoje ainda se chama de

São Francisco. Isto foi por volta de 1553. Se vingasse a fundação bem outra seria tôda a história do sul do que agora chamamos Brasil. Mas em 8 de fevereiro chegou a São Vicente o Capitão Geral Tomé de Souza, que mandou desalojar São Francisco, por julgar que estava na demarcação portuguesa. Os espanhóis foram todos devolvidos a São Vicente.

Segundo alguns autores (13) houve desavenças graves entre os componentes que ainda restavam da expedição na costa do Brasil. Dona Mência destituiu do comando a Juan de Salazar y Espinosa. Talvez fôsse pela questão da reocupação de São Francisco. Salazar ficou em São Francisco e teve dois anos mais tarde papel saliente na extração furtiva do gado vacum. Dona Mência entretanto, depois de catorze meses de detenção em São Vicente, desceu novamente para São Francisco e reedificou a fundação, que já fôra arrasada pelos índios da terra. (14) Nasceu-lhe ali um neto que mais tarde seria, com o nome de Fray Hernando Trejo y Sanabria, o primeiro bispo do Tucuman e fundaria a primeira grande Universidade que ali teve por séculos a Companhia de Jesus.

Mas a demora de Dona Mência e de sua gente em São Francisco foi de pouca duração. Pois após algum tempo chegou-lhes a notícia de que Domingo Martínez de Irala fôra nomeado governador do Paraguai pelo Rei. Caducara, por falta de cumprimento, a capitulação dos Sanabrias. Isto e a indefesa situação em que se achava São Francisco diante dos portugueses, levou Dona Mência com todo o resto de sua gente, a empreender a viagem para o Paraguai. Dizem os autores que morreram 32 soldados na travessia do sertão. E chegados que foram Irala mandou prender a Hernando de Trejos, por haver abandonado o pôrto de São Francisco, que de tanta utilidade houvera sido, em caso de sustentar-se.

64. Estamos pois agora com dois grupos de espanhóis reunidos em São Vicente. Parece que os dois chefes eram respectivamente Ruy Dias de Melgarejo do grupo de refugiados, e Juan de Salazar y Espinosa do grupo dos náufragos. Vejamos as *gestões dêstes dois grupos*.

Parece que os dois grupos faziam muita pressão entre povo e autoridades de São Vicente para poder comprar a pêso de ouro algum gado e material de ferro, que escasseava em Assunção. E' o que se depreende de uma carta de Salazar ao Real Conselho de Indias, em 20 de julho de 1553. Mas foram baldados todos os seus esforços. Não se lhes

dava licença nem para as compras, nem para voltarem à sua terra. (15) — Abstraindo completamente da justificação das medidas portuguesas, temos que ela ao menos é perfeitamente compreensível. Tudo que saísse da colônia portuguesa, faltaria a esta e aproveitaria ao competidor nacional.

Não obstante esta atitude oficial, parece que as relações pessoais entre as duas nacionalidades, devem ter sido bastante boas. Segundo uma carta de Nóbrega, que se queixa do êxodo dos portugueses do Brasil, devem ter conseguido convencer a não poucos a se trasladarem para o Paraguai, a ponto de êste Provincial dos Jesuitas pensar em fundar residência em Assunção, para ter um refúgio no sul do continente, em caso de se despovoar Piratininga. (16) A carta de Nóbrega é de 1553, ano em que se deu a extração furtiva do gado.

Ao que se parece os espanhóis se aproximaram mais dos dois irmãos Cipião e Vicente de Góis. Vimos acima que seu tio Pero de Góis dera seu engenho Madre de Deus no Enguaguaçu, ao pai dos dois irmãos, Luiz de Góis, e que êste por sua vez também se retirara, deixando a propriedade para os dois filhos. Mais tarde Ruy Dias de Melgarejo é acusado de ter desencaminhado os dois irmãos, causando com isto a morte por desgosto dos pais. (17) Mas é acusação de inimigo. Melgarejo se defende dizendo que os Góis de sua livre e espontânea vontade consentiram na trasladação.

65. *O plano dos espanhóis* se fundava precisamente na boa vontade dos irmãos Góis, e na relativa riqueza em gado que os irmãos Góis deviam ter já no Engenho do Enguaguaçu. Pois em 1555 o gado já fazia mais de vinte anos que estava em São Vicente. Os pais e tio dos irmãos Góis devem ter sido bastante abastados como mostra a escolha que em Pero de Góis fizera o Rei de Portugal. Não seriam postos à frente da Capitania de São Tomé, se não tivessem recursos pessoais. Dai pensar-se que seriam dos primeiros a abastecer-se de gado em 1534, e dai pensar-se que em 1555 já deviam ter bastante gado em seu engenho. Vinte anos é muita coisa para a proliferação do gado.

66. *O pacto ou combinação dos espanhóis com os irmãos Góis* se torna bem compreensível, ainda que se abstraia da questão da sua legalidade. Os despachos do Rei, talvez a muito tempo pedidos e a muito tempo esperados em vão; as vexações que devem ter sofrido, como é de ver, por

causa da fundação de São Francisco, e por causa de sua condição de refugiados duma nação rival e inimiga; as altercações por causa da compra de ferro e gado; tudo isto e muitas razões pessoais conjetura-se fàcilmente como causas do atrito. Nóbrega, com ser português, e que português!, fala em uma carta ao Geral como se os espanhóis tivessem tido muita razão de se encandalizarem dos portugueses. (18) Acicatava-os também a imensa vantagem que teria a criação do gado vacum em todo o Rio da Prata, que na sua imensa maioria é uma vasta área campestre, que os espanhóis ao menos teriam entrevisto nas suas subidas e descidas do Paraná... Com a vantagem comum, a vantagem dos particulares que levassem o gado e o multiplicassem e vendessem a pêso de ouro para os outros povoadores. Diz Vicente Sierra (19) que os irmãos Góis pertenciam ao número dos paulistas que freqüentavam o caminho para o Guairá em busca de índios para vender. Não é pois preciso supôr que os irmãos Góis seriam tão dependentes que precisassem ser como que moralmente forçados ao pacto com os espanhóis. Achamos que Salazar tem razão quando se defende dizendo que Cipião de Góis já de per si tivera a vontade para a combinação com êles. (20)

Em resumo quais os motivos que levaram os irmãos Góis a esta como que traição legal à sua terra? E' fàcil de conjeturar que um dos motivos principais seriam conveniências econômicas. Enriqueceriam com a venda de sementais do gado que levavam? Obteriam facilidades na caça e compra de escravos indígenas nas recentes fundações do Guairá ou oeste do Paraná e São Paulo?

Haveria também algum parentesco por casamentos? Gregório de Acosta acusa a Melgarejo de ter casado em São Vicente, de ter desencaminhado os irmãos Góis, de lhes ter tirado tudo na viagem, e ter até infamado a mulher de Cipião.

67. *Os componentes humanos da caravana da fuga* constam em parte e esparsamente. Sintetizando a Aurélio Pôrto, (21) podemos dizer que ia naturalmente o capitão Juan de Salazar y Espinosa, com sua mulher Izabel de Contreras, suas duas filhas, e mais três outras mulheres casadas. Ia o famoso Ruy Dias Melgarejo, os dois irmãos Cipião e Vicente de Góis, dos quais o primeiro era casado e levava sua mulher. Parece pois que os Góis não pensavam mais em voltar. A escolta era de dez soldados espanhóis e seis portugueses. Os soldados seriam pessoas particulares livremente engajadas para o serviço das armas. Quer-nos parecer

que tôda esta gente branca ou mestiça que estava acostumada a ser servida por índios, não iria sem um grande acompanhamento de indígenas. Os índios gostavam de ir em companhia dos brancos que lhes proporcionavam tantas vantagens. Iriam pois índios de serviço pessoal, de bagagens, de sentinela, de defesa e ataque. Talvez no fundo tôda a empresa tinha ares de bandeira. Uma comitiva de brancos com todos os seus pertences, com ao menos sete mulheres brancas, com uma pequena manada de animais domésticos, seria uma presa demasiadamente tentadora para os índios que moravam de permeio. Daí que supomos que a comitiva total seria bastante reforçada, constando talvez de algumas centenas de pessoas.

68. *Os gados que levaram.* — Segundo a versão da lenda «A Argentina» de Ruy Diaz de Guzman levaram *sete vacas e um touro*. (22) Quanto ao número do gado veremos mais tarde uns reparos críticos no número 74. Resumimos aqui que os Góis deviam ter mais animais em sua fazenda, e podendo levar mais, e sendo de imensa vantagem levar mais, e estando provavelmente resolvidos a não voltar mais para São Vicente, não se arriscariam a perder tudo que levavam nos percalços da viagem — imagine-se o caso de perder o único touro que levavam! — e eram tantos os perigos: frechadas de índios, ataques de tigres, afogamento na travessia dos rios... Além disso em 1568 ou princípios de 69, quando veio o primeiro gado vacum do Peru, já parece que havia no Paraguai tamanha quantidade de vacunos, que o casco inicial deve ter sido muito maior do que sete vacas e um touro. Mas sôbre isto mais no citado número 74.

E quanto a *cavalos*? E' verdade que Assunção, em 1555, já fazia quase vinte anos que tinha os seus cavalos providos da primeira fundação de Buenos Aires. Também é verdade que os bandeirantes paulistas praticamente sempre iam a pé nas suas excursões preadoras, precisamente porque para prear índios era necessário penetrar nos matos cerrados, onde os cavalos só serviriam para estorvar. Não sabemos se abundavam os cavalos em São Vicente em 1555. Por outro lado podemos dizer a priori que uma grande criação de gado vacum nunca se fez nem se faz sem cavahada abundante, pelo menos no Rio da Prata e sul do Brasil. Em todo o caso nos parece evidente, que se em 1555, havia bastantes cavalos em São Vicente, os irmãos Góis e os espanhóis não deixariam de levar cada um alguns cavalos para o serviço das pessoas e do gado, tanto mais, que veremos adiante,

o gado vacuum, que levaram deve ter sido pelo menos de algumas dúzias, em vez de sete vacas e um touro. (N.º 74).

Nos autores não consta que levassem outras espécies de gado.

**69. *Partida e perseguição pelas autoridades.***

A partida deve ter sido furtiva, porque aliás não se explicaria a atitude das autoridades, e deve ter-se dado em maio de 1555. (23) Os governantes entretanto não tardaram em ter conhecimento da fuga. A vigilância era imperativa pela lei e pelas manobras indisfarçáveis dos espanhóis. Diante da dupla infração que era a extração de gente e de gado, os governantes se julgaram com direito e mesmo dever de interceptar a caravana ainda que fôsse por meios violentos. Até ai não cabe dúvida. O reparo começa quando se examinam os meios que empregaram. Pois mandaram a uma aldeia de tupís que ficava no caminho da caravana, que a fizessem parar, e em caso de resistência, matassem tudo. (24) Tratando-se de índios, sempre mais ou menos irresponsáveis e sempre ávidos da presa que entreviam, era o mesmo que condenar à morte tôda a caravana.

**70. *Salvação da caravana pelo Padre Manuel da Nóbrega.***

Será por isso que Nóbrega interveio no caso. Não que incriminasse a lei em si mesma. Já êle clamara contra o êxodo dos portugueses de São Paulo. Terá pensado na situação desesperada dos naufragados, e na sua sorte segura se caissem nas mãos dos tupis, onde só a fôrça bruta teria a palavra. Por isso, pensando interpretar a mente de seu rei, foi avisar aos tupis que certamente o rei e Deus se dariam por muito mal servidos se eles atacassem os fugitivos. Abstemo-nos de julgar o procedimento de Nóbrega que um ano antes fundara o colégio de Piratininga e com isto deu princípio à hodierna cidade de São Paulo.

A caravana passou ileso e afundou-se nos imensos sertões do oeste em busca de Assunção do Paraguai. (85)

**71. *A duração e trajetória da viagem*** seria de muito interêsse para quem estuda esta fase da pecuária riograndense. Segundo as referências dos autores parece que não consta grande coisa sôbre estes pontos. A viagem durou uns cinco longos meses, parte por água parte por terra. (26) Talvez procurassem alcançar desde o Guairá as cabeceiras do Jejuiguaçu que desemboca no Paraguai, possibilitando uma viagem aquática para a gente, ao passo que o gado seguiria

por terra. Não sabemos se a parcimônia em notícias não se deve ao receio de fornecer armas aos inimigos, que poderiam acusar de contrabando e confirmar as acusações pelos depoimentos das próprias pessoas acusadas, já que era ilegal o procedimento.

72. *Também a chegada a Assunção* ficou sem muitos pormenores. Deve ter-se dado em novembro de 1555. Requereria profundos conhecimentos da história assuncenha de então, a tentativa de projetar sobre este fundo histórico o que provavelmente se teria dado na chegada do primeiro gado vacum. Vicente Sierra assinala alguns fatos (27) como a criação do bispado do Rio da Prata, a resolução de Irala de repartir encomiendas de índios aos conquistadores, a morte de Irala em 1556. Mas era preciso conhecer a vida privada de Assunção, a sua agricultura incipiente, o seu trato com os índios, a difusão das herdades dentro e fora da vila, para fazer uma idéia do impacto, entre brancos e índios, da chegada dos primeiros bovinos vindos da costa do Brasil. Falta-nos tempo e competência para conjecturar sobre isto.

Passamos agora a alguns reparos, que se podem fazer a tudo isso. Encontrâmo-los também apontados em Aurélio Pôrto, embora um pouco confusamente.

73. O primeiro reparo é sobre *o silêncio dos autores contemporâneos* que naturalmente deveriam falar deste assunto do gado. Segundo constata Aurélio Pôrto, o único contemporâneo que por escrito fala da coisa é Ruy Dias de Guzman em sua *A Argentina*. Juan de Salazar y Espinosa e os Jesuitas parece que não mencionam a extração furtiva do gado, ao menos a julgar pelo que diz Aurélio Pôrto. (28) — Supondo a veracidade do silêncio destes autores, de que não temos os documentos originais à disposição, podemos prudencialmente conjecturar qual havia de ser o motivo de tal silêncio. A ação a que concorriam se compreendia, mas estava fora da lei. Não quereriam pois prejudicar amigos com revelações inoportunas, que não eram de sua obrigação.

Que seu silêncio não prova nada, vemos claramente da categórica afirmação do autor da *Argentina*. Vêmo-la da carta de Salazar ao Conselho em que fala da intenção de alguns espanhóis que em 1553 estavam em São Vicente de levar gado para o Paraguai. (29) Vêmo-lo da tradição posterior que nunca foi contestada, senão solenemente afirmada pelo cabildo de Buenos Aires, que veremos no número seguinte. Vêmo-lo sobretudo no fato atestado por muitas



testemunhas de que havia bastante grande quantidade de gado vacum em Assunção, antes da vinda dos gados peruanos, como veremos mais pormenorizadamente nos números seguintes. (30) Ora êste gado não veio nem podia vir de outra parte, a não ser de São Vicente. Não veio nem do Peru nem de Espanha, e de resto só havia gado na Bahia e em São Paulo. Portanto o silêncio dos jesuitas e espanhóis não prova absolutamente nada contra a veracidade do fato.

74. *Exposição da segunda dúvida.* Outro ponto que se pode criticar é o número dos animais, que aponta Ruy Diaz de Guzman em sua Argentina como trazido na ocasião assinalada. Diz que eram sete vacas e um touro, e que estavam a cargo de um tal Gaete, o qual por todo o imenso trabalho de levá-las de São Vicente a Assunção tinha promessa de receber uma vaca. Dai diz que se origina o dito popular de que uma coisa muito cara é cara como as sete vacas de Gaete. (31)

Já o número sacro sete torna suspeita tôda a coisa, além da rima siete e Gaete, que podem estar numa frase em voga naquele tempo. Vejamos os argumentos que há para duvidar sèriamente dêste número sete. Temos argumentos, que poderíamos chamar a posteriori. São documentos. E temos argumentos a priori, que são cálculos, com base segura, que de antemão ou a priori nos inclinam a crer que o número deve ter sido bastante mais alto.

75. *Argumentos de autoridade ou de documentos.* Há autores de peso que pensam que a caravana teria levado mais que sete vacas e um touro. Como tipo de autoridade lembramos Aurélio Pôrto, que, em sua História, (32) sustenta que teriam sido mais que sete vacas e um touro. Por meio dêle fala o General Ptolomeu de Assiz Brasil. Outro autor que sugere o mesmo é Vicente Sierra, em sua História de la Argentina. (33) Ainda que Sierra, segundo o seu costume, não indica exatamente em quem se apoia, parece evidente que se afirma em Aurélio Pôrto. Coni e Caviglia são anteriores a Aurélio Pôrto e ainda não tocam neste particular.

76. Mas o fundamento em que tôdas as autoridades se apoiam, é um exame dos dados e de suas conseqüências, de modo que se chegue a pensar que deve ter sido maior o número de gado levado na caravana.

76 bis. *Vamos primeiramente expôr o resumo da ar-*

*gumentação* para que se possa acompanhar mais facilmente a lógica que nela se encontra. Depois daremos mais detalhadamente a maneira de arrazoar.

Por um lado consta que o gado vicentino que entrou em 1555 no Paraguai, é o único gado que havia no Paraguai antes da vinda do gado vacum peruano. Portanto quando veio o gado peruano, o gado que então já estava no Paraguai era todo descendente do gado vicentino. E' lógico. Ora parece que o gado vacum que já havia em Assunção pouco antes da vinda do gado vacum peruano era bastante mais do que se podia esperar de sete vacas e um touro. Logo, concluimos, em 1555 devem ter entrado mais que sete vacas e um touro.

Devemos pois ver primeiro qual é o número atingível com sete vacas e um touro (N.º 77), e depois qual o número que já havia em Assunção antes da vinda do gado peruano (Ns. 78 e 79).

**77. Qual o número de cabeças atingível de 1555 a 1569 por sete vacas e um touro?**

A esta pergunta só pode responder um homem, que seja peritíssimo em zootecnia e conhecedor profundo das condições históricas e geográficas em que se teriam multiplicado as vacas trazidas ao Paraguai pelos irmãos Góis. Confessamos que nada conhecemos sôbre a percentagem de aumento duma manada em determinadas condições. Mas Aurélio Pôrto julgou ter encontrado êste perito em zootecnia e história no General Ptolomeu de Assis Brasil, que a pedido de Aurélio Pôrto calculou, quantas cabeças de gado vacum resultariam da procriação de sete vacas e um touro de 1555 a 1568 ou 9. Evidentemente os cuidados possíveis não faltariam da parte dos donos das sete vacas e um touro. Pois bem, Assis Brasil chega ao resultado que incluindo todos os percalços naturais, que se conhecem e se podem conjeturar, o máximo de cabeças a que as sete vacas poderiam ter chegado neste lapso de tempo seriam 450 cabeças entre machos e fêmeas. (34) — Em Coni se acham dispersamente bastantes dados sôbre o natural adiamento do acasalamento dos animais, pelo menos na vida livre da Campanha, sôbre a média da parição, sôbre a mortalidade média da terneirada. (35) Ainda que estes fatores se reduziriam em algo pelos extremos de cuidado, que são imagináveis naquelas circunstâncias, haveria por outro lado os descuidos dos índios de serviço, os roubos, os tigres, as cobras venenosas... O quadro dos cálculos de Assis Brasil está em Aurélio Pôrto I, 256.

Passemos agora a entrever nos documentos escritos daqueles anos se seria maior ou menor o número de cabeças de gado vacum, do que o número que Assis Brasil achou como máximo em 14-15 anos para sete vacas e um touro.

78. *Dados relativos a Irala e Núfrio de Chaves.* — Em 1556, portanto um ano após a introdução do gado vicentino, já a Câmara de Assunção determina que se pague o dízimo do gado vacum, ou seja que de cada dez cabeças de gado vacum uma seja entregue à autoridade à maneira dos nossos impostos modernos. (36) E' verdade que o dízimo de cavalos e suínos já devia de estar estabelecido desde a fundação de Assunção, e por isto não se estranharia que logo se decretassem impostos também acêrca das vacas, que talvez nem chegassem ainda ao número de dez. Por outro lado o decreto parece sugerir que já havia algo que dizimar, e que portanto haviam entrado mais que sete vacas e um touro.

De fato veremos que no ano de 1557 havia tanto gado que quase necessariamente supomos que também em 1556 e mesmo em 1555 devia haver mais que as famosas sete vacas... Para 1557 temos o seguinte:

Por uma parte temos que sete vacas e um touro de 1555 a 1557 não podiam dar mais que 24 cabeças. Ora em 1557 morre Irala, deixando entre poucas outras coisas «cavalos e éguas e... gados» para os herdeiros. (37) Azara, que compulsou muitos documentos que talvez hoje não existem mais diz que os gados deixados por Irala eram 24 bovinos e equinos. Parece incrível que Irala ficasse para si com todo o gado trazido pela caravana dos irmãos Góis. Por isto dizemos que parece que êles devem ter trazido bastante mais que sete vacas e um touro. Mas há mais. Neste mesmo ano de 1557 o General Núfrio de Chavez se interna Paraguai acima e na famosa região dos Jaraes deixa entre índios amigos as embarcações e quantidade de gados maiores, como diz expressamente o documento. (38) Notemos que os antigos, quando falam de equinos sempre dizem cavalos e éguas. Quando falam de ganados maiores entendem sobretudo gado vacum. Tanto assim que Irala neste mesmo ano em seu testamento diz: «...cavalos e éguas e gado...» (39) E Azara identifica gados com gado vacum. Ora se Núfrio de Chavez levou para o sertão e cometeu a levianidade de deixar entregue ao cuidado de índios, amigos, sim, mas inteiramente desacostumados com gado vacum e cavalos, «quantidade de ganados maiores» é sinal de que havia em Assunção uma relativa abundância de vacunos. Os que

podiam descender das sete vacas de Gaete, estavam, segundo Azara, com os descendentes de Irala. O fato de arriscar o precioso casco inicial para entre índios, ainda que supervisionados por alguns capatazes brancos, insinua que haveria alguma abundância. Logo se insinua que os Irmãos Góis devem ter trazido algo mais que sete vacas e um touro.

79. *Passemos ao que diz o Cabildo de Buenos Aires*, referindo-se, ao que parece, exclusivamente ao gado que havia em Assunção antes da vinda do gado peruano. (40) Diz pois que o gado que os irmãos Góis haviam trazido a Assunção, se havia multiplicado tanto que dava para manter a cidade de Assunção e os distritos de sua propriedade. E' de supor que o Cabildo se refira só ao gado de 1555 e não ao de 1568 e 9, porque diz expressamente o gado dos irmãos Góis. O cabildo não ignorava a contribuição peruana e não podia atribuir só aos portugueses o que também se devia aos espanhóis. Nem é de esperar que falasse levemente, dizendo que dava para manter tôda a Província, em que seguramente em 1568 havia cêrca de mil brancos e mestiços, se de fato não houvesse mais que as 450 cabeças, que ao máximo podiam ter dado sete vacas e um touro entre 1555 e 1568. Donde se deduz que as vacas eram mais que sete em 1555.

80. *Mas temos ainda um argumento a priori*, que, de antemão, nos convence de que, podendo êles e sendo-lhes útil, os irmãos Góis deviam ter levado mais que sete vacas e um touro. Vimos no número 58 que forçosamente os pais dos irmãos Góis teriam certa abundância de gado no seu engenho da Madre de Deus em Enguaguaçu. Ao que parece era pois possível levar mais por haver muito mais que sete vacas e um touro no engenho. Além disso parece que os dois irmãos se transferiam para a soberania de Castela, o que sugere também a severidade das medidas tomadas contra êles na fuga. A viagem se prolongaria por cinco a seis mêses, através de matos e campos, banhados e caudalosos rios, por entre tigres e feras humanas, podendo fàcilmente dar-se o caso de chegar ao Paraguai sem nada, ao menos sem touro, uma vez que levavam só um. Segundo a lenda, Gaete teria trabalhado com infinitas canseiras durante cinco mêses, levando as sete vacas para Assunção, com a promessa de receber no fim das canseiras uma vaca. Se a lenda é lenda, mostra ao menos que estimação e preço teriam as vacas em Assunção em 1555, e que lucros poderia esperar quem se apresentasse com algumas dúzias dêstes uti-

líssimos animais. A condução de vinte ou trinta vacas não custava muito mais do que a de sete, já que a viagem era por terra, de matos e campos, onde de per si não pode faltar a única coisa que as vacas precisam, que era pasto e água.

Será que nestas circunstâncias os irmãos Góis e os espanhóis que iam em sua companhia, podendo levar mais vacas, levariam apenas sete? E se arriscariam a inutilizar todo o trabalho, levando apenas um touro que facilmente se podia perder? Ainda que as vacas já estivessem prenhes, não havia segurança que nascesse pelo menos um tourinho.

De todos êstes argumentos tiramos a conclusão que seguramente a caravana dos irmãos Góis levaria mais que sete vacas e um touro. Note-se que quando dizemos os irmãos Góis não prejudgamos de forma alguma a questão de se os irmãos Góis eram os chefes da caravana ou se o eram os espanhóis Juan de Salazar y Espinosa ou Melgarejo. Alguns autores nomeiam sempre Salazar ou Melgarejo como introdutores do gado de São Vicente. O Cabildo de Buenos Aires, como vimos usa a expressão os irmãos Góis, que eram portugueses de São Vicente na costa do Brasil.

## INTRODUÇÃO DO GADO PERUANO NO PARAGUAI

81. *Aclarações.* — Circunstâncias imprevistas nos separam de mais abundante literatura sôbre êste ponto. Ate-mo-nos, pois, às indicações que fornecem Aurélio Pôrto e os autores que êle consultou. Há também dados em Vicente Sierra, História da Argentina, 1492-1600.

Segundo, pois, os documentos, que compulsou Aurélio Pôrto até 1940, em que publicou a História das Missões Orientais, só podem entrar em questão como introdutores do gado peruano dois homens, aliás famosos na história do Rio da Prata: Felipe de Cáceres e Juan de Garay. Ambos estavam implicados nos movimentos, que, talvez para o bem do Paraguai, tiraram a governança desta Província a Juan Ortiz de Vergara e a entregaram por ordem real a Juan Ortiz de Zárate. (41) — A introdução de Cáceres se deu em 1568 ou princípios de 69; a de Garay uns vinte anos mais tarde, se é que se deu, pois há quem a negue. Mas sôbre êste ponto algo mais abaixo no número 87.

Já vimos como consta o fato e de alguma maneira o número do gado que veio de São Vicente em 1555. Agora o fato e a quantidade do gado peruano. Depois se poderia abordar a questão sôbre se domina o sangue vicentino

ou peruano no gado que durante séculos marchou no Rio da Prata e na antiga Banda Oriental.

Vamos primeiro a *Felipe de Cáceres*, examinando seus compromissos em nome de Juan Ortiz de Zárate, sua viagem com o gado e a quantidade que poderia ter trazido.

82. *Os compromissos de Juan Ortiz de Zárate*, e de seu lugar-tenente Felipe de Cáceres. — São muito complicados os caminhos pelos quais Cáceres chegou à governança do Paraguai como lugar-tenente de Zárate. Fôra nomeado como governador do Paraguai Francisco Ortiz de Vergara. Mas as intrigas de muitos lhe dificultaram a obtenção efetiva do cargo. Sobressaia entre todos os seus adversários ou antes concorrentes Juan Ortiz de Zárate, riquíssimo mineiro do Peru, que tinha a seu lado e a seu serviço dois homens hábeis e decididos como Felipe de Cáceres e Juan de Garay. (42) — Zárate se convencera de que havia ouro no Paraguai, seduzido por amostras que talvez fôsem do oeste do Brasil. Pleiteou o govêrno para si. Era homem de grande fortuna e ofereceu levar por sua conta e risco 300 homens de armas, famílias de lavradores, artesãos, mais de 4000 vacas e outras tantas cabeças de gado lanar, 500 éguas e cavalos, e 500 cabras. Tudo de suas estâncias de Tarija e Charcas. Além disso comprometia-se a fundar cidades no caminho do Paraguai ao Peru para garantir a comunicação do Peru com a Espanha através do Rio da Prata, evitando os perigos do mar, que correriam os transportes de ouro peruano... (43) Não sabemos que condições oferecia Vergara. Talvez a riqueza de Zárate desse mais garantia do sucesso da empresa.

Zárate tinha a sua nomeação dependente da aprovação do Rei. Ele mesmo iria a Espanha negociá-la. Nomeou para seu lugar-tenente a Felipe de Cáceres, não só para governar em seu lugar, mas também para chefiar a expedição fundadora que iria do Peru ao Paraguai. (44) Os compromissos de Cáceres eram pois os mesmos que os de seu mandante Juan Ortiz de Zárate.

83. *Cumprimento e viagem de Felipe de Cáceres*. — Fizeram a viagem até Chuquisaca, onde se lhes incorporou o novo bispo do Paraguai e alguns assuncenhos que ali se achavam. Em Santa Cruz de la Sierra foram bem recebidos por Núfrio de Chavez, que uns anos antes, mandado por Irala a explorar a terra, como que se independizara e continuara a rota e fundara, sem ser autorizado por Irala, a cidade de Santa Cruz de la Sierra. Na segunda metade de 1568 volveram a marchar. Compunha-se a cara-

vana de sessenta espanhóis, e grande número de índios de serviço que conduziam parte do gado a que estavam comprometidos Zárate e Cáceres. (45)

De Santa Cruz de la Sierra escoltou-os ainda algum tempo Núfrio de Chavez, que por êste tempo e ocasião foi morto pelos índios em uma emboscada, perecendo com êle todos os seus companheiros.

Felipe de Cáceres entretanto prosseguia viagem, não sem ter também da sua parte freqüentes encontros com os índios das comarcas em que pasavam. Refere Ruy Dias de Guzman, que estiveram uma vez em risco de perecer todos às mãos dos índios, se não fôsem as armas de fogo que contiveram a investida. (46)

Entrou Cáceres em Assunção a 11 de dezembro de 1568. Esta data às vêzes leva a dizer que o gado peruano veio ao Paraguai em 1569. (47)

Esta é a primeira introdução de gado peruano que os autores assinalam depois da do gado vicentino em 1555.

84. *A quantidade de gado trazido por Cáceres* não consta claramente das fontes de que dispomos. Consta a obrigação assumida na capitulação. Mas não consta nem quantas vacas saíram do Peru nem quantas chegaram ao Paraguai. Certamente não traria Cáceres todo o gado da obrigação já na primeira viagem. E' de se ver se em 1568 já havia tanto gado em mãos de um só, ainda que fôsse um Juan Ortiz de Zárate. Por isso Sierra diz que Cáceres levava uma parte do gado da capitulação. Que parte seria, não sabemos. Mas o contador Pedro Dorantes avisa que do gado trazido por Cáceres, haviam sido desfalcadas 500 vacas antes de chegar a Santa Cruz de la Sierra, e que no Rio Paraguai se extraviamam mais 130, de modo que alguns proprietários, com mais de cinquenta vacas no lote, chegaram a ficar com apenas cinco quando da chegada a Assunção. (48)

Pela literatura à nossa disposição não nos consta de que maneira se conduziria o gado, se cada proprietário conduzia as suas vacas separadamente — o que não é de esperar, — ou se iam tôdas as vacas em conjunto, sendo muito mais fácil a proteção necessária. Também não sabemos se cada um recebia do bloco final na proporção em que havia contribuído para êle, ou se recebia as vacas de sua marca que de fato houvessem sobrevivido. Por muitos documentos do Archivo General de la Nación em Buenos Aires sôbre a condução e invernação de gado vacum e muar, temos que geralmente o condutor recebia de 20-30% do que conseguia levar a são e salvo para o seu destino. Cremos que era a maneira em que mais fâcilmente se asseguravam

os interesses de todos. — Se agora todos os proprietários tivessem recebido do bloco final na proporção de cinco para cinquenta, ou sejam 10% (um décimo) do que houvessem colocado no lote inicial, então poderíamos calcular de alguma maneira o gado que havia saído do Peru e o gado que havia entrado no Paraguai, pois que Dorantes nos avisa que se perderam 500 vacas antes de Santa Cruz de la Sierra e 130 entre Santa Cruz e Assunção. Se chegou dez vezes menos do que havia saído, não teria chegado muito mais que meia centena. Mas tudo isto são conjeturas que estão de pé ou caem conforme estão em pé ou caem as premissas em que se apoiam.

Parece que Cáceres não fez nem mandou fazer outra introdução do gado.

Passemos a ver a atuação de Juan de Garay: compromissos e cumprimento.

85. *Compromissos de Zárate e seu lugar-tenente Juan de Garay.* Enquanto trabalhava Felipe de Cáceres, Juan Ortiz de Zárate conseguira regularizar em Espanha sua situação de Adelantado. Tomou posse legalmente em 15 de fevereiro de 1575. Mas seu representante Felipe de Cáceres se tornar impossível no Paraguai, e teve que ser degradado. Zárate nomeou outro amigo seu Juan de Garay em lugar de Cáceres. Garay contraiu com Zárate a obrigação de levar ao Paraguai 4000 vacas, 50 cabras e 300 cavalos e éguas. A data era dentro de três anos. Encontrá-los-ia nas estâncias de Zárate em Charcas e Tarija. (49) Não sabemos se era um compromisso inteiramente novo ou se era a retomada pelo menos parcial dos compromissos, que pesaram sobre Cáceres. E' uma dúvida. Mas a dúvida por excelência é se Garay pôde cumprir ou não os seus compromissos. Há os que o afirmam e há os que o negam.

86. *Os que afirmam a introdução de gado por Garay.* A tese afirmativa é sustentada em primeiro lugar pelo Cabildo de Buenos Aires, e em seu seguimento pela maior parte dos historiadores. Diz que Garay venceu muitos impossíveis para levar o gado desde La Plata até Assunção. Fala depois da distribuição das 4000 vacas entre as cidades que ia fundando Garay. (50) Vendo os argumentos dos que negam a tese, temos a impressão de que devem andar por aí algumas confusões. Parece que se conclui do dever imposto para o dever cumprido, o que nem sempre é a mesma coisa. Não temos tempo nem meios de verificar como pôde o Cabildo afirmar o que afirma se é verdade o que alegam os que negam a tese, baseados na própria negação



categórica do próprio Garay. Vejamos a tese dos que a negam.

87. *Os que negam a tese se baseiam sobretudo numa razão que apresentamos ao juízo dos leitores.* Em primeiro lugar devia constar em algum documento coevo que Garay realmente havia feito a tal introdução do gado. Os homens públicos de então nunca deixavam de esclarecer patentemente diante do Rei as suas benemerências para assim se candidatarem a honras e mercês da parte do Rei. Ora, quanto saibamos, nada consta em documentos coevos. Não será precisamente porque sem fraude não podia constar? — Depois veremos mais adiante, como ainda em 1587 Juan Torres de Vera y Aragón, gênero de Juan Ortiz de Zárate e herdeiro de suas obrigações, introduz segundo prova Sierra (51) 4000 ovelhas e 8500 cabeças de gado vacum. Será que isto não sugere que Garay, que morreu em 1583, não havia podido cumprir com os encargos de Zárate?

Mas parece que tôdas as dúvidas ficam dissipadas com uma declaração formal e solenemente jurada do próprio Juan de Garay, em que afirma perentoriamente que não cumpriu os compromissos assumidos com Zárate quanto à introdução de gado vacum no Paraguai. Vejamos as circunstâncias. Morrera Zárate, deixando o cargo de Adelantado a quem casasse com sua filha e herdeira. Ora quem casou foi Juan Torres de Vera y Aragón. Êste teve uma questão com o Fiscal do Rei e Garay foi chamado a depôr, naturalmente com juramento, em 1583. (52) Portanto três anos depois de ter fundado a segunda Buenos Aires e oito anos depois de ter fundado Santa Fé, e no mesmo ano em que pereceu assassinado por índios do Paraná.

A uma das perguntas responde Garay que é bem verdade que Zárate lhe mandara desde Assunção a Santa Fé a ordem de ir comprar os referidos gados; que êle, Garay, já se preparava par ir, quando soube da morte do Adelantado em Assunção. Acrescenta que recebera ordem de Diego de Mendieta, para que fôsse tratar as coisas do gado e outras coisas com a filha do falecido Adelantado. Diz mais (Garay) que por largos meses não teve tempo de ir ao Peru, e que entretanto Juan Torres de Vera casara com a filha do Adelantado, herdando com isto o cargo do sogro. E que a Torres de Vera restituiria o poder e ordem que tivera (Garay) do falecido. Que Vera e Aragón lhe mandara então comprar o gado no Tucuman... Mas por ver que Vera y Aragón tinha dificuldade em ser admitido no govêrno que adquirira por casamento com a filha do Adelantado, e tam-

bém por suas muitas ocupações com a repressão dos índios revoltados, ainda não pusera em execução o que lhe havia mandado Vera y Aragón... (53)

Portanto, supondo a autenticidade da afirmação de Garay, que não temos meios de verificar exatamente, temos que Garay mesmo afirma solenemente e com juramento, que não cumpriu nem o que lhe mandara Zárate, nem o que Mendieta, nem o que Torres de Vera y Aragon. Êste depoimento foi feito em 1583, e neste mesmo ano morreu Garay às mãos dos infiéis das solitárias margens do Paraná.

Temos, pois, que negar a introdução de gado *vacum* feita por Garay desde o Peru ao Paraguai, até que se nos apresentem provas de que Garay mentiu quando fez a mencionada declaração ou que não a fêz de maneira alguma.

88. *Esta atitude não é diminuir a glória de Juan de Garay.* E' dizer simplesmente a verdade, da qual ninguém se pode esquivar, por mais que ofenda suscetibilidades exageradas. Garay fez muito bem em se preocupar de coisas muito mais importantes. Se o gado, trazido pelos irmãos Góis se multiplicara tanto, segundo afirma o Cabildo de Buenos Aires, que dava para manter tôda a província do Paraguai, e se além disso ainda estava o gado trazido por Felipe de Cáceres, para que iria o grande Garay abandonar tarefas tão importantes como era o enraizamento seguro de Buenos Aires e Santa Fé, para ir buscar mais alguns milhares de rezes a dois mil Klms de distância e levá-las para um lugar onde já havia relativamente muito?! Quanto gado não haveria por 1583 no Paraguai e todo o Rio da Prata, se em 1555 entraram talvez algumas dúzias de vacas e em 1568 outras tantas ao menos? Parece que é glória maior para um governante, dedicar-se em primeiro lugar às coisas mais urgentes.

Se Garay não foi talvez um dos introdutores, foi um dos mais *gloriosos e imortais propagadores do gado vacum* que por séculos constituiria a base alimentícia e econômica de tôdo o Rio da Prata. Fundou as grandes cidades argentinas de hoje e proveu-as de gado por meio de seus auxiliares, entre os quais se encontra o maior dos pró-homens daqueles tempos, que é Hernando Arias de Saavedra, nascido e criado em Assunção do Paraguai. — Pode-se dizer que a sua ação, ou as conseqüências de sua ação, espalharam o gado *vacum* ao longo duma linha de dois mil Klms, desde o Guairá até fundamente para sul na campanha bonairense. — A Garay lhe sobram glórias. Não precisa das que êle mesmo por sua declaração se nega a si mesmo.

### 89. *Introdutores posteriores a Cáceres e Garay.*

Vicente Sierra em sua História (54) cita Juan Torres de Vera y Aragón, que em 1587, introduziu 4000 ovelhas e 8.500 vacunos «no Paraguai, em cumprimento do compromisso de seu sogro Ortiz de Zárate». Sierra não diz se o gado vinha do Peru ou do Tucuman.

Talvez haja ainda outros introdutores de gado antes ou depois de Vera y Aragón.

Mas todos êstes não podem mais ser chamados com propriedade de introdutores de gado no Paraguai, a não ser que façamos várias classes ou ordens. A caravana chamada dos irmãos Góis em 1555 seria a introdutora de primeira classe. A caravana de Cáceres de segunda. A de Garay, se se provar que foi feita, seria de terceira. A de Vera y Aragón de quarta. Porque introduzir pròpriamente quer dizer levar uma coisa para um lugar onde ela não existe. Secundariamente se pode dizer que introduzir também é levar uma cosa para onde ela não existe na devida abundância. Ora que significa «a devida abundância» de gado vacuum para a governação do Paraguai que tinha campos de criação até a Patagonia? Introdutor em fim poderia chamar-se também a quem leva gado de fora para grandes regiões do Rio da Prata em que antes ainda não se achava. Mas isto entra mais na categoria de propagadores de gado, uma vez que em tôda a circunscrição geográfica, que abrangia o govêrno do Paraguai, o gado já se achava em muitos lugares, ainda que não em todos.

Enfim quando falamos da introdução de gado devemos definir bem o que entendemos por êstes têrmos. Assim mais tarde poderemos falar de introdução de gado na Banda Oriental, porque restringimos o têrmo introdução pelo aposto da Banda Oriental, e também porque esta região está geogrâficamente, cercada de tais barreiras naturais, que o gado por si mesmo não poderia nunca entrar.

### ANOTAÇÕES PARA O CAPÍTULO TERCEIRO

1. A. Pôrto, História das Missões Orientais do Uruguai, P. Alegre, 1954, I, 244.
2. F. A. Varnhagen, Biografia de Martim Afonso. Revista do Instituto Histórico Brasileiro, V, 235 — A. Pôrto, História... I, 245.
3. Urbino Viana, Sôbre o Gado curraleiro, Rio 1927. — A. Pôrto, História... I, 245.
4. Pero de Magarlhães Gandavo, Tratado da Terra e Gente do Brasil, Ed. 1924, Rio, 102. — A. Pôrto, História... I, 246.
5. Padre Simão de Vasconcellos, Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil, 1.ª Ed., Liv. I, 40. — A. Pôrto, História... I, 246.

6. A. Pôrto, História I, 246 ss.
7. Atas da Câmara de Vila de São Paulo. São Paulo, 1914, vol. I, 39. — A. Pôrto, História... I, 249.
8. A. Pôrto, História... I, 247.
9. A. Pôrto, História... I, 252.
10. A. Pôrto, in Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Ano I, N. I, pg. 435-480: Historia do Gado do Brasil. — A. Pôrto, História... I, 250.
11. Vicente Sierra, Historia de la Argentina, 1492-1600 (citamos sempre: I), Buenos Aires, 1956, pg. 250.
12. Sierra, Historia... I, 269.
13. Sierra, Historia... I, 274.
14. Sierra, Historia... I, 274.
15. Correspondencia de Juan de Salazar. Archivo de Indias. — A. Pôrto, História... I, 255.
16. Padre Manuel da Nóbrega, Cartas do Brasil, Rio, 1931, pg. 175. — A. Pôrto, História... I, 252.
17. Carta de Juan de Salazar, in Cartas de Indias, 579. — A. Pôrto, História... I, 253.
18. Padre Manuel da Nóbrega, Cartas do Brasil, Rio, 1931, pg. 175. — A. Pôrto, História... I, 252.
19. Sierra, História... I, 268.
20. Carta de Juan de Salazar. Cartas de Indias, 579. — A. Pôrto, História... I, 253.
21. A. Pôrto, História... I, 251.
22. Ruy Diaz de Guzman, Argentina, 107. — A. Pôrto, História... I, 254.
23. A. Pôrto, História... I, 254.
24. A. Pôrto, História... I, 254.
25. A. Pôrto, História... I, 254.
26. Carta de Juan de Salazar, Cartas de Indias, 579. — Ruy Diaz de Gusmán, Argentina, 107. — A. Pôrto, História... I, 254.
27. Sierra, História... I, 267.
28. A. Pôrto, História... I, 255.
29. Correspondencia de Juan de Salazar. Archivo de Indias. — A. Pôrto, História... I, 255.
30. Cf. Números 78 e 79.
31. Carta de Juan de Salazar, Cartas de Indias, 579. — A. Pôrto, História... I, 254.
32. A. Pôrto, História... I, 255.
33. Sierra, História... I, 283.
34. A. Pôrto, História... I, 256.
35. E. A. Coni, Historia de las Vaquerias de Rio de la Plata, 1555-1750, Madrid, 1930.
36. A. Pôrto, História... I, 257, citando proposta de Juan de Salazar ao Rei.
37. R. Lafuente Machaín. El Gobernador Domingo Martinez de Irala. B. Aires, 1939, pgs. 561-562. Testamento de Irala. — A. Pôrto, História... I, 257.
38. A. Pôrto, História... I, 256, onde cita tóda a documentação.
39. Cf. Nota 37.
40. Acuerdos del Cabildo de Buenos Aires. B. N. Cod. Mss. I, 16, I, 16. — A. Pôrto, História... I, 258.
41. Sierra, Historia... I, 320 ss.
42. Sierra, Historia... I, 320 ss.
43. Sierra, Historia... I, 321.
44. Ruy Diaz de Gusmán, Argentina, 142. — A. Pôrto, História... I, 259.
45. Sierra, Historia... I, 322.

46. Cf. Nota 44. — A. Pôrto, História... I, 259.
47. Sierra, Historia... I, 325.
48. Carta de Pedro Dorantes. Garay, Doc. 136-138. — A. Pôrto, História... I, 259.
49. Archivo de Indias. Anales de la Biblioteca, X, pg. 69. — A. Pôrto, História... I, 260.
50. Acuerdos del Cabildo. Cod.mss cit. Publicado in Acuerdos del Extinguido Cabildo de Buenos Aires, 1704. — A. Pôrto, História... I, 259.
51. Sierra, Historia... I, 401.
52. Anales de la Biblioteca, X, pgs. 176. — A. Pôrto, História... I, 261.
53. Cf. Nota 50.
54. Sierra, Historia... I, 401.

## CAPÍTULO QUARTO

### A DIFUSÃO DO GADO BOVINO NO RIO DA PRATA

#### EM GERAL.

90. *A aptidão extraordinária de todo* o Rio da Prata para a pecuária devia ser conhecida desde cedo pelos fundadores espanhóis. Ainda que raramente saíam da água do rio quando subiam e desciam pelo Paraná, contudo de oitiva ou de vista devem ter-se apercebido da imensa área campestre que se estendia diante deles. De Corrientes para cima havia mais mato na margem esquerda do Paraguai, mas daí para baixo o pampa se estendia até a Patagonia e por quase mil Klms para oeste, e uns mil e tantos também para leste de Santa Fé e Corrientes. Era campo para dezenas de milhões de cabeças, sem que os brancos tivessem que fazer mais do que largar o gado, depois de ser tão numeroso que não pudesse mais ser exterminado pelos índios. Já em 1553 e 55 escreviam, segundo Coni, que largando as vacas em algumas dezenas de anos encheriam tudo... (1)

Mais concretamente, na banda de Buenos Aires alargavam-se campos para todos os lados, menos para o estuário. E' verdade que segundo Coni há muitos trechos ineptos por falta de água ou água potável à superfície. No lugar de Santa Fé havia campos para ambos os lados do Paraná. Mas no lado direito havia os índios inimigos, ao passo que na banda Oriental do Paraná os charruas facilmente se amigaram com os brancos servindo mesmo de peões em suas estâncias posteriores. (2) — Em Corrientes a oeste havia os índios inimigos, a leste os guaranis que posteriormente se converteriam e fariam amigos dos brancos. Assunção tinha no Chaco os índios inimigos e na sua banda esquerda havia matos e campos misturados, dada a natureza algo montanhosa da terra. A banda oriental podia ter sido entrevista pelos primeiros navegadores do Paraná e Uruguai.

Em todo o caso parece que os fundadores das cidades espanholas no Rio da Prata conheciam bastante a aptidão da terra para a pecuária em grande escala.

91. Também poderiam entrever de alguma maneira *a grande importância* do boi para o povoamento da terra, e mais ainda desta terra. A natureza campestre mostrava que o solo era relativamente fraco para a agricultura em escala maior. — Além disso, com um que outro navio por ano que exportar e para onde? Para as costas fertilíssimas do Brasil? Depois as sêcas, os gafanhotos, as devastações dos índios! E onde buscar os braços para a lavoura intensiva, quando os índios não queriam trabalhar e os brancos eram quase todos necessários para o serviço das armas nos primórdios da conquista? A lavoura não tinha perspectivas de sucesso.

Ao contrário, na pecuária em grande escala, e à la americana, haveria solução para tudo. Haveria couros e sebos para exportação e mil e um usos caseiros. Haveria sobretudo alimentação boa e barata que não exigiria mais trabalho que o de recolher e abater as rês. Haveria bois para o trabalho da lavoura e para os transportes de cargas e pessoas. E tudo isto feito não propriamente como trabalho, pois dêste não gostavam nem os brancos e menos ainda os índios, mas mais como ocupação de bravatas e ostentações, na doma dos cavalos e na arreada dos bois.

Onde podia viver o boi, podia viver o homem, que sempre lhe seguia na pegada difusiva, depois de o nuclear nas povoações principais ao longo do Paraná. Era o boi a solução no sul do Continente. E grandeza foi dos povoadores não teimar inutilmente em outras coisas. A senha era difundir o boi.

92. Quanto *aos autores da difusão* teremos que distinguir entre os difusores oficiais e particulares, entre os mandantes e os executantes. Os irmãos Góis foram particulares. Cáceres, Garay e Torres de Vera foram em parte mandantes em parte executantes. O mandante supremo era o Adelantado que tinha assumido a obrigação oficial. Mas junto a êstes oficiais, será que não havia muitos particulares? Quem tem propriamente mais mérito, o mandante ou o executante? O mandante muitas vezes não dá mais que o dinheiro que lhe sobra. O executante põe em jôgo tôda a sua prudência e energia e não raras vezes arrisca a vida. E mesmo no caso de executantes responsáveis como Cáceres e Garay, fica o caso dos executantes subdelegados.

93. Teríamos que ver o *modo jurídico em que se levavam os gados*. Em anos posteriores o transporte de tropas de gado, vacas, cavalos, mulas, muitas vèzes se fazia por empreitada, como se vê em muitos documentos do Archivo General de la Nación em Buenos Aires, Sección Compañia. O empreiteiro recebia de 20 a 30 por cento do que conseguisse levar são e salvo para o destino, estando assim mancomunado o seu interêsse com o interêsse dos proprietários. Será que as introduções e difusões de gado se faziam da mesma maneira? Será que muitos proprietários entregavam diferente número de cabeças ao empreiteiro, que engajava e pagava os peões e vaqueiros e recebia no fim de cada um a sua percentagem? No caso das sete vacas e um touro de 1555, se diz que pela condução de sete vacas e um touro Gaete recebeu uma vaca. Dorantes fala de proprietários que após a introdução feita por Cáceres recebiam apenas cinco vacas de cinqüenta. Cinqüenta que haviam entregado no lugar da partida? ou a que teòricamente teriam direito?

E agora qual o modo de levar o gado na difusão para as cidades que se iam fundando? Para Corrientes foi Hernandarias que levou 1500 vacas. Vacas de quem? De muitos, de poucos, de um só? Vacas del Rey ou chucras tiradas da Vacaria comum?

Creemos que os moradores que de Assunção se mudavam para as recentes fundações teriam em Assunção os seus gados com a respectiva marca. Entregariam tantas e tantas ao empresário responsável, que no caso de Corrientes teria sido Hernandarias. Também é possível que sejam duas pessoas diferentes, a pessoa do chefe da escolta militar que acompanhava a tropa e o chefe dos vaqueiros que fazia os serviços do gado.

Na literatura de que dispomos não encontramos resposta clara a estas perguntas, que é geralmente omitida pelos que tratar do gado. Mas não deixa de ter a sua importância, se queremos falar de méritos na difusão do gado através do Rio da Prata. Vê-lo-emos também mais tarde na introdução do gado na Banda Oriental.

94. *Deve-se mencionar também o modo prático de levar a tropa de gado*. O modo prático não pode diferir sensivelmente da maneira com que se levava nos séculos posteriores uma tropa de gado *vacum*. — Umás poucas cabeças podiam ser transportadas em balsa, levando um pouco de feno ou saltando à praia para pastar. Mas tal não se dava com grandes tropas, como as que foram para a fundação de Santa Fé, Buenos Aires e Corrientes. O transporte



devia ser por terra, escolhendo a rota de maneira que se evitassem quanto possível as grandes barreiras hidrográficas, houvesse pasto e aguada em tempo oportuno e fôsse possível evitar as emboscadas dos índios que moravam ao longo da rota. Por algumas indicações que traz Sierra, na fundação de Corrientes, (3) concluimos que a rota das tropas costumava ser: passar o Paraguai a sul de Assunção e seguir através do Gran Chaco para baixo. Embora houvesse inimigos por lá, havia não obstante mais campo do que mato e banhado. Se para fundar Corrientes na margem esquerda do Paraná, o gado veio pela margem direita dêste rio, a fortiori irá pela mesma margem para chegar a Santa Fé e Buenos Aires. Pode, pois, conjeturar-se com bastante certeza sôbre as peripécias que passariam os condutores das tropas de gado que iam fundar as cidades ao longo do Paraná e Paraguai.

95. *Critério de divisão dêste capítulo.* — Podia ser segundo os anos de fundação, segundo a localização geográfica, segundo os autores da difusão, e segundo a finalidade principal que tinha a respectiva fundação. Escolhemos o critério cronológico, procurando ver brevemente em cada cidade a sua fundação, o gado que teriam levado, a evolução do gado em vacarias e estâncias. E' claro que as fundações anteriores a 1555 só podiam receber cavalos e porcos, já que só êstes animais estavam no Rio da Prata desde a fundação da primeira Buenos Aires em 1535. **Por fim daremos um breve resumo com critério geográfico.**

#### 95a. *Divisão pormenorizada.*

##### EM GERAL.

- Aptidão... (90)
- Importância da pecuária para o Rio da Prata (91)
- Autores da difusão do gado... (92)
- Modos da difusão:
  - aspectos jurídicos (93)
  - aspectos práticos (94)
- Critérios da divisão (95)

##### EM PARTICULAR.

- Primeira Buenos Aires em 1535 (96)
- Assunção em 1537 (97)
- Ontiveros em 1556 (98)
- Ciudad Real em 1557 (99)
- Santa Cruz de la Sierra em 1559 (100)
- Vila Rica do Espírito Santo em 1570 (1576?) (101)
- Santa Fé em 1573 (102, 103, 104)

Zaratina em 1574 (105)  
Segunda Buenos Aires em 1580 (106, 107, 108)  
Concepción del Bermejo em 1585 (109)  
Corrientes em 1588 (110, 111, 112)  
Santiago de Xerez (114)

Aspeto geográfico da difusão (115), em que o gado participa de alguma maneira no sentido das fundações humanas. (Fundações a nordeste, a noroeste, a sul e a oeste).

### **Explicação.**

96. *A primeira Buenos Aires* (4) fundada em 1535 por Don Pedro de Mendoza não podia ter gado vacum, porque este ainda não existia no Rio da Prata. Só veio como vimos em 1555 para Assunção. Parece que Mendoza trouxe suínos. Em todo o caso trouxe seus cavalos de guerra e de reprodução, o que se vê, além dos muitos documentos que falam dos cavalos, também do fato de haver em 1580, na segunda Buenos Aires uma «yeguaria» que os fundadores avaliavam em 80.000 ou 800.000 cabeças. Estes equinos pastavam selvagens nas imensas pradarias de Buenos Aires e eram relíquias dos sementais deixados na primeira Buenos Aires.

O primeiro gado vacum veio para a região de Buenos Aires apenas na segunda fundação em 1580, como veremos mais adiante.

Parece que já havia na primeira Buenos Aires alguns sementais de porcos, porque mais tarde aparecem em Assunção sem que se saiba donde vieram. Era muito fácil levar porcos nos navios: o lugar que ocupavam na coberta dos navios era pouco, a alimentação fácil por serem animais onívoros, a resistência aos percalços da viagem era grande, a proliferação abundante. — Parece que era costume levar porcos e galinhas nos navios para ter alguma carne fresca. No Duc de Chartre que naufragou em 1743 nas praias do Rio Grande do Sul havia um porco que, através das ondas chegou vivo à praia. (5)

97. *Assunção*, fundada em 1537. (6) Sobre o gado da cidade de Assunção antes de 1555 não precisamos perder palavra. Saira da primeira Buenos Aires e como tal não podia ter senão cavalos e porcos. Aliás como veio o gado vacum para São Vicente, na Costa de São Paulo em 1534, assim afinal também poderia ter vindo a Assunção nos navios de Espanha. Mas não consta nada a respeito. Portanto até 1555 Assunção só contava com cavalos e porcos.

98. *Ontiveros*, fundada em 1556. O primeiro gado vacum veio em 1555. Ontiveros que foi fundada, segundo indica Vicente Sierra (7) em 1556, será que teve gado vacum na fundação ou logo mais? Ontiveros esteve bastante acima do Salto das Sete Quedas, mais ou menos na rota em que vinham, iam e vinham os paulistas e os espanhóis que transitavam entre a costa e o Paraguai, como por exemplo a comitiva de Alvar Núñez Cabeça de Vaca, e os seus partidários que antes de 1555 haviam fugido para São Vicente. Parece que Irala quis opôr um dique à caça e compra de índios que os paulistas faziam no Guairá. Em 1554 Irala mesmo explorara a região. Em 1556 (20 de março) o capitão Garcia Rodriguez de Vergara foi com sessenta espanhóis e fundou Ontiveros uma légua acima do Salto do Guairá. Sierra indica que esperava tirar ouro do rio. (8)

Os poucos textos à disposição não permitem avaliar se levariam gado. Com certeza levaram seus cavalos. Talvez também porcos. Vacas de certo não levaram. Pois apenas em 1555 vieram de São Vicente e os donos não as arriscariam em um lugar tão mal seguro. — Por uma referência de Caviglia sabemos que os missionários jesuitas mais tarde tiveram que lutar contra o escárneo dos espanhóis, que se riam dos padres, por quererem enraizar gado no Guairá. (9) Sinal de que as condições na margem do Paraná não eram boas. Mas as fundações dos padres pouco a pouco entraram no Estado do Paraná até a parte central dêle, onde havia mais campos. Cremos que nenhum gado vacum foi para Ontiveros, tanto mais que no ano seguinte Ontiveros se desamparou e se incorporou com Ciudad Real.

99. *Ciudad Real*, fundada em 1557.

Irala queria fundar nos Jaráes, a oeste do atual Mato Grosso, e no Guaira. Mandou a Núfrio de Chavez para os Jaráes, mas nada se fundou. No Guairá a fundação teria a finalidade de Ontiveros, isto é opôr-se aos paulistas que com seus tupis caçavam e compravam índios naquela região. Ao mesmo tempo despacharia como fundadores os elementos indesejáveis da cidade de Assunção, os quais viviam revoltados por não haverem sido contemplados na repartição de encomiendas de índios. Rui Dias Melgarejo foi em 1557 com cem homens a Ontiveros e persuadiu a seus moradores que era melhor irem com êle algumas léguas mais para cima a fim de fundarem Ciudad Real. Fundou-se efetivamente a nova cidade na desembocadura do Pequiri.

Olhando a data da fundação, se torna mais ou menos evidente que os fundadores não podiam ter levado gado pa-

ra aquela região, pois apenas fazia dois anos que haviam vindo para Assunção as vacas dos irmãos Góis. Não arriscariam o pouco que tinham nos azares duma nova fundação. E talvez fôsse mais fácil levar gado de São Paulo para o Guairá que levá-lo da cidade de Assunção para lá. Os guai-renhos ainda em 1610 ou 20 zombavam dos jesuitas que teimavam em levar gado para o Guairá, sinal de que não se prestava muito para a pecuária, a não ser a muita distância do Paraná, onde depois os jesuitas fundaram os seus povos. Lozano pensa que êste gado missioneiro do Guairá se alçou depois da destruição dos povos e se espalhou e chegou ao mar. Mas cremos que é confusão com a Vacaria do Mar na Banda Oriental. (10)

100. *Santa Cruz de la Sierra.* (11) Núfrio de Chavez fôra mandado ao Jaráes para fundar. Não fundou nada e continuou por sua conta e risco para noroeste. Os companheiros protestaram e em 24 de junho de 1559 se separaram e voltaram para Assunção do Paraguai. Núfrio continuou e em agosto de 1559 fundou a Nueva Assunción, que, porém, não se firmou. Encontrou-se com soldados peruanos que também haviam saído com propósitos de fundação. Houve desavenças, foram a Lima, e Lima decidiu que fundasse Núfrio de Chavez. Êste voltou e fundou em 26 de fevereiro de 1561 a cidade de Santa Cruz de la Sierra no lugar em que hoje se acha. Fingindo descoberta de grandes jazidas de ouro e prata, logrou atrair mais povoadores da velha Assunção do Paraguai, que esteve em perigo de despovoar-se.

Independentemente de provas documentais, podemos dizer que Santa Cruz de la Sierra não se povoou com gado vacuum assuncenho. A longa e azarosa viagem de exploração de Chavez, o fato de ainda em 1568 levar Cáceres gado vacuum do Peru para o Paraguai, passando por Santa Cruz de la Sierra, o fato de estar a bastante pouca distância Tarija e Charcas, em que o Adelantado Juan Ortiz de Zárate aprontara o gado para ser levado a Assunção por Cáceres: tudo isto nos leva a crer que todo o gado, menos os cavalos de guerra, de Santa Cruz de la Sierra, seriam do Peru e não do Paraguai, apesar de ser a cidade uma fundação paraguaia. A não ser que os emigrantes do grande êxodo de Assunção para Santa Cruz entre 1564 e 5 tenham levado consigo os seus gados. Mas os paraguaios não iam para Santa Cruz criar gado, senão para cavar ouro e prata.

101. *Villa Rica do Espírito Santo, em 1570 (ou 76?).* A fundação se deu em 1570 ou segundo Lozano (III,

207) em 1576. Dizem os autores que Garay mandou a Melgarejo sair de Ciudad Real para leste a fim de fundar uma cidade. Saiu Melgarejo com 40 homens e 53 cavalos, andaram 60 léguas de matos e montes e fundaram na margem esquerda do Ivaí na confluência dêste com o Corumbati. Chamou-se Villa Rica porque pensou-se encontrar minas de metais preciosos. Encontraram apenas quartzos e ametistas e minérios de ferro que Melgarejo fundiu em alguns instrumentos. Jaeger, Pesquisas I, pg. 100. Note-se de passagem que esta fundição de ferro se deu mais de cem anos antes da que fez o famoso Padre Sepp na redução de São João no Rio Grande do Sul.

Não consta que levassem gado vacum. Sòmente os seus cavalos. Talvez alguns porcos, que se alimentariam bem na região dos Pinheiros.

O que perdeu Villa Rica foi a venda de escravos indígenas para São Paulo. Levados por êste engodo, avançaram os paulistas e em 1632 obrigaram os espanhóis a desamparar Villa Rica e retirar-se para a margem direita do Paraná. Tinha havido dois fins em ambos os contendores: um era econômico e pessoal, minas nos espanhóis e escravos nos bandeirantes; o outro era político tanto da parte de Irala que mandara fundar Villa Rica, como da parte das autoridades de São Paulo, que ao menos tácitamente aprovavam os avanços de sua gente, por incorporar mais terra na possessão portuguesa.

Sôbre a nova Villa Rica do Espírito Santo, fundada no Itatim veja-se Vicente Sierra, História... I, 232.

### *Difusão do gado para Santa Fé em 1573.*

102. *A fundação de Santa Fé.* — Segundo Vicente Sierra (12), Santa Fé foi fundada em 1573, por 89 povoadores, dos quais 80 eram crioulos ou nascidos na terra. Uns duvidavam do êxito por não amarem o trabalho; outros se esperançavam porque precisamente eram bons cavaleiros e bons atiradores, o que valia muito na guerra e também na paz, se o trabalho era a pecuária em grande escala. — Não interessa aqui a biografia do grande Juan de Garay, que fundou a cidade e que estava no Paraguai desde 1568, quando seu predecessor Felipe de Cáceres teve que abandonar o govêrno. A expedição fundadora foi parte por terra, parte por água. A 6 de julho de 1573 chegaram ao lugar de Cayastá, onde começaram a levantar as casas. Entretanto Garay foi mais para sul, onde chegou a estar em perigo de perecer num ataque de índios, sendo salvo por

uma escolta de espanhóis que casualmente andava por lá, vinda do Tucuman, com os mesmos propósitos fundadores. Garay voltou e fez apressar a fundação, que efetuou oficialmente a 15 de novembro de 1573. Notemos de passagem que uns oitenta anos mais tarde, em 1651 trasladou-se a cidade mais para o sul, a fim de não estar tão afastada de suas estâncias ocidentais e a fim de deixar mais afastados os índios do noroeste que sempre a hostilizavam, na margem ocidental. (13)

### 103. *O gado que levariam na fundação de Santa Fé.*

Não encontramos na grande História da Argentina de Vicente Sierra alusões claras a êste ponto, sendo que era quase a base principal de tôda a sua economia durante muitos anos. Só se vê que levaram cinqüenta ou cinqüenta e cinco cavalos, e o gado que foi por terra. Como naqueles tempos ainda não estava pacificado o caminho de Itapua, que mais tarde era o caminho ordinário de tudo que subia e descia de Assunção para baixo, é de crer que o caminho do gado seria na margem direita do Paraguai e Paraná, onde haveria menos rios e banhados e mais campos, proporcionando mais defesa e mais pasto para o gado em marcha. — Groussac (14) diz que eram, como era evidente, cavalos, éguas e gado vacum. Parece, pois, que não consta quantos vacunos seriam. Acrescenta Groussac que nos primeiros tempos Santa Fé foi abastecida por Assunção até que os frutos da terra e os gados multiplicados, facilitaram a vida material. (15) Seriam muitos ou poucos os bovinos que levaram? Em Assunção fazia quase vinte anos que estavam os gados vicentinos que julgamos seriam algumas dúzias em 1555 e, segundo o Cabildo de Buenos Aires, antes da chegada do gado peruano, em 1568, já bastava para manter Assunção e distritos. Coni diz em seu livro, página 12, que em 1627 se julgava que Santa Fé já tinha 100.000 cabeças de gado vacum, donde se poderia calcular o casco inicial com alguma aproximação. Também podemos concluir certa abundância no casco inicial pelos fatos que aponta Coni, a saber que já em 1577 se mandou que os donos de gado, que tivessem rézes nas ilhas do Paraná, as marcassem. No mesmo ano se vendia uma cria de égua ou vaca por uma quarta de pano. Se a quarta fôr a quarta duma vara então seria um lenço de 20 por 80 cms por uma rez ainda por criar. Tôda a cabeça de gado menor por uma libra de algodão (em rama), ou seja cêrca de meio Klg por uma ovelha, um porco, uma cabra. (16)

Os povoadores eram na sua imensa maioria crioulos,

homens afeitos e afetos quase exclusivamente às lides campeiras como esforço pessoal de trabalho.

Portanto conhecendo êles a aptidão preferencial da terra, havendo abundância de gado *vacum* em Assunção, e sendo mais do gosto dos povoadores a pecuária que a lavoura, é de supôr-se que levariam para casco inicial o máximo que lhes era possível.

#### 104. *Evolução do gado Santafecino em Vacarias e Estâncias.*

Não podemos nem queremos entrar em demasiados pormenores, que talvez nem existam documentados. Mas é evidente de antemão que deviam ser extremos os cuidados com os plantéis, por causa da relativa raridade e preciosidade das primeiras rêzes de que cada um dispunha, por causa dos perigos, como tigres, enchentes, cobras venenosas e índios. Começariam com o sistema curraleiro, continuariam com potreiros, rincões e estâncias, que iam crescendo à medida que crescesse o número dos rincões que abrigavam o gado... Garay tinha a sua estância onde mais tarde foi trasladada a cidade de Santa Fé, como anota Vicente Sierra (17) ao tratar dêste assunto. Em 1577 já se mandava aos donos que tivessem gado nas ilhas que o marcassem. Uma ilha é uma estância ideal por causa da cêrca natural da água.

Os estudiosos terão esquadrinhado os documentos e apontado o paulatino avançar das estâncias na margem direita e esquerda do Paraná. E mais na margem esquerda do que na direita, apesar de estar a cidade na margem direita. Por que? Porque na Banda Ocidental, sobretudo mais para o norte havia índios mais hostis do que na Banda Oriental. Nesta havia os charruas de Entrerrios, que nunca se pacificaram completamente, mas que gostavam de lidar com os espanhóis. Digamos antes que êstes sabiam conquistá-los para as lides campeiras, de modo que não só respeitavam de alguma maneira os brancos, mas até lhes ajudavam na vida de campo. Foi desta cooperação de brancos e charruas em Entrerrios que nasceram os primeiros gaúchos ou seja brancos que se retiravam mais ou menos para sempre da vida civilizada e permaneciam no meio da indiada dos campos. Foi, pois, na Banda Oriental do Paraná (não do Uruguai!) que se estenderam as estâncias santafecinas. E o gado que se escapava destas estâncias em breve começou a formar a Vacaria de Santa Fé. Em 1606 Hernandarias encontra vacas a 10 léguas do Paraná na sua margem esquerda. Seriam uns 50-60 Klms terra adentro.

Em 1627 se calcula que Santa Fé teria umas 100.000 cabeças de gado o qual estaria sobretudo nas suas Vacarias de Entrerrios. (18) Entre 1630-40 começa a nuclear-se o gado da Vacaria de Santa Fé nas estâncias do povo de Japeju. Em 1636 há um encontro sangrento entre guaranis cristãos e charruas pagãos, que haviam tirado cavalos da Vacaria de Santa Fé. Olhando um mapa da região de Entrerrios vemos que o divisor de água vai mais ou menos em direção nordeste, desde a margem oposta a Santa Fé até a desembocadura do Ibicui, onde na margem ocidental do Uruguai estava Japeju. Ora em lugares de cochilhas e mais ainda de grandes baixadas, o divisor de águas, ou ao menos as abas do divisor de águas, costuma ser a rota mais favorável para a difusão espontânea do gado, como se vê também na Banda Oriental do Uruguai onde a Vacaria do Mar se estendeu sobre a divisa entre as vertentes atlânticas e do Uruguai. Assim se compreenderia a pronta chegada da Vacaria de Santa Fé às proximidades de Japeju. A vacaria estaria de alguma maneira canalizada pela divisa das águas.

105. *Zaratina*. Segundo Sierra, (19) Zaratina ou Saratina fundou-se por Juan Ortiz de Zárate (daí Zaratina!) e Juan de Garay em maio de 1574, na margem esquerda do Rio San Salvador, praticamente à entrada do Rio Uruguai. Devia servir para receber os navios de Espanha, pois a segunda Buenos Aires só se fundaria seis anos mais tarde pelo mesmo Juan de Garay.

Mas os povoadores estavam a mais de mil Klms da cidade-mãe de Assunção. Santa Fé estava mais perto, mas apenas tinha um ano de fundação (1573). Corrientes faltava ainda muito para fundar (1588). Sentindo-se abandonados na imensidão, entre índios ferozes, os povoadores pouco a pouco fugiram da povoação. Uns 40 se escaparam para Córdoba del Tucuman, para escapar ao castigo a que estavam sujeitos por abandonarem uma fundação a que se haviam comprometido. Em 1577 fugiu também uma grande parte dos soldados que iriam ser mandados para lá. Zaratina ficou abandonada.

Não nos consta que para Zaratina fôsem levados gados fora dos cavalos de guerra que sempre se levavam. Se levaram gado, levá-lo-iam de Assunção, porque Santa Fé mal estava fundada. Parece antes que não levaram gado vacuum. Se levassem e ainda que não permanecesse depois da retirada dos povoadores, contudo o fato ofereceria pretexto para afirmar mais tarde lançamentos de gado feitos por espanhóis na Banda Oriental do Uruguai. Ora não nos consta



que jamais alguém alegasse tal coisa. E ainda que alegasse o lançamento, restaria a provar que tinha prosperado. Na primeira década do século seguinte Hernandárias passou em revista precisamente toda aquela zona. Não consta nada que houvesse visto gados. Ele mesmo diz que em 1611 e 1617 mandou lançar gado na Banda Oriental do Uruguai. Mas parece que nem este não prosperou.

106. *A segunda Buenos Aires: a fundação.* (20)

Desfeita Zaratina pouco antes de 1580, Garay devia pensar em uma outra fundação na boca do Rio da Prata para assegurar a posse e oferecer um povoado para receber os navios de Espanha. Decidiu-se fundar ou refundar Buenos Aires. Para os portugueses foi um alívio pois significava que os espanhóis renunciavam a fundar em São Francisco.

Em janeiro de 1580 apregoou-se a fundação e alistaram-se mais de sessenta homens, na maioria crioulos. Preparou-se gente, gado, embarcações para levar a gente. Saiu a expedição a 9 de março de 1580. Deteve-se em Santa Fé para carregar auxílios. Em 29 de junho de 1580, dia da Santíssima Trindade lançaram âncoras no Riachuelo. Em 11 de julho de 1580 se declarou fundada a cidade.

107. *O gado que levaram.* — Vicente Sierra cita documentos que falam de «mil caballos, quinientas vacas y otros ganados menores». Sierra I, 385. Dezesete homens a mando de Alonso de Vera levaram o gado por terra. A gente foi embarcada. As mulheres foram mais tarde. Há ainda dúvidas sobre quem foi o chefe da caravana do gado: se foi Alonso de Vera ou Hernandárias. Sierra parece sugerir que o gado de Buenos Aires procedia todo do gado peruano, por se tirar todo dos campos do Ibiti miri em que Cáceres pusera o gado que trouxe do Peru, e que se estima em 600 cabeças. (21) Não podemos verificar a veracidade da afirmação e os fundamentos em que se baseia. Parece estranho que os gados vicentinos que segundo o Cabildo de Buenos Aires davam para manter todo o Paraguai, não se tenham misturado com o gado peruano, quando a mistura de raças só podia aperfeiçoá-las, pois todas eram crioulas.

108. *Evolução em Vacarias e estâncias.* Sierra diz que as vacas que se levaram eram quinhentas (Nº 107), Coni prova que em 1585 as cabeças de gado vacum em Buenos Aires eram apenas 675 (22). Deviam ser grandes as dificuldades de guardar o gado, pois a região de Buenos Aires

não tinha nem matos nem pedras para fazer cêrcas, tendo que ser vigiado continuamente por pastores. Pouco a pouco foi possível ir colocando os gados mais longe das hortas e dos roçados das povoações. Alguns arroios e o apêgo à querência formariam os limites e primeiros núcleos das estâncias. Mas as secas, as queimas dos campos, algum ataque de feras ou de índios podia fazer transbordar o gado de suas fronteiras. Começaram assim as Vacarias de gado chucro ou chimarrão, ou seja gado que escapava completamente da vista e do contrôle dos homens. As crias selvagens já não podiam ser marcadas. O gado não se sabia de quem era. Mas os couros, os sebos, as graxas tinham seu emprêgo na casa e na exportação. Daí começou a corrida aos bois. Coni traz muitos textos sôbre o estado sucessivo das vacarias de Buenos Aires e sôbre as leis que lhe regulavam a extração, para que não se extinguisse completamente. A caça do gado selvagem produziu um anel de vazio por fora das estâncias. Por sua vez o gado na periferia dêste anel escapava cada vez para mais longe. Segundo os testemunhos que cita Coni, por 1700 a periferia extrema do gado chucro estava a 50 ou 100 léguas de distância (250-500 Klms). Portanto o quadro geral da Vacaria de Buenos Aires era o seguinte: Ao redor da cidade as roças e hortas, depois um anel sem gado para conservá-lo afastado das plantações. Depois o anel das estâncias. Depois o anel vazio da Vacaria já exterminada. Depois, segundo Coni, a 100 léguas em 1700, o anel de gado da Vacaria, que no decurso dêste século teve contatos mais frequentes com os índios araucanos cisandinos, que começaram a caçar vacas e cavalos para courear e vender os produtos aos espanhóis, provocando de certa maneira a volta da vaga de gado, que até então seguira uma direção centrífuga. Por volta de 1700 começava a extinguir-se a Vacaria de Buenos Aires e Santa Fé e por isso os espanhóis se interessaram pela Vacaria da Banda Oriental como veremos mais tarde (23).

109. *Concepción del Bermejo, em 1585.* — Juan Torres de Vera y Aragón ainda estava detido no Peru; Garay estava morto e em seu lugar governava Juan Torres de Navarrete. Recebeu ordem de fundar uma cidade que ligasse Assunção ao Peru. Engajou a gente de Alonso de Vera e Hermandarias foi encarregado da parte militar. Passaram ao Chaco em março de 1585 e internaram-se pelo Rio Vermelho. A caravana era de 150 homens bem armados e providos de tudo. Em catorze de abril dêste mesmo ano de

1585 fundaram nas margens do Bermejo a cidade de Concepción del Bermejo (24).

*O gado que levaram*, eram mil cavalos, cinquenta juntas de bois e mais de 300 vacas criadeiras. Sierra I, 404.

Na literatura que está à nossa disposição não nos consta *se o gado chegou a desenvolver-se bem*. Mas é de esperar que sim. Pois a cidade durou até 1631 em que uma coligação de índios impôs o desamparo de Concepción del Bermejo e a fuga de todos para Corrientes, sem que fôsse jamais possível repovoar a cidade, apesar de uma série de tentativas. Um dos chefes destas expedições punitivas contra os índios, é acusado de trazer de volta gado chimarrão de Concepción, o qual venderia em seu proveito (25). Parece, pois que a pecuária vingara em Concepción. Talvez fôsse esta a Vacaria de Corrientes na margem ocidental do Paraná. A vacaria que saiu das estâncias de Corrientes está na margem oriental do Paraná, em direção ao Uruguai (26).

110. *Corrientes: fundação*. Os motivos da fundação foram por uma parte o compromisso de Juan Torres de Vera y Aragón de fundar cidades, e por outra parte a necessidade de ter um entreposto entre Santa Fé e Assunção. Sierra I, 410. Parece que também se pensava na ligação de uma das cidades espanholas com a costa do mar, porque evitaria grandes perigos e demoras para Assunção em suas relações com Espanha. E das cidades do Paraná, Corrientes seria a mais indicada.

O fundador foi naturalmente aquele que tinha poderes para tal. Foi o Adelantado Juan Torres de Vera y Aragón, casado com a filha de Zárate. Mas segundo indicam documentos citados por Sierra (27), parece que os moradores de Assunção não se arriscariam à fundação se não fôsse a garantia, que lhes dava o grande crioulo Hernando Arias de Saavedra, que se achava mais ou menos à testa do empreendimento.

Os povoadores foram 140 homens e 48 mulheres. Sierra acentua que 130 dos homens eram crioulos. Das mulheres o seria a maioria também.

A viagem como de costume parte por terra, parte por água. Por água gente e coisas. Por terra o gado. Os barcos eram dois bergantins, um baixel, e 48 balsas ou sejam tablados de taquara em cima de duas grandes canoas.

A partida foi de Assunção entre 15 e 20 de março de 1588. A chegada a 29 de março. Se a parte que foi por terra, seguiu ao longo do Rio Paraguai, então é evidente

que teria ido na margem chaquenha, pois a margem esquerda está cheia de «esteros» e banhados e mais ao leste para Itapua, os guaranis não estavam pacificados. Isto se torna evidente pelo que diz Sierra, que a 29 de março Hernandarias cruzou o Paraná e a 3 de abril se fundou a cidade oficialmente. Ora neste lapso de tempo o gado não poderia marchar de Itapua (Posadas) a Corrientes. Sierra I, 412. — Tudo o mais da fundação aqui não interessa a não ser o fato de que os limites de Corrientes para leste iam até o mar (18).

111. *O gado que levaram.* Sierra, citando documentos, indica 3000 cabeças de gado vacum e 1500 de equinos. Os vaqueiros e guardas do gado eram pouco mais de uma dúzia (29). Daí concluímos que iriam uns cinco ou seis cavalos de serviço para cada um dos vaqueiros, mais os cavalos de guerra que precisariam os homens que iam fundar Corrientes, e o resto seriam na maior parte éguas. Também os vacunos na maioria seriam vacas criadeiras.

O gado menor talvez iria mais tarde. E facilmente iria por água, em balsas. Pelo menos o porco que era tão útil e fácil de criar. Parece que ovelhas e cabras não eram abundantes em Corrientes. Pois que os padres missionários quando por 1630 quiseram introduzir gado menor nas reduções sempre o foram buscar em Santa Fé e Buenos Aires, como veremos mais tarde no capítulo que trata da introdução destes animais.

Como já acenamos no número 110 esta grande tropa de gado maior comboiado por Hernandarias, certamente foi pela margem direita do Paraguai até abaixo de sua confluência com o Paraná, sendo então passado para a margem esquerda, onde se iria fundar a cidade.

112. *Evolução em estâncias e Vacarias.* a) no distrito de *Corrientes*. Aurélio Pôrto tem provas documentais, de que levaram uns três meses de contínuos cuidados, para proteger a manada de gado contra os ataques dos índios, até que estes foram de tal maneira escarmentados que socegaram momentaneamente (30). Sierra I, 413 diz que logo depois de fundada a cidade foi atacada pelos índios, que mataram 21 homens, feriram mais 15 e 100 índios do serviço, fizeram perder treze cavalos e mais algumas barcas e canoas. Também em 1591 os índios ainda mataram espanhóis correntinos que estavam trabalhando numa plantação de mandioca (31). Aurélio Pôrto I, 263, nota 50, traz documento pelos quais se vê que tanto cuidado tomaram na con-

servação do gado que não permitiram matá-lo nem para fazer as couraças de couro tão necessárias na luta contra as frechas dos índios. Mandaram que para isto se matassem touros das Vacarias. Ora parece que Corrientes nos primeiros tempos não podia ter Vacarias. Seriam touros da Vacaria de Assunção ou talvez de Concepción del Bermejo, fundada em 1585, e que por 90 e pouco já poderia ter Vacarias que na margem ocidental do Paraná fôssem chegando perto de Corrientes.

Informa o autor desconhecido da «Relação Histórica» que se acha na Coleção de Angelis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (32) (A. Pôrto I, pg. 264, nota 52) que o gado da Banda Oriental de Corrientes era do Adelantado Juan Torres de Vera y Aragón, fundador de Corrientes, e que êste gado se multiplicou assombrosamente, por ter-se proibido por muito tempo vaquear nele, nem mesmo para metê-lo em estâncias, e que desta Vacaria saiu muita tropa de gado para a Província do Paraguai e para as Missões. Diz também que, das mãos do Adelantado, o gado passou para as de Hernandarias, que era gênro de Garay, lugar-tenente do Adelantado. Ora Hernandarias e seus herdeiros podiam vender a quem quisessem o direito de vaquear na sua Vacaria. Diz, pois, a «Relação histórica» que no tempo em que os jesuitas meteram gado nas reduções era detentor do direito de vaquear o capitão Manuel Cabral Alpoim, português que, em criança viera com sua mãe para o Rio da Prata. Cabral, em 1628, aparece como aliado dos guaranis cristianizados contra a conjuração dos pagãos da Banda Oriental do Uruguai, que haviam matado os padres Roque Gonzales de Santa Cruz, Afonso Rodrigues e Juan del Castilho.

Portanto ainda que não disponhamos no momento de argumentos mais especificados, podemos afirmar que os correntinos começaram a multiplicar cuidadosamente seu gado vacum nos seus currais e rincões de estâncias, e que, quando o gado escapou e se asselvajou na Vacaria de Corrientes, proibiram a extração por muito tempo, para que se multiplicasse de tal maneira que não pudesse mais ser extinguido. Esta providência foi de imensa vantagem para as reduções, que, entre 1610 e 30, se fundaram a leste de Corrientes, às quais a Vacaria de Corrientes forneceu primeiramente o gado necessário para povoar as estâncias guaranis na margem ocidental e oriental do Uruguai, e segundo para os salvar da fome em várias ocasiões, sobretudo em 1638 quando escapavam da «razzia» dos bandeirantes.

113. *Com isto já tocamos a relação do gado correntino com Missões.* Mais tarde teremos que ocupar-nos mais detidamente com êste ponto. Mas nesta altura convém antecipar resumidamente uns dados, para ressaltar a importância da Vacaria de Corrientes para a Banda Oriental e com isto para a pecuária, que, de 1630 mais ou menos até a altura de 1900, imperou no Rio Grande do Sul.

Primeiro veremos que de Corrientes procedem os gados vacuns que foram introduzidos na antiga Banda Oriental. E' verdade que de alguma parte pode provir também da Vacaria de Santa Fé. Mas foi menor a contribuição por causa da fereza dos charruas que moravam na Vacaria de Santa Fé e que eram inimigos de longa data dos guaranis.

Além disso as Vacarias correntinas salvaram algumas vezes da morte por fome os índios guaranis, sobretudo na ocasião de sua evacuação para a Banda Ocidental em 1638, quando da invasão dos bandeirantes na Banda Oriental.

A vizinhança de Corrientes e Reduções gerou também não poucos litígios de fronteiras e de gado. Mencionam-se alguns nos papéis que ficam nos arquivos e que oportunamente podem ser postos à luz do dia.

114. *Santiago de Xerez.* Desta fundação na região do Guairá, no momento não temos dados quanto à pecuária. Resumindo o que diz o General Raul Silveira de Mello, em sua História do Forte de Coimbra, (33) Rio, 1958, pg. 146, temos que Rui Diaz de Melgarejo fundou a primeira Xerez em 1580, nas vertentes do Mbotetei, que, porém, logo mais foi abandonada.

Em 1593 Rui Diaz de Guzman funda a nova Xerez, que também logo teve que ser transladada para outro lugar.

Xerez foi destruída pelos bandeirantes em 1632 ou 33, juntamente com as reduções do Guairá.

Guzman fala de terras boas para agricultura e para gado, bem como de jazidas de ouro, que mais tarde foram de fato encontradas pelos bandeirantes. — Não nos consta por ora, o que se fez de fato em questão de pecuária.

E' de supor que ao menos teriam para o consumo doméstico.

115. *Retrospecto geográfico da difusão do gado no Rio da Prata.*

Primeiramente estabeleceu-se o eixo norte-sul entre 1535 e 37, do qual ficou apenas Assunção em pé. Com cavalos, sem gado vacum.

Depois foi um esgalho a nordeste, seguindo o Paraná,

entre 56 e 70 com as fundações de Ontiveros, Ciudad Real e Villa Rica. Com cavalos, provavelmente ainda sem gado vacum. O fim era ocupar a terra e repelir o competidor luso-brasileiro, procurando sempre chegar até o mar.

Em seguida houve uma ramificação para noroeste, com Santa Cruz de la Sierra, em 1559. Com cavalos, sem gado vacum, que entretanto foi buscado no Peru. Duas finalidades: chegar à famosa Sierra de la Plata e resistir às avançadas peruanas.

Ao depois retomou-se a tentativa norte-sul, agora, extraordinariamente fecunda, com a fundação de Santa Fé em 73, de Buenos Aires em 80, e Corrientes em 88. Várias finalidades: tomar posse contra os estrangeiros a quem apetecesse estabelecer-se por ali, e também contra os peruanos que por um triz chegaram antes ao Paraná no lugar onde Garay fundou Santa Fé. Tôdas as três cidades com base principal na pecuária, à la americana, em grande escala, a qual durou por séculos e ainda continua, embora modernizada sob todos os respeitos.

Com Zaratina houve um esgalho oriental, mas não teve duração, ficando a conquista espiritual para os missionários da Companhia de Jesus, que também a encheram de gado vacum desde os contrafortes da Serra Geral até as praias do Rio da Prata.

Com Concepción del Bermejo houve outra tentativa contra ou ao encontro do Peru. Mas não teve efeito duradouro por causa da fereza dos índios chaquenhos.

O eixo Buenos Aires-Assunção no decorrer dos séculos se alargou para ambos os lados enchendo muitos milhões de Klms quadrados de campo com o gado crioulo que viera de São Vicente na costa do Atlântico e das plagas do Peru na costa do Pacífico.

#### ANOTAÇÕES PARA O CAPÍTULO QUARTO

1. E. A. Coni, *Historias de las Vaquerias de Rio de la Plata*, Madrid, 1930, pg. 8.
2. Coni, *Contribución a la Historia del Gaucho*, B. Aires, 1935, pg. 15 ss.
3. Sierra, *Historia...* I, 412.
4. Sierra, *Historia...* I, 216.
5. A. Pôrto, *História...* II, 154.
6. Sierra, *Historia...* I, 232.
7. Sierra, *Historia...* I, 267.
8. Sierra, *Historia...* I, 269.
9. Caviglia, *Sobre el Origen e Difusion del Bovino en nuestro Uruguay*, Montevideo, 1935, pg. 175.

10. L. G. Jaeger, Pesquisas I, pg. 99.
11. Sierra, Historia... I, 318.
12. Sierra, Historia... I, 327.
13. Sierra, Historia... I, 362.
14. Paul Groussac. Mendoza y Garay. Buenos Aires, pg. 359. A. Pôrto, História... I, 262.
15. Cf. Nota 14.
16. Sierra, Historia... I, 331.
17. Sierra, Historia... I, 362.
18. Coni, Historia... pg. 11 e 12.
19. Sierra, Historia... I, 371.
20. Sierra, Historia... I, 383.
21. Sierra, Historia... I, 401, 402.
22. Coni, Historia... pg. 9.
23. Coni, Historia... Em muitas passagens dispersas...
24. Sierra, Historia... I, 404.
25. Sierra, Historia... II, 236.
26. Sierra, Historia... II, 298.
27. Sierra, Historia... I, 413.
28. Sierra, Historia... I, 412.
29. Sierra, Historia... I, 263.
30. A. Pôrto, História... I, 263.
31. Sierra, Historia... I, 413.
32. Trelles, Revista de la Biblioteca. B. Aires, I, 22 e seguintes. A. Pôrto, História... I, 264.





## **ÍNDICE**

### **CAPÍTULO I.**

#### **Aptidão e acessibilidade da Banda Oriental para a pecuária. 9.**

##### Preâmbulo.

Justificação dêste capítulo (1) 9.

Divisão dêste capítulo (2) 9.

##### Explicação.

A gênese em conjunto das cinco regiões naturais.

A constelação das forças que as modelaram (3) 11.

O predomínio dos matos ou campos nas diversas regiões (4) 13.

A aptidão e acessibilidade **natural** das cinco grandes regiões.

A Faixa Litorânea

Aptidão (5) 15; Acessibilidade (6) 15; Pormenores (7) 16.

A Serra do Sudeste

Aptidão (8) 16; Acessibilidade (9) 17; Pormenores (10) 17.

A Campanha do Sudoeste

Aptidão (11) 18; Acessibilidade (12) 18; Pormenores (13) 19.

A Depressão Central

Aptidão (14) 20; Acessibilidade (15) 20; Pormenores (16) 21.

O Planalto

Aptidão (17) 21; Acessibilidade (18) 22; Pormenores (19) 23.

A aptidão e acessibilidade **artificial** na antiga Banda Oriental.

Definição de aptidão e acessibilidade artificial

Aptidão artificial (20) 24.

Acessibilidade artificial (21) 25.

Traços gerais da aptidão e acessibilidade artificial.

Da aptidão artificial (22) 25.

Da acessibilidade artificial

Por vias marítimas (23) 26.

Por vias terrestres

para portugueses (24) 27.  
 para espanhóis (25) 27.  
 para índios e Padres (26) 28.

Conclusões

quanto à aptidão e difusão espontânea do gado (27) 28.  
 quanto à aptidão e difusão artificial do gado (28) 30.

**CAPÍTULO II.: Impulso e repulsa na difusão do gado bovino.**

Introdução:

Distinção fundamental (29) 30.  
 Divisão deste capítulo (30) 32.

**1. Fôrças positivas que atraem o gado para alguma parte.**

- |                                 |                               |
|---------------------------------|-------------------------------|
| 1. A comida (31) 33.            | 5. A «querência» (35) 37.     |
| 2. A bebida (32) 34.            | 6. Os abrigos (36) 38.        |
| 3. O instinto sexual (33) 36.   | 7. O clima (37) 39.           |
| 4. O instinto gregário (34) 36. | 8. A salinidade (38) etc. 39. |

**2. Fôrças negativas que afastam o gado de algum lugar.**

Conceito geral sobre a relatividade de muitos fatores negativos (39) 40.  
 Fatores negativos em concreto.

Primeira classe: ausência absoluta ou relativa dos fatores que atraem. (40) 41.

Segunda classe: presença de fatores que ativamente repelem.  
 (41) 41.

Animais maiores e menores

Homens (índios), que em nada cultivam o gado mas apenas se comportam como feras inteligentes para com êle.

Fenômenos da natureza inanimada, causados por agentes meteóricos (chuvas, ventos, tempestades), hidrográficos (enchentes...), climáticos (frios ou calores que ajam sobre o gado diretamente, não mediante a comida e bebida tão somente).

**3. Barreiras que se opõem à prossecução da marcha espontânea do gado.**

Conceito geral de barreira para o gado. (42) 42.

Barreiras negativas que se identificam com as fôrças que repelem

Barreiras positivas, que «ativamente interceptam a marcha»...

Distinção entre barreira absoluta e barreira relativa

Barreiras em concreto.

- |  |   |
|--|---|
| 1. Barreiras hidrográficas<br>(43) 43. | 4. Barreiras químicas (46) 46.          |
| 2. Barreiras vegetais (44) 44.         | 5. Barreiras climáticas (47)<br>46.     |
| 3. Barreiras orográficas (45)<br>44.   | 6. Barreiras «sociais» (48) 47.         |
|  | 7. Barreiras «raciais» (49) etc.<br>47. |

**4. Proporção entre barreiras e fatores para que a barreira seja vencida.**

Dependências absoluta e relativa (50) 48.

Proporção em concreto: confecção de escalas (51) 48.

**5. Aplicação de tudo à Banda Oriental (52) 49.**

1. Aplicação parcial em casos ocorrentes neste trabalho.
2. Aplicação total, que ainda carece de muitos elementos de preparação.

**CAPÍTULO III. A introdução do gado vacum no Paraguai 49.****A. Introdução do gado vacum no Brasil e no Peru.**

Generalidade (53) 49.

Divisão do capítulo (54) 50.

**I. Introdução no Brasil em geral e em S. Vicente em particular.**

Motivos e decisão de introduzir o gado em São Vicente (55) 52.

Execução da decisão tomada (56) 52.

Disseminação em São Paulo

Em geral (57) 54.

Nas terras dos irmãos Góis em particular (58) 54.

Apêndice sôbre a côr da pelagem (59) 55.

**II. Introdução do gado vacum no Peru**

Cavalos com os primeiros conquistadores (60) 56.

Gado vacum e outras espécies de gado mais tarde (61) 56.

**B. Introdução do gado paulista e peruano no Paraguai.**

Do gado paulista

Antecedentes da extração furtiva do gado paulista.

Espanhóis na costa do Brasil

Fugidos de Assunção (62) 58.

Naufragados na costa do Brasil (63) 58.

Gestões inúteis dos espanhóis para voltar e voltar com gado a Assunção do Paraguai (64) 60.  
 Plano de fuga com extração furtiva de gado vacum (65) 61.  
 Combinação com os irmãos Góis que eram donos do gado (66) 61.

A fuga da caravana com gado paulista contrabandeado.

Componentes humanos da caravana (67) 62.  
 Gado vacum que levaram (68) 63.  
 Partida e perseguição pelas autoridades (69) 64.  
 Salvação da caravana pelo Padre Nóbrega (70) 64.  
 Duração e trajetória da viagem (71) 64.  
 Chegada a Assunção (72) 65.

Reparos críticos a esta versão da História

O silêncio dos contemporâneos que deviam falar (73) 65.  
 Dúvidas e conjecturas sobre o número dos animais que levaram

Exposição da dúvida (74) 66.

Argumentos da dúvida  
 Argumentos de autoridade (75) 66.  
 Argumentos de conjectura histórica (76) 66.

Resumo da conjectura (76 bis) 66.

Argumentos da conjectura a posteriori: em documentos

Quanto ao número de cabeças atingível (77) 67.

Quanto ao número de cabeças atingido

Irala e Núfrio de Chavez (78) 68.

Cabildo de Buenos Aires etc. (79) 69.

Argumentos de conjectura a priori: possibilidade e conveniência de levar mais gado (80) 69.

Do gado peruano.

Aclarações (81) 70

Os introdutores

Felipe de Cáceres

Compromissos do Adelantado Juan Ortiz de Zárate. (82) 71.  
 Execução dos compromissos por Felipe de Cáceres (83) 71.  
 Quantidade de gado que traria Felipe de Cáceres (84) 72.

Juan de Garay

Compromissos de Adelantado Juan Ortiz de Zárate (85) 73.  
 Cumprimento deles por Juan de Garay

Tese que o afirma (86) 73.

Tese que o nega (87) 74.

Juan de Garay como grande disseminador de gado (88) 75.

Outros introdutores de gado, pela via direta do Tucuman ou indireta do Chile (89) 76.

#### **CAPÍTULO IV. A difusão do gado bovino no Rio da Prata. 79.**

##### **EM GERAL.**

Aptidão... (90)

Aptidão (90) 79.

Importância da pecuária para o Rio da Prata (91) 80.

Autores da difusão do gado (92) 80.

Modos da difusão:

aspectos jurídicos (93) 81.

aspectos práticos (94) 81.

Crítérios da divisão (95) 82.

##### **EM PARTICULAR.**

Primeira Buenos Aires em 1535 (96) 83.

Assunção em 1537 (97) 83.

Ontiveros em 1556 (98) 84.

Ciudad Real em 1557 (99) 84.

Santa Cruz de la Sierra em 1559 (100) 85.

Villa Rica do Espírito Santo em 1570 (1576?) (101) 85.

Santa Fé em 1573 (102, 103, 104) 86-88

Zaratina em 1574 (105) 89.

Segunda Buenos Aires em 1580 (106, 107, 108) 90.

Concepción del Bermejo em 1585 (109) 91.

Corrientes em 1588 (110, 111, 112, 113) 92-95

Santiago de Xerez (114) 95.

Aspecto geográfico da difusão (115) 95, em que o gado participa de alguma maneira no sentido das fundações humanas. (Fundações a nordeste, a noroeste, a sul e a oeste).



## RESUMO DOS CAP. I-IV

O autor empreende uma investigação algo mais longa sobre a história do gado na antiga Banda Oriental, que compreendia então o atual Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, e a atual República Oriental do Uruguai. — Persegue dois fins principais. — O primeiro é racionalizar o assunto, visto que nas obras, aliás bem valiosas até hoje publicadas prevalece mais um simples encadeiamento de fichas, ligadas vagamente entre si por meio de critérios não uniformes de cronologia, temática, geografia e nomes de pessoas, deixando todo o assunto um tanto confuso. Também não põem claramente os diversos quesitos. Ora para se elucidarem estes, devem ser em primeiro lugar claramente formulados, com suas distinções, e afirmações parciais e graus de certeza que aparecem. O autor faz, pois, uma tentativa neste sentido.

O segundo fim é tornar mais conhecidos uns dados completamente novos contidos na obra fundamental de Aurélio Pôrto (publicada pela primeira vez em 1943, e reeditada na Livraria Selbach, de Pôrto Alegre, em 1954, pelo Padre Luiz Gonzaga Jaeger S.J.). Além de divulgar, acrescentar algumas correções e fornecer mais alguns dados recentes, que fornece o riquíssimo e quase inexplorado Archivo General de la Nación em Buenos Aires.

Os itens desta investigação total constarão do índice geral que apresentaremos no fim da primeira publicação. Será um índice por alto, sendo pormenorizado apenas o que se refere à publicação deste número. — Essencialmente tudo se compõe de duas partes. A primeira trata do influxo do homem sobre o gado, na introdução, propagação e exploração da antiga pecuária oriental (Introdução, Vacarias, Estâncias, ...) e a segunda versa sobre o influxo que o gado exerceu sobre os homens ou seja a geopolítica do gado com relação aos índios e padres, espanhóis e portugueses, desde 1626, em que começaram a ser fundadas as reduções orientais até 1828 em que pela invasão de Frutuoso Rivera se extinguiram definitivamente.



A limitação que no momento impõem as condições econômicas da Revista, só permitem uma publicação parcelada. Assim acontece que certas partes, que por si sós não teriam credenciais suficientes para a publicação, mas que pertencem logicamente à estrutura do estudo, têm que ocupar seu lugar, mesmo na publicação parcelada, com perigo de causar estranheza aos leitores...

Geralmente os autores, apresentam apenas os dados documentais que descobriram, sem assinalar as lacunas que ainda existem. O autor procura precisamente assinalar estas lacunas e deixar abertas as questões para a investigação de quem disponha de mais meios e tempo e conhecimento especializados. Só assim se alerta a atenção e se progride mais no campo da história.

Quanto aos capítulos I-IV, que ora se publicam, temos no primeiro uma tentativa de explicar por suas causas naturais a aptidão da antiga Banda Oriental para a pecuária em grande escala. Além disso a sua acessibilidade natural e artificial à propagação espontânea do gado. Desta maneira se poderão suprir muitos dados documentais que nos faltam a respeito da introdução, propagação, vacarias, estâncias (limites). Muitas questões podem ser decididas, juntando os poucos dados que possuímos com os que fornecem a geografia e as leis da propagação espontânea e artificial do gado. No segundo capítulo temos outra tentativa de resenhar as principais forças naturais que impelem ou repelem o gado na sua marcha natural; as barreiras que se lhe opõem, e a proporção entre força e barreira, que deve haver para esta ser vencida. É mais uma exposição teórica do que nos capítulos da aptidão e acessibilidade se supõe e pratica. — No capítulo terceiro temos a introdução do gado *vacum* no Brasil e no Peru, e destes dois pontos no Paraguai. No capítulo quarto temos a difusão do gado *vacum* na Província do Paraguai. Nos capítulos quinto e sexto, teremos a introdução do gado na Banda Oriental, e, se a situação não-lo permitir, algum capítulo a mais dos que constam do índice geral.

## ÍNDICE ABREVIADO DE TODO O ASSUNTO DESTA PUBLICAÇÃO

Há duas partes principais.

A. O homem e o gado.

B. O gado e o homem.

Subdivisão das partes.

A. **O homem e o gado.**

A natureza

**da terra:** aptidão e acessibilidade da antiga B. Oriental.

**do gado:** algumas leis da propagação espontânea do gado.

O homem

na introdução do gado **vacum** no Brasil, Peru e Paraguai.

na propagação do gado **vacum** em todo o Rio da Prata.

na propagação do gado **vacum** para a Banda Oriental

discussão sôbre a autoria da introdução

(espanhóis, portugueses, missionários)

a introdução feita pelos missionários e índios.

na introdução dos **equinos** na Banda Oriental

na introdução do **gado menor** na Banda Oriental.

na sua relação com o gado solto da **Vacaria**.

na sua relação com o gado das **estâncias missioneiras**.

B. **O gado e o homem.**

**As bases** do influxo do gado sôbre o homem ou sejam as utilidades do gado para o homem. Questões sôbre o uso, e questões do direito sôbre gado.

**As conseqüências geopolíticas** da presença do gado na Banda Oriental:

Geopolítica do gado em geral (no Brasil e no Rio da Prata).

Geopolítica do gado em especial na Banda Oriental

Para os diversos grupos étnicos mais isoladamente (índios, espanhóis e portugueses até 1750).

Para os diversos grupos étnicos mais em conflito uns com os outros de 1750 em diante.



## **Zusammenfassung.**

Der Verfasser beschäftigt sich mit der *Geschichte der Viehzucht* in dem brasilianischen Staate Rio Grande do Sul und der Republik Uruguay, die man bis zum Ende der Kolonialzeit unter dem Namen «Banda Oriental del Uruguay» (Östliche Seite des Uruguay-Stromes) zusammenfasste. Das bis zur Stunde herausgekommene Schrifttum begnügt sich meistens mit einer mehr oder minder losen Aneinanderreihung von Einzeltatsachen ohne durchgehendes Ordnungsprinzip, was eine klare Sicht unmöglich macht.

Einen grossen Fortschritt bedeutet das 1943 erschienene Werk von Aurélio Porto, das 1954 von L. G. Jaeger SJ von neuem herausgegeben wurde; Verfasser kommt oft auf dieses Buch zurück, verbessert manche seiner Ansichten und erweitert sie durch neue Funde aus dem Archivo General de la Nación in Buenos Aires.

Der allgemeine Plan des Werkes umfasst die Zeit vom ersten Beginn der Jesuitenreduktionen (1626) bis zu deren endgültigen Vernichtung durch den Einbruch des Bandenführers Fructuoso Rivera (1828). Die tragenden Gedanken sind wesentlich zwei: Erstens, der Mensch und die Viehzucht (Einführung, Haltung, Verwertung); zweitens, die Viehzucht und der Mensch (Geopolitik der Grossviehzucht).

Beschränkungen verschiedener Art erlauben vorläufig nur die Veröffentlichung der vier ersten Kapitel. Im ersten Kapitel wird die natürliche Eignung des Raumes für die Viehzucht untersucht, woraus sich manche Züge der Geschichte leicheter verstehen, andere unmittelbar ableiten lassen. Das zweite Kapitel untersucht in ausführlicher Weise das Verhalten des Viehes bei seiner Ausbreitung auf einem mit natürlichen Wanderstrassen und ebensolchen Hindernissen ausgestatteten Raum. Das dritte Kapitel behandelt die Einführung des Viehes in Brasilien und in Peru, und von beiden aus, in Paraguay. Das vierte Kapitel ist der Ausbreitung der Viehzucht in Paraguay gewidmet.

Der zweite Teil der Untersuchung befasst sich mit der Geschichte der Viehzucht in Rio Grande do Sul und Uruguay, also der eigentlichen Banda Oriental; er wird in Pesquisas 1961 erscheinen.

### *Abstract.*

The present paper deals with the *History of Cattle* in the South Brazilian State of Rio Grande do Sul and the Republic of Uruguay, which countries, during the Spanish-Portuguese colonial times, were known under the common name of «Banda Oriental del Uruguay» (The Eastern Margin of the Uruguay River). Literature on this theme is scarce and unsatisfactory, generally no much more than a loose assembling of facts and opinions without any guiding line of methodical research.

Noticeable progress was made in the book of Aurélio Porto, 1943 (re-edited by L. G. Jaeger S. J., 1954), which is often cited by the author, corrected in many cases, and amplified by new findings in the Archivo General de la Nación, Buenos Aires.

The general plan of Bruxel's work comprises the span of time between the first beginning of the Jesuit Mission (1626) by Roque Gonzalez, and their final destruction by the invasion of Fructuoso Rivera (1828). The guiding ideas are essentially two: Man and Cattle (introduction, breeding, economy); and Cattle and Man (geopolitics of Cattle breeding).

For several reasons, only the four first chapters can be published this year. In the first chapter, the natural layout of the country with respect to Cattle breeding is discussed; in the second, the natural behaviour and aptitudes of Cattle in relation to ways and barriers of migration are given lengthy attention; the third, deals with the introduction of Cattle into Brazil and Peru and, from both, into Paraguay; the fourth, describes the expansion of Cattle in Paraguay. Introduction, expansion, breeding, and economy of Cattle in the Banda Oriental proper (Uruguay and Rio Grande do Sul) belong to the second part of this study, in preparation for 1961.

## PESQUISAS

### PUBLICAÇÕES DE HISTÓRIA

1. A FILMOTECA HISTÓRICA DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS — A. Bruxel, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 14-67.
2. ISABEL, CONDESSA D'EU, VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL — Dioclécio de Paranhos Antunes — Pesquisas 1, 1957, 68-92.
3. LA COMPAÑIA DE JESÚS EN EL ANTIGUO GUAIRÁ — L. G. Jaeger, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 93-120.
4. PESQUISAS HISTÓRICAS EM LAVRAS DO SUL — L. G. Jaeger, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 3-19.
5. O GOVERNO TEMPORAL DAS MISSÕES E O PADRE ANTÔNIO SEPP — Mansueto Bernardi — Pesquisas 2, 1958, 21-33.
6. ALGUNAS ADVERTENCIAS TOCANTES AL GOBIERNO TEMPORAL DE LOS PUEBLOS (com tradução portuguesa) — Antônio Sepp, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 35-54.
7. UM NAUFRÁGIO NAS PRAIAS DO TRAMANDAÍ — Melchior Strasser, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 55-73.
8. PÂNICO NOS VICE-REINADOS ESPANHÓIS EM 1750; «SAN SE-PÉ» EM 1751. — A. Bruxel, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 75-79.
9. A NOBREZA DOS CACIQUES GUARANIS, DO PRIMITIVO RIO GRANDE DO SUL — Pesquisas 2, 1958, 81-112.
10. A CATA DE TESOUREOS JESUÍTICOS — L.G. Jaeger, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 9-27, 1 mapa, 3 fot.
11. O SISTEMA DE PROPRIEDADE DAS REDUÇÕES GUARANÍTICAS — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 29-198.
12. A EXPULSÃO DA COMPANHIA DE JESUS DO BRASIL em 1760: Exame Crítico-Histórico no seu Bicentenário — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 1960, História nr. 12, 64 pg.

### COLEÇÃO JESUÍTICA NO SUL DO BRASIL

- I. OS TRÊS MARTIRES RIO-GRANDENSES, os Beatos Roque Gonzáles de S. Cruz, Afonso Rodrigues e João del Castillo, da Companhia de Jesus.  
Autor: **Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.**  
2ª edição melhorada — 391 páginas ilustradas —  
encadernado ..... Cr\$ 150,00
- II. BIOGRAFIA COMPLETA DO P. JOÃO BAPTISTA REUS  
Autor: **Leo Kohler, S. J.**  
399 páginas ilustradas — encadernado ..... Cr\$ 100,00
- III. HISTÓRIA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI — 1ª parte.  
Autor: **Aurélio Pôrto**  
2ª edição revista e melhorada por Luís Gonzaga,  
Jaeger, S. J. — 434 páginas — encadernado..... Cr\$ 160,00
- IV. HISTÓRIA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI — II parte.  
Autor: **Aurélio Pôrto.**  
2ª edição revista e melhorada por Luís Gonzaga  
Jaeger, S. J. — 462 páginas — encadernado ..... Cr\$ 160,00
- V. A TRANSMIGRAÇÃO DOS SETE POVOS.  
Autor: **P. Juan Escandón, S. J. — 1760.**  
Versão do espanhol por Arnaldo Bruxel, S. J.  
Em preparação.
- VI. A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL  
Autor: **Balduino Rambo, S. J.**  
2ª edição — 458 páginas ilustradas — encadernado Cr\$ 200,00

LIVRARIA SELBACH

Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil

Pedidos diretamente ou através de qualquer livraria.